



Orientação

1. Agradecimentos	4
2. Resumo	6
3. Abstract	8
4. Introdução	9
5. O Fator Demográfico	18
5.1. . O contributo migratório na construção identitária	18
5.2. . A problemática migratória e emigratória	19
6. A Mina da Lousa	21
6.1. Nota Introdutória	21
6.2. Contextualização	22
7. Vallongo Slate – Os ingleses	25
7.1. O Cais da Lousa	30
8. A Companhia das Lousas de Valongo	33
8.1. . A Empresa	33
8.2. República, a nova ordem social	37
8.3. O Sindicato dos Mineiros da Lousa	42
8.4. O Sindicato Corporativista	47
8.5. O Sindicato dos Mineiros e o Músico Justino Ribeiro	49
8.6. Envolto no “Pó”	54
9. Banda de Campo – Apontamentos para a sua História	58
9.1. Fundamentos	58
9.2. Bandas Filarmónicas Conceitos e História	60
9.3. Bandas Enquadramento Histórico	61
9.4. Síntese analítica	64
9.5. Registos e prova documental	65

10. Banda de Campo um percurso identitário	68
11. Dados Cronológicos	70
11.1. Quadro Cronológico	70
11.2. As origens do Maestro	77
11.3. O retrato da família Teixeira no lugar de Outeiro	82
11.4. O Maestro	85
12. No início...	91
12.1. Na esfera da religiosidade	96
12.2. A Guerra, o estado e a Alegria no Trabalho	103
12.3. A estruturação dos anos 50	108
12.4. A emigração e a guerra colonial	113
13. A desconstrução do mito social	116
13.1. A banda e a população de Campo	116
13.2. O “ensino” da música	118
13.3. A questão económica	119
13.4. A sede da Banda de Campo	124
13.5. Casas de Ensaio da Banda de Campo	126
14. A (re)construção do percurso identitário da Banda de Campo	127
14.1. A identidade em evolução	130
15. A banda e as instituições	146
15.1. Junta de freguesia de Campo e Sobrado	146
15.2. Igreja	147
15.3. Empresas	149
16. Conclusão	151
17. Bibliografia	154

18. Webgrafia	156
19. Fontes hemerográficas	158
20. Fontes arquivísticas	160
21. Fontes legislativas	163
22. Fontes estatísticas	164
23. Fontes orais	166
24. Anexos	168
24.1. Índice de figuras	168
24.2. Artigos	189
24.3. Imagens	193
25. Apêndices	197
25.1. Imagens – Fotos de Autor (Pedro Rocha)	197
25.2. Correspondência	205
25.3. Inquérito Banda de S. Martinho do Campo	210

## 1. **AGRADECIMENTOS**

Um muito obrigado ao Professor Amândio Barros, orientador da dissertação, pela confiança demonstrada.

Os meus agradecimentos à direção da Banda Filarmónica de S. Martinho do Campo pela dedicação prestada no desenvolvimento deste trabalho, bem como a todos que participaram na realização das entrevistas, maestros, músicos, padre José Manuel Macedo, Sr. Presidente da junta de Campo e Sobrado Alfredo Sousa, Sr. Rui Nunes de Matos, Presidente do Conselho de Administração da Companhia das Lousas de Valongo.

Agradeço igualmente à Professora Prudência Coimbra, Presidente da Escola Superior de Educação do Porto, ao Jorge Araújo, Ana Mota e à Delfina Jagundo pelo apoio prestado, como aos docentes e não docentes da Escola Superior de Educação do Porto que de alguma forma deram seu contributo.

Um agradecimento particular ao Sr. Adriano Ribeiro, morador na localidade de Campo, pela sua pronta disponibilidade, acompanhamento e partilha de informação.

Por último, à minha família, filhos e esposa, pela compreensão e muitas vezes pela ausência. Obrigado

“Hoje já bem pouco há  
Desse mundo inicial;  
Como o de amanhã será  
Diferente do actual...”

*António Aleixo*

## 2. RESUMO

A presente dissertação desenvolve um trabalho de investigação relativo à Banda Filarmónica de S. Martinho do Campo sobre o seu percurso histórico e os dados mais relevantes da sua existência.

A tese que se defende neste estudo é de que a Banda de S. Martinho do Campo teve um papel relevante na construção do percurso social e cultural da freguesia de Campo, concelho de Valongo, e na formação da sua identidade.

O trabalho foi desenvolvido seguindo uma linha cronológica dos diferentes contextos históricos dos finais do século XIX, do século XX e até à atualidade que, de uma forma direta ou indireta, condicionaram e influenciaram a evolução da Banda de Campo.

Apesar de a dissertação ter como objeto de estudo uma banda filarmónica, seria expectável que a música tivesse um papel relevante no trabalho. No entanto o estudo não tem como objetivo desenvolver de forma exaustiva aspetos relacionados com o formalismo da música e a sua importância no contexto histórico, mas sim os fatores políticos, culturais e sociais que determinaram a organização social da banda de Campo desde a sua fundação até à atualidade.

No decorrer da pesquisa procurou-se fazer um trabalho apoiado em documentos, imagens e entrevistas realizadas a membros da banda como a elementos da comunidade local, nomeadamente o pároco da freguesia, o presidente da Junta de Freguesia de Campo e o administrador da Companhia das Lousas de Valongo, de modo a recolher memórias e apresentar factos e histórias narradas cujo objetivo será o obter elementos que possibilitem dar uma base mais sustentada e credível ao estudo sobre a coletividade.

Por último, não se pretende de nenhuma forma criar juízos de valor ou lançar opiniões que deturpem os objetivos que esta dissertação se compromete a seguir: investigação, estudo, reflexão crítica e discussão dos

temas abordados, como a história da banda de Campo, fatores demográficos, o trabalho como fator de organização social, contextos sociais e políticos e de que forma eles exerceram influências cruzadas, na banda e na comunidade.

Palavras Chave: Banda Filarmónica; S. Martinho do Campo; Mina da Lousa.

### **3. ABSTRACT**

The thesis defended in this study is that the Band of S. Martinho do Campo had an important role in the construction of the social and cultural path of the identity image of the parish of Campo, Valongo County.

The present dissertation conducts a research related to the Philharmonic Band of S. Martinho do Campo about its historical and identity trajectory.

The work was developed following a chronological order and focusing on the different historical contexts of the end of the 19th and 20th centuries to the present day, which, in a direct or indirect way, conditioned and influenced the evolution of the Band.

Although the dissertation had as object of study a philharmonic band, it would be expected that music should be relevant in the work. However, the study does not aim to develop exhaustively aspects related to the formalism of music and its importance in the historical context, but rather the political, cultural and social factors that determined the social organization of the Campo band from its foundation to the present.

During the research period, we tried to do a work based on documents, images and interviews made to members of the band as elements of the local community, namely the local parish priest, President of the Parish Council and the administrator of the Company of the Slates of Valongo, in order to present narrated facts and histories whose objective will be to obtain elements that allow a more sustained and credible basis to the study about the collectivity.

Finally, it was important not to infer judgments or cast opinions that misrepresent the objectives to which this dissertation undertakes: research, study, critical reflection and discussion of the topics covered, such as the history of the band, factors demographic, work as a factor of social organization, social and political contexts.

Keywords: Banda Filarmónica; S. Martinho do Campo; Mina da Lousa.

## 4. INTRODUÇÃO

No âmbito do Mestrado em Património, Artes e Turismo cultural, surgiu o interesse em estudar a banda de S. Martinho de Campo, as suas origens e desenvolvimento social.

O mestrado admite a possibilidade de realização de um estágio ou de uma dissertação e a primeira avaliação sobre a banda aconselhou a elaboração da segunda. O interesse pelo estudo da banda de Campo terá surgido de forma indireta devido a anteriores passagens do autor desta dissertação pela localidade de Campo, as quais tiveram inicialmente motivações recreativas e de interesse pela história natural do lugar (as serras de Valongo inserem-se dentro da classificação da rede Natura 2000). Numa outra perspetiva, a freguesia de Campo pode ter um interesse especial pela sua riqueza do movimento associativo local refletida na presença de coletividades culturais, recreativas e desportivas, o que por si só se torna uma fonte de pluralidade e de interesse social, como aqui se procurará demonstrar a propósito do estudo da banda de música da mina. A localidade de Campo pertence ao concelho de Valongo, e situa-se a cerca de 3,7 km da cidade de Valongo, sede de concelho e a 16,5 km da cidade do Porto no norte de Portugal.

Numa das passagens atrás referidas, proporcionou-se o contato com uma associação local, o Clube de Caça e Pesca de Campo. Uma associação a quem foi dado a conhecer a intenção de desenvolver um estudo sobre uma coletividade local; a esse propósito sugeriu o contato da Banda Musical de Campo devido à proximidade que tinham com a coletividade e por a considerarem uma das mais antigas associações da freguesia (atualmente designada por Espaço Musicultural de Campo). Aconselharam igualmente o contato do Sr. Adriano Ribeiro, autor do livro *Histórias da Minha Terra*<sup>1</sup> no qual descreve histórias da freguesia, que após um primeiro encontro a sua

---

<sup>1</sup> (RIBEIRO A. , 2003)

colaboração seria fundamental para o desenrolar do trabalho de pesquisa ao estabelecer pontes de comunicação entre os diferentes intervenientes no processo de estudo.

Após uma visita à coletividade musical e do contato informal com os membros da direção, criaram-se empatias e um maior acercamento sobre a história (ou a falta dela) da instituição. Na verdade, poderia ser qualquer associação local; todavia ficou claro que desde o início a banda era a que reuniria os pressupostos necessários para a compreensão da história social e cultural dos habitantes da freguesia de Campo e a sua relação com a coletividade musical. O elemento que mais peso teria na decisão a tomar relacionava-se com a data do seu surgimento que se estima ter ocorrido no início do séc. XX, tornando-a a mais antiga coletividade da freguesia de Campo. Um percurso, como se verá, inseparável do da indústria de extração da lousa marcando de igual modo a era da industrialização.

A partir daí foram pensados os passos necessários para a desenvolver, como fazer um levantamento sobre fontes documentais que auxiliassem na construção do processo relativo à interpretação do seu percurso histórico. Entre os diferentes elementos afetos ao estudo, como a dinâmica populacional e a empresa das lousas, como se irá verificar, teve um papel central na dinâmica social local e onde a maior parte dos membros da banda desempenhavam um ofício, o que possibilitou que a empresa fosse igualmente um centro de recrutamento de novos elementos como crianças que se iniciavam a trabalhar como aprendizes na lousa desde os 13 / 14 anos de idade. Uma relação que irá possibilitar desenvolver a descrição de um retrato social e cultural da própria comunidade de Campo, concelho de Valongo, essencial para compreender o percurso da banda de música.

Face ao exposto, as questões sobre o tema serão orientadas pela sua relevância social e pertinência cronológica, as quais se passam a citar:

- ✓ Caracterização da localidade de Campo. História, morfologia do terreno, retrato social, político e económico.

- ✓ As migrações no contexto do desenvolvimento social, económico e cultural;
- ✓ “The Vallongo Slate & Marble Quarries”. A mina da lousa como elemento centralizador. Enquadramento económico e social;
- ✓ A fundação da banda filarmónica. Fundamentação sobre a data do seu aparecimento. Os elementos fundadores;
- ✓ A República, o Estado Novo e a Democracia (aspetos fundamentais na história de Portugal e da própria terra, como é evidente, mas demasiado complexos e dos quais, por esses motivos, ficarão apenas breves notas, uma vez que tais movimentos tiveram influência na história da instituição que aqui se estuda). Desse modo, entendeu-se que esses conceitos ideológicos e paradigmáticos foram essenciais na estruturação e desenvolvimento da Banda de Campo.

O trabalho tem objetivos muito concretos. Não pretende desenvolver aspetos de diferentes tipos de património, mas sim o desejo de compreender através de bases temáticas marcadas no tempo e no espaço, a evolução de princípios inerentes à constituição de uma organização de carácter social e cultural, que eventualmente se poderá incluir de forma conjetural nos critérios atribuídos ao que se pode denominar de património cultural e humano.

Como tal, a dissertação tentará abordar vários aspetos sociológicos do lugar, aspeto que se procurou esclarecer através do contato direto com elementos da banda bem como a compreensão das dinâmicas sociais e históricas que terão originado a sua formação, que apesar do que foi dito na abertura deste texto, a verdade é que se trata de uma banda de música e como tal não foram descuradas a oferta existente na época para o desenvolvimento das atuações do conjunto musical, como festas e romarias, dentro do concelho de Valongo e possivelmente no distrito do Porto.

Inicialmente as Bandas Filarmónicas seriam “pequenos agrupamentos de músicos civis, executantes de instrumentos de sopro, de madeira e metal e de percussão” (BESSA, 2009). No entanto desde o seu surgimento, a perceção

aponta para a participação em romarias e procissões religiosas ligadas à vida dos santos, a exemplo, o Senhor dos Passos na cidade de Valongo e as festas de S<sup>a</sup> da Encarnação, a segunda no imaginário popular devido à participação em festas, algumas revestidas de um certo caráter pagão como as Bugiadas e Mouriscadas de Sobrado, Concelho de Valongo e a Campa do Preto, Concelho da Maia, onde na primeira a Banda de S. Martinho tem um papel preponderante, tornando as suas atuações uma singularidade icónica do lugar de onde é proveniente.

Pode-se resumir o entendimento sobre a definição geral das bandas filarmónicas e o seu papel nos diferentes contextos políticos e sociais através da função que desempenhavam na área recreativa e cultural em comunidades onde se encontravam inseridas. Assim sendo, o seu aparecimento de uma forma genérica estaria associado a movimentos políticos (liberalismo), sociais e económicos (industrialização) dos meados do séc. XIX.

As bandas eram descritas através de modelos alusivos a uma caracterização ligada à indumentária das bandas militares com origens nas “Charamelas”<sup>2</sup> (BESSA, 2009), do séc. XVIII. Mas seria no liberalismo onde assumiriam uma maior difusão através do ideário romântico de natureza liberal, propiciando o aparecimento de mecenas ligados à indústria e à igreja, fundamental para o seu desenvolvimento que de outra forma dificilmente surgiriam bandas filarmónicas um pouco por todo o país.

Por conseguinte, do estudo espera-se compreender e analisar formas de organização popular sem exacerbar os apêndices do formalismo académico sobre o tema, evitando cair na generalização dos lugares comuns e na homogeneização do tema. Para tal, tanto as entrevistas realizadas como os cadernos de registos da banda feitos pelo Sr. Rafael Silva, poderão suscitar uma leitura mais esclarecida da realidade da formação musical e quais os vínculos que uniam os seus membros, nomeadamente as suas pretensões, apontamentos do quotidiano e a sua interação com o meio.

---

<sup>2</sup> Agrupamentos de sopro de madeira (Oboés, Clarinetes, Fagotes) e de metais (Trompetes, Trombones, Trompas) e percussão.

Assim, partindo do conceito que “seria tudo muito similar (em relação às bandas filarmónicas)<sup>3</sup>”, dos instrumentos usados nas atuações<sup>4</sup>, indumentária, etc., o que as diferenciava? Particularmente a banda de Campo e os seus elementos, que aqui se estuda. Nessa perspetiva, está-se a falar de um único sentido identitário ou um conjunto de diferentes identidades? Serão as bandas uma representação única e homogénea, diferenciadas unicamente pela cor da vestimenta, número de elementos, instrumentos e reportórios usados durante as atuações? E assim sendo, e utilizando uma metáfora, seria a banda que formou os sujeitos ou os sujeitos que formaram a banda? Ou o conjunto dos dois? Ou são os seus elementos que definirão a diferença entre bandas, através de vivências pessoais e coletivas? O fator geográfico é determinante? E o político? Porque não o fator trabalho e a sua importância como elemento agregador da organização social do lugar, gerador de necessidades de índole económica e social, as quais abririam portas à introdução da música no meio popular? E que interesses os moviam?

Serão diversas as questões que tornam pertinente este estudo, designadamente a aproximação da data de comemoração dos 90 anos de existência, apontando como data de fundação o ano de 1929, questão a que adiante voltaremos. Uma efeméride que se inicia nos anos da sua criação e percorre diferentes épocas, motivando a recolha de elementos documentais escritos, imagens e entrevistas a diversos intervenientes, institucionais ou não, na procura de uma ligação entre a raiz histórica do passado com as novas gerações. Um guia referencial, um preenchimento de uma lacuna temporal, consequente da ausência de provas documentais sobre o seu aparecimento público e todo o caminho percorrido.

---

<sup>3</sup> Maestro Marco Filipe. Banda Filarmónica de Campo. Expressão retirada da entrevista realizada em 04-10-2017

<sup>4</sup> Apesar dos instrumentos usados serem comuns a muitas bandas filarmónicas, poderia haver algumas diferenças relativas à marca, quantidade e qualidade. Geralmente dependeria dos agentes económicos que iniciariam ou patrocinariam as formações musicais. A título de exemplo pode-se referir bandas criadas por empresas ligadas à indústria mineira ou vidreira como a Sociedade Filarmónica Operária Amorense. “Coletividade fundada em 28 de junho de 1898, por um grupo de operários garrafeiros, que entusiasmados por um dos seus gerentes, de nome José Maria”. (Bandas Filarmónicas, s.d.)

Independentemente das motivações que estiveram na sua origem, a ideia que se fica inicialmente, é de o surgimento da banda de Campo ter sido “obra do acaso”. Uma formulação gerada através das entrevistas realizadas e de idas ao terreno, indiciando uma forte possibilidade de o grupo inicial ter começado sem um planeamento concreto, onde a casualidade de diferentes eventos locais determinaria vontades para a formação da banda de música. Aliando a curiosidade de uns, alentado pelo querer de alguma visibilidade social de outros, misturado com o encanto e o gosto pela música de alguns, complementando o “magro salário de todos”. Posto isto, a banda terá iniciado o seu percurso em função de variadas circunstâncias sociais, políticas e económicas como das características físicas do lugar, com potenciais de oportunidade para responder aos diversos anseios e expectativas dos membros iniciais que se empenharam na criação de algo que fosse diferente da realidade em que viviam, uma característica de tempos difíceis, onde o desemprego a fome como a instabilidade e censura política, acompanharam ao longo do seu percurso a coletividade musical, principalmente o período da 1ª República e o Estado Novo.

Desta forma, e como já referido anteriormente, o estudo que se pretende realizar recai sobre a área geográfica onde se insere a população local, seja pela morfologia do terreno que possibilitaria a exploração de recursos naturais como pela situação de algum isolamento dos seus habitantes, características da ruralidade do meio. Compreender e refletir sobre o contexto político das épocas e os condicionalismos inerentes ao desenvolvimento social e económico, permite estabelecer linhas de leitura sobre as distintas configurações de organização adaptativas ao meio, o que terá possibilitado ao grupo de músicos, dentro da informalidade respeitante à banda filarmónica, ter conseguido desenvolver a sua atividade musical. Como se procurará demonstrar a música será o elemento agregador, fulcral na criação de recursos económicos e na organização da estrutura familiar, onde todos os elementos forçosamente teriam um papel a desempenhar.

Por conseguinte, o objeto de estudo está delimitado territorialmente e preenche um dos pontos de partida da análise identitária do lugar, na linha dos estudos de Augé sobre esta temática (AUGÉ, 1998), sem desconsiderar obviamente, a importância da banda na formação e desenvolvimento do “ensino” informal da música nas camadas populares, inserido no contexto histórico relativo ao surgimento das bandas filarmónicas, portadoras de importantes narrativas dentro da alteração de paradigmas políticos e sociais no decorrer da história nacional. Pode-se traçar um paralelismo entre a centralidade do trabalho (PINTO, 2007), e a caracterização dos lugares, na sua organização social como no retrato descritivo das pessoas que integravam os diferentes espaços, fossem eles públicos ou privado. Espaços onde estabeleceriam laços de interesses pessoais como coletivos na formação da banda de música e a sua ligação à Empresa das Lousas de Valongo, que se tornaria um fator de relevância na influência do tecido social e económico, determinante no rumo e consequente transformação social da localidade de Campo.

Será igualmente de referir o papel da Igreja como elemento fundamental da extensão do poder político, que em muito condicionaria a ação dos habitantes locais, exercendo um posicionamento de vigilância e doutrinação moral sobre a população local. Contudo, a sua ação deverá ser enquadrada numa linha ideológica instituída pelos diferentes regimes políticos, tornando transversal e mutável a sua ingerência nos meios populares, dentro da instabilidade da 1ª República, a ditadura do Estado Novo, a revolução do 25 de Abril de 1974 e a construção da democracia. Por conseguinte, a referência a aspetos relacionados com a alteração dos paradigmas sociais e políticos, não será descontextualizada da ação que a banda teve durante o seu percurso, mas sim uma parte integrante desse mesmo percurso.

Face ao exposto, a apresentação dos capítulos, será organizada na documentação existente, (bibliografia, artigos, imagens, entrevistas, etc.) como pela relevância e pertinência cronológica e histórica, essencial na disposição do trabalho e metodologia seguida.

Na dissertação pretendeu-se seguir uma metodologia multifacetada, que tivesse como referência uma linha cronológica que acompanhasse a construção do percurso da história da Banda de Campo através dos diferentes contextos políticos, económicos e sociais e a influência que exerceram de uma forma direta ou indireta sobre a mesma. O processo de investigação procurou para o efeito documentos, bibliografia, observação *in situ* como também o acompanhamento da coletividade musical em algumas atuações, entrevistas, que procuraram obedecer a um guião, a diferentes elementos da banda como personagens de relevância institucional a nível local, que pela sua importância no meio pareceram fundamentais para o registo da memória histórica e apuramento de factos. Assim sendo, o início da dissertação foi centrado no que parecia ser mais óbvio: as bandas filarmónicas e a sua contextualização, suportada através de bibliografia existente sobre o tema, artigos e teses. Isto posto, após a consulta dos trabalhos publicados e recolhidos, verificou-se que só uma parte dos assuntos abordados foram úteis para o desenvolvimento do trabalho, nomeadamente as questões estéticas, formais e históricas relacionadas com o contexto do aparecimento das bandas filarmónicas – tal como foi afirmado, não era esse propriamente o objetivo do estudo. Assim sendo foi necessário proceder a uma revisão bibliográfica que se aproximasse mais dos dados recolhidos em relação ao objeto de estudo, a banda, e o seu entorno social.

O comparecer nas atividades da banda, fosse por convite da coletividade ou por sugestão própria, foi a forma de criar sinergias, empatia e reconhecimento para o desenvolvimento de um trabalho, que de alguma forma, constituísse uma necessidade comum para ambas as partes, motivo que dependeu sempre da vontade da coletividade musical e de alguns membros da comunidade, uma intenção possibilitada através das entrevistas realizadas e pela forte participação no inquérito, 50 respostas em 65 inquiridos, pressupostos que conferem a legitimidade necessária para levar o trabalho a bom termo - deste ponto de vista - porque para o trabalho haveria sempre legitimidade de o fazer.

No processo de desenvolvimento da dissertação, procedeu-se ao uso de meios tecnológicos digitais como forma de registar testemunhos e captação de

imagens e na realização de um inquérito *online* dirigido aos membros da coletividade musical. Não foi uma escolha aleatória, impuseram-se critérios de escolha das questões, que contivessem aspetos relacionais com o meio. Procedeu-se igualmente ao estabelecimento de contatos com membros da banda, órgãos institucionais e pessoas com reconhecido conhecimento sobre o objeto de estudo. Escolhas que se tornaram essenciais nas escolhas bibliográficas empregues durante a realização do trabalho.

Por ultimo, falar da coletividade e a sua relação com a população de Campo, demonstra que esta não pode ser separada do espaço em que foi formada e se desenvolveu. Assim sendo, a dissertação também tenciona seguir esta via, caracterizando o lugar, as pessoas, os modos de vida, o trabalho, o sentir e a relevância que teve no seio da comunidade.

O trabalho irá procurar o construir do registo identitário da formação musical e porventura da própria comunidade, com o objetivo claro de poder contribuir para um melhor conhecimento e compreensão entre gerações.

## 5. O FATOR DEMOGRÁFICO

### 5.1.. O CONTRIBUTO MIGRATÓRIO NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

O fluxo migratório interno iniciado de forma mais intensiva em meados do séc XIX, irá tornar-se um fator relevante na forma como condiciona, em diferentes períodos da História moderna e contemporânea, o desenvolvimento do movimento associativo em geral e, no âmbito deste trabalho, o da Banda de Campo em particular.

Como já referido, a freguesia de Campo do século XVIII, caracteriza-se por ser uma localidade profundamente rural e empobrecida, cujas propriedades seriam exploradas pelos rendeiros, pequenos agricultores e jornaleiros<sup>5</sup>. (GUIMARÃES, 2001). Um quadro que não sofreria grandes alterações até meados do século XIX, período em que surge a implementação da indústria mecanizada a vapor, a qual terá um papel relevante na reconfiguração do tecido social e económico, alterando em parte, o paradigma de uma economia sustentada unicamente na agricultura (Censos, 1890, Quadro nº 6, p.84) devido à “fertilidade das terras” (LEAL A. P., 1874, p. 64). A influência deste campo produtivo primário a par da exploração das minas da lousa, sempre se afirmou de grande relevância na economia local, principalmente pela ligação ao setor panificador que alimentava grande parte da população do Porto (PORTO, 2016), como o seu uso estava intimamente associado a formas de subsistência familiar, um contexto ao qual Charles Sellers (1899) faz menção no seu livro referindo que quase todo o “pão comido pelas classes mais pobres do Porto seria cortado em Valongo e carregado todas as manhãs em mulas” (SELLERS, 1899, p.297).

---

<sup>5</sup> Pessoa que trabalha à jorna, que recebe um salário diário

Assim sendo, a localidade de Campo irá sofrer uma alteração do seu espaço físico, fruto do aparecimento de novos fogos familiares, devido à crescente necessidade de mão-de-obra na indústria extrativa da lousa, uma consequência que levará ao aumento da população residente (SILVA G. L., 2017), um facto que se poderá consultar nos registos paroquiais nos finais do século XIX e início do século XX, onde a profissão de louseiro começa a aparecer com maior frequência<sup>6</sup> e em maior número.

“Estes lugares têm, pelo menos, três características comuns. Pretendem ser identitários, relacionais e históricos. O plano da casa, as normas da residência, os bairros da povoação, os altares, as praças públicas, a divisão do território corresponde, para cada individuo, a um conjunto de possibilidades, de prescrições e de interditos, cujo conteúdo é, simultaneamente, espacial e social” (AUGÉ, 1998, p.59).

A segunda metade do século XIX revelou uma transformação social e económica no desenvolvimento regional e local, através das imensas migrações internas realizadas neste período. A industrialização terá sido, nesse período, um dos principais motores dessas transformações sociais, alterando estruturalmente a própria fisionomia do tecido populacional. (VEIGA, 2004).

## 5.2.. A problemática migratória e emigratória

Dada a sua natureza, o aumento populacional a partir dos finais do século XIX suscitou o aparecimento de coletividades. Consequentemente, nos anos 20 do século XX surgiria a Banda de Campo, fruto desse aumento populacional e da sua relação com a indústria extrativa, um fator que criaria as condições para o sucesso no recrutamento e integração de novos elementos na banda de música, uma das razões que possibilitou a sua existência e expansão enquanto

---

<sup>6</sup> <https://tombo.pt/f/vlg02>

formação musical, uma ação que, no futuro, estaria sempre condicionada por momentos políticos nos diferentes períodos da história. Seriam os contextos que balizariam os processos de desenvolvimento social e progresso económico, como igualmente a crises geradoras do seu contrário, gerando dinâmicas que influenciarão de diversas formas a banda de Campo, despojando-a muitas vezes do recurso mais valioso da coletividade, as pessoas.

A partir do início do século XX, no seguimento da alteração dos vários paradigmas sociais e económicos, fruto de uma “transição relativamente tranquila durante o século XIX” (AUGÉ, 1998), a existência de registos dessa época, descrevem uma população inserida num quadro nacional de raízes profundamente rurais de incipiente desenvolvimento industrial e maioritariamente analfabeta (Censos, 1890, Quadro nº7, p. 103)<sup>7</sup>. Verifica-se que o aumento populacional não irá sofrer grandes oscilações durante o decorrer do século, na realidade pode-se definir um antes e um depois na vida dos indivíduos e da própria estrutura social pela sucessão de acontecimentos no decorrer do século XX, dentro do plano político e económico, nacional como internacional.

---

<sup>7</sup> Segundo os censos de 1890 a percentagem de habitantes que sabiam ler seria de 20,8%. Total de população: 4.660.095

## 6. A MINA DA LOUSA

### 6.1. NOTA INTRODUTÓRIA

“A tese conhecida como “centralidade do trabalho” mostra que o trabalho desempenha um papel essencial da formação do espaço público, pois trabalhar não é tão-só produzir: trabalhar é ainda viver junto. Ora viver junto não é produto de geração espontânea; pressupõe uma atenção em relação ao outro, um respeito pelo outro e contribuições extremamente complexas por parte de todos (...). Mas se a renovação do viver junto fracassa, então o trabalho pode se tornar uma perigosa força de destruição da democracia e de difusão do cinismo e do cada-um-por-si. (...). O individualismo é uma derrota e não um ideal.” (Dejours, 2004a, p. 18 citado em PINTO 2007, p.19)

A necessidade de incluir a indústria extrativa da lousa, irá demonstrar como o seu papel foi fundamental no percurso da banda de Campo, devido à especificidade de muitos dos seus membros terem sido operários da empresa, incluindo o fundador da coletividade musical, agulheiro no cais de carga da lousa. Uma realidade social que se irá mover entre diferentes narrativas, influências e condicionalismos. Através da análise das entrevistas realizadas aos intervenientes, sejam eles membros da administração da empresa, simples trabalhadores ou outros, pretende-se obter uma leitura descritiva dos acontecimentos enquadrada no tempo a que se remetem.

## 6.2.CONTEXTUALIZAÇÃO

“Os músicos trabalhavam ali e estavam perto de casa e estavam ali perto da casa de ensaio, quer dizer, se não estivesse ali a trabalhar nas minas não poderia ser músico, teria de estar noutro lado...” (Manuel Ferreira, 2017)<sup>8</sup>

Assim como um maestro, a mina da Lousa iria ditar os tempos do ritmo social e económico da freguesia de Campo e dos seus habitantes. Seria o início de um sistema de transformação designado por “a penetração do capitalismo” (REIS J. , 1987), com o alargamento do mercado, a especialização dos meios produtivos, o desenvolvimento da rede ferroviária e o fomento da banca comercial. Uma lógica inserida num domínio estratégico dentro do campo económico, social e local, “ao sabor”<sup>9</sup> do contexto político nacional. Será a afirmação da sociedade burguesa portuense que emerge do liberalismo do século XIX em estreitos negócios com a colónia inglesa sediada na cidade do Porto. Uma relação comercial que colocará em evidência laços económicos e familiares, tendo como pano de fundo a mina da lousa. Deste modo, pode-se fazer alusão a duas fases transitórias, mas necessárias, para caracterizar os modelos de gestão. A primeira enquanto administração inglesa ligada a um processo de mecanização industrial com a introdução do vapor, e a segunda, no assumir da Companhia das Lousas de Valongo a gestão industrial extrativa através de um processo de aquisição das ações da empresa.

Um processo que se inicia em 1865 e atravessa a 1ª República, onde a transformação dos meios produtivos, consequência da maquinaria a vapor, leva ao incremento da procura por parte de um mercado em clara ascendência ligado ao desenvolvimento urbano e, sobretudo, industrial da cidade do Porto, o qual requeria materiais ligados ao revestimento dos telhados das fábricas e isolamento das paredes exteriores. Com o passar do tempo as encomendas

---

<sup>8</sup> Retirado da entrevista realizada em: 22/04/2017, a Manuel Ferreira (Teixeira). Manuel Ferreira foi maestro de 1981 a 1990 e de 1994 a 2000. O avô José Teixeira Ferreira foi um dos fundadores da banda de música.

<sup>9</sup> Referente às várias transformações política e sociais durante o século XIX e XX.

desse segmento de mercado começou a decair devido à preferência pela telha francesa de menor custo aquisitivo, no entanto, a procura da lousa para revestimento de tanques, ladrilhos, peças de mobiliário e adornos domésticos teria uma grande procura.

“É para este fim que, que a companhia inglesa Vallongo Stals<sup>10</sup> and marbles, quarries, tem dirigido os seus esforços. Fundada em 1865, constitue hoje uma exploração, já importante. A lavra dos bancos de louza, a céu aberto, ocupa 55 homens, 24 mulheres e 18 creanças, com os salários respectivos, de 220 a 360, os primeiros – 120 a 140, os segundos – e 80 a 120 reis, as terceiras.” (LEAL A. , Portugal Antigo e Moderno, 1882, p. 181).

“A regra prática tradicional segundo a qual o preço de 1 kg de pão devia ser igual ao de 1 kg de trigo dá uma ideia da ordem de grandeza dos ganhos combinados da moagem e da panificação naquela época. Até 1899, o pão mais barato custava 80 réis/quilo, enquanto o trigo de qualidade média atingia no máximo 60 réis/ quilo.”<sup>11</sup> (REIS J. , 1979, p. 793).

A importância da companhia das lousas em finais do século XIX refletia-se por ser uma das maiores fontes empregadoras do local e na capacidade extrativa que detinha. No entanto revela um retrato social dessa época, onde a disparidade salarial é abismal entre géneros e idades, como na realidade os salários auferidos tornam-se fatores de sobrevivência comparativamente com o custo de vida, nomeadamente o preço do pão. Uma leitura essencial para a compreensão da própria organização social e familiar da localidade de Campo

---

<sup>10</sup> Transcrição literal do livro do autor, no entanto o nome mencionado está errado. O correto é *Slate*.

<sup>11</sup> A relação entre os salários auferidos e o preço por quilo do trigo para o fabrico do pão. Pretende-se compreender neste ponto devido ao aumento da população de Campo, qual seria o custo de vida das famílias que direta ou indiretamente trabalhavam para a indústria extrativa da Lousa em que a alteração do paradigma industrial levaria à mudança de hábitos alimentares, em que o pão se tornaria a base da alimentação diária. Comparativamente, o preço do vinho por garrafa era de 100\$00 reis o “Clarete” e 80\$00 reis o “Palhete”. (IMPORTANTE DEPOSITO DE VINHOS, 1882, p. 3).

onde a maioria dos membros da banda iriam iniciar a sua atividade musical anos mais tarde.

## 7. VALLONGO SLATE – OS INGLESES

Entender a história das minas da lousa e o papel que desempenhou no meio, poderá definir um quadro descritivo do ambiente no qual a maioria das famílias dependia do trabalho da empresa como fonte de rendimento e trabalho. Uma situação que não é alheia ao percurso da banda de música, como já referido, a maior parte dos músicos num futuro próximo serão trabalhadores da empresa, um fator que irá atravessar gerações, pelo menos durante a primeira República e o Estado Novo. Assim sendo, todas as transformações políticas, sociais e económicas que irão ocorrer na localidade de Campo terão como epicentro a Companhia das Lousas de Valongo, desde a sua fundação com a administração inglesa, como mais tarde a sua ligação à alta burguesia portuense. Um retrato que não é de somenos importância quando se trata de compreender a influência que a entidade patronal tinha sobre a localidade de Campo e os condicionamentos exercidos sobre as famílias trabalhadoras, onde algumas das quais os músicos seriam parte integrante.

Neste aspeto algumas questões se colocam. Quem eram os ingleses e que papel desempenharam na região, nomeadamente na organização e métodos de extração?

A. Pinho Leal (1882) no seu dicionário descreve a organização do espaço físico dentro do perímetro da empresa. O qual, pela sua riqueza narrativa, ajuda a compreender a forma de organização da linha de extração e produção da lousa, cuja direção e controlo produtivo estava a cargo de Francis Ennor<sup>12</sup>, um engenheiro mecânico, já octogenário, de nacionalidade inglesa que se encontrava radicado em Portugal há muitos anos.

---

<sup>12</sup> (SELLERS, Oporto Old and New, Record of The Port Wine Trade and a Tribute to British Commercial Enterprise in The North of Portugal, 1899, pp. 246-247); (LEAL A. , Portugal Antigo e Moderno, 1882, p. 181).

“As oficinas de preparação consistem n’um systema de construcções abarracadas, contendo, uma machina motriz, de vapor, 4 plainas e trez serras mecânicas. O vapor move também um guindaste elevador; e as várias regiões do estabelecimento são comunicadas por uma rede de pequenos *trameways*<sup>13</sup>. Collocada na encosta fronteira da villa de Vallongo, e tendo de permeio a estação do caminho-de-ferro do Douro, que passa no *talweg*<sup>14</sup> do valle, as condições de transporte, são favoráveis, por isso que as cargas são todas descendentes, e a linha férrea põe a fábrica em comunicação rápida e económica com os mercados. Além das oficinas de preparação da louza; além da machina, cuja força é de 12 cavalos; a instalação abrange uma ferraria, com 2 forjas, um torno mecânico e uma machina de furar, tocadas a braço. Tem uma carpintaria própria. As machinas que preparam a lousa, são typos inglezes, importados ou reproduzidos aqui, sob a direcção do chefe da fábrica, Francis Ennor (...). A qualidade da louza, é confessadamente excelente, e os produtos do Galinheiro destinam-se quasi exclusivamente á exportação (...); e verificando as estatísticas da Alfândega do Porto<sup>15</sup>, encontraremos, em 1880, o seguinte, na classe 13.<sup>a</sup>, e na espécie louza”.

Contudo, na organização do espaço exterior à mina relativamente às casas operárias, a *Vallongo Slate* não seguia o padrão que normalmente caracterizava as grandes indústrias ligadas ao setor extrativo cujas habitações eram muitas vezes construídas e geridas pelas próprias empresas (VIEIRA, 2007). No caso de Campo seriam os trabalhadores a construir as suas habitações ou pagavam a renda de casa a um privado.

---

<sup>13</sup> Caminhos-de-ferro.

<sup>14</sup> Linha mais ou menos sinuosa, no fundo de um vale, pela qual correm as águas; canal mais profundo do leito de um curso de água.

<sup>15</sup> “Um decreto-lei, publicado em 23 de junho de 1880, estabeleceu a construção de um ramal ferroviário entre a estação do Pinheiro, em Campanhã, e a Alfândega do Porto, e da respetiva estação terminal. O estudo do projeto foi da responsabilidade de Justino Teixeira, que se baseou em um trabalho inicial de Mendes Guerreiro. O projeto foi aprovado em 9 de outubro de 1880 e os trabalhos de construção iniciaram-se a 17 de julho de 1881, sendo o ramal inaugurado a 20 de novembro de 1888”. LAPA, Fernando. Acedido em 29/09/2018: <http://www.cacadevolutos.pt/ramal-da-alfandega-do-porto/>

O diretor da *Vallongo Slate and Marbles Quarries* era Charles Coverley (SELLERS, 1899). A sua residência no período compreendido entre 1910 e 1926, e segundo os registos da Associação Comercial do Porto (FERRARIA, 2000), situava-se na Rua da Pena 2, na cidade do Porto. Igualmente consta do mesmo registo de sócio, a profissão de negociante e comissões (ibidem).

Os engenheiros das minas eram ingleses. Segundo Sellers (1899), Charles Coverley era um homem que detinha uma grande reputação na cidade de Londres, cujos escritórios da companhia eram sediados em Inglaterra na Queen Victoria-street, e que na década de 1880 mantinha uma filial no N.º 2 de Wall Street, Nova Iorque<sup>16</sup>. Mas era como Corretor de Navios<sup>17</sup> que gozaria um historial ligado ao comércio e indústria juntamente com os seus filhos tidos como parceiros na firma Charles e Roger Coverley, cuja agência de transporte de cargas comerciais na cidade do Porto se situava na Rua Nova dos Ingleses, 52 – 2.º andar (JUNIOR, 1857) e a de passageiros na Rua da Reboleira, 65 – 1.º andar (GUIMARÃES J. D., 1890). Eram igualmente agentes de várias linhas das máquinas a vapor, que pertenciam à companhia *Messrs Palgrave, Murphy & Co*, operando entre a cidade do Porto, Londres e Glasgow. Charles Coverley, além de ser homem de negócios, usufruía do cargo de cônsul na cidade do Porto em representação do Sultão da Turquia. Tinha como parceiro sénior a companhia *Mess Coverley & Westray* agentes da *Oporto line steamers* em Londres para a cidade do Porto.

Assim sendo, a experiência no comércio ligado aos transportes de mercadorias por via marítima e o uso da tecnologia do vapor usada na maioria dos barcos, tornava-se numa conjugação de fatores favoráveis para o desenvolvimento mecanizado na indústria extrativa, como na expansão e comercialização de materiais e produtos manufaturados em lousa.

---

<sup>16</sup> Imagem em anexos, fig.1.

<sup>17</sup> Também chamados *brokers* de Navios. Segmento que trabalha com intermediação no fretamento e o afretamento de navios, entre os armadores proprietários e os armadores operadores.

Acedido em 24/09/2018, <https://portogente.com.br/portopedia/72872-corretores-brokers-de-navios>.

Na freguesia de S. Martinho do Campo – Concelho de Valongo, dá-se a fundação da companhia *Vallongo Slate and Marbles Quarries* em 1865, denominada *Fábrica do Galinheiro* e posteriormente como a “Milhária”<sup>18</sup> no século XX. Das várias empresas extrativas no local, a *Vallongo Slate* seria a única registada com matriz industrial, registo só se veio a efetuar em 1884 com o Regulamento de Lavra de Pedreiras, através da elaboração de uma legislação própria (QUINTAS, 2013).

Como referido, existiam outras empresas de pequena dimensão a operar no mesmo ramo, algumas de âmbito mais familiar e uma outra já com alguma dimensão que no conjunto totalizariam cerca de 58 operários. A “Companhia Actividade” contaria com a força de trabalho de 12 operários e os restantes divididos pelas outras empresas. A indústria mineira de Valongo criaria por inerência outras empresas satélites, chamadas de oficinas de serração num total de 20, onde o ramo de atividade estava relacionado com o “trabalho de serra e plaina, à força de braços, empregando entre 80 a 100 operários” (LEAL A. , 1882, p. 180).

“Os ingleses emprestavam os instrumentos ao sábado, para a banda tocar no domingo, entregando-os na segunda-feira. Os instrumentos foram devolvidos, definitivamente, quando a banda se dissolveu por falta de trabalho na região, muitos foram para o Volfrâmio” (António Carvalho)<sup>19</sup>

Os ingleses continuariam na administração da mina até os finais de 1930 coincidindo com o *Crash* bolsista de 1929 de Nova Iorque, atravessando o período que antecedeu as vésperas do 5 de outubro 1910 e que perdurou até ao final da I Guerra Mundial, épocas marcadas por uma onda de greves e motins por todo o país. Apesar da dificuldade na existência de registos e estudos

---

<sup>18</sup> A designação “Milhária”, pode estar associada, por analogia aos marcos miliares romanos, a uma epígrafe romana encontrada em Valongo (Museu Nacional Soares dos Reis). Apesar do documento não referir o local do achado, eventualmente criou-se essa associação ao local onde se encontra a mina da lousa. Ver imagem em anexos, fig.2.

<sup>19</sup> António Joaquim Dias de Carvalho. Os inícios da banda e os ingleses, 2017.

referentes à agitação dos anos 10 e 20 na localidade de Campo, será necessário fazer uma abordagem de âmbito geral sobre a situação política que assolou a freguesia durante esses anos.

Se por um lado a construção da vida social das populações fez-se dentro de parâmetros organizacionais e ideológicos ditados pelo conceito de organização produtivo industrial, num meio caracterizado por uma forte componente rural, as migrações dos finais do século XIX iriam alterar o paradigma populacional, nomeadamente através da fixação de famílias operárias e na criação de “Cantinas”<sup>20</sup>. O aparecimento dos sindicatos surgiria dentro desses contextos de uma nova ordem social que marcaria a nova correlação de forças entre o patronato e o meio operário, a mina da Lousa não seria exceção.



*Operário a trabalhar na mina da lousa. Fonte Jornal Público<sub>1</sub>*

---

<sup>20</sup> Armazéns de bens alimentares, cujas empresas seriam as proprietárias. Atuavam como um sistema de venda a crédito, os trabalhadores abasteciam-se durante o mês através de vales emitidos pela empresa e no fim os vales seriam descontados da folha salarial. A *Vallongo Slate* era detentora de uma cantina.



*Cais da lousa em Campo. S/ data. Fonte: Fotos Beleza<sub>2</sub>*

## 7.1.O CAIS DA LOUSA

Este capítulo reveste-se de alguma importância pelo facto de a família do maestro fundador ter sido, para além de músicos, constituída por operários ferroviários. Uma profissão que terá contribuído para adquirir conhecimentos nas diferentes localidades por onde estiveram a trabalhar através do contacto que travariam com outras bandas filarmónicas desses lugares, uma conjectura que se irá tentar provar através de testemunhos de familiares diretos do maestro e alguma documentação alusiva ao assunto abordado. Um contributo importante para o enriquecimento técnico como de reportório da banda de Campo, como o caso de João Teixeira, que com 11 anos tocava bombardino (ou

Eufónio)<sup>21</sup> na banda de Campo e teria aprendido com o pai. O qual, anos mais tarde foi trabalhar como ferroviário, e seguiria o ofício do progenitor como agulheiro na estação de Campanhã e Contumil. Foi deslocado para Sousel no Alto, onde acabou por casar, indo depois para Vila Franca, Carregado e outros locais onde chegou a tocar em algumas orquestras e bailaricos “ (...) um músico também muito bom, compositor. Compôs marchas, ganhou prémios, prémios de marchas, duas do INATEL “ (José comércio Teixeira, 2018)

Por sua vez, o pai José Teixeira Ferreira trabalhava como agulheiro<sup>22</sup> no cais de carga da lousa que se situava onde se encontra atualmente o apeadeiro de Campo, um ramal da linha principal Porto – Marco de Canaveses, ao lado dos antigos escritórios da empresa das lousas cujas instalações foram transformadas numa adega regional denominada “O Mineiro”. Os terrenos onde se situava a estrutura ferroviária como a cavalaria eram propriedade do Sr. Costa, um dos sócios da Companhia das Lousas de Valongo, cujo ramal daria ligação ao cais de embarque onde terá sido construído um “grande barracão” propriedade da Companhia de Lousas de Valongo designada por “Milhária”. Aí seriam colocados os vagões de carga da lousa, onde a manobra das agulhas de entrada e saída dos vagões caberia a José Teixeira, para dessa forma não atrapalhar o trânsito normal dos comboios.

Segundo Adriano Ribeiro, a locomotiva chegava ao cais e rodava sobre um eixo para ficar ao longo das carruagens. As “vagonas”<sup>23</sup> vinham da “Milhária”. E através de um sistema de roda com carril, à semelhança do existe na estação do Pocinho, rodava e a máquina ficava virada para o percurso pretendido

Rui Nunes exemplifica como se processava o transporte da empresa para o cais através das “vagonas”, que seriam pequenos vagões movidos a tração animal (cavalos). Refere que da empresa até ao cais era a descer, depois de

---

<sup>21</sup> Instrumento metálico de sopro semelhante ao barítono, de tubos largos, com três ou quatro cilindros, dotado de pistões. = EUFÓNIO

"bombardino", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/bombardino> [consultado em 18-11-2018].

<sup>22</sup> O filho João Teixeira, pai de José Comércio Teixeira, seguiria igualmente a profissão de agulheiro.

<sup>23</sup> Pequenas carruagens de carga, imagem em anexos, fig.3.

transferirem a carga no cais para os vagões retornavam à mina, e ao subir eram puxados por cavalos que traziam as “vagonas” vazias para cima. Apesar de parecer uma operação relativamente simples de executar, não estava isenta de acidentes graves como relata Rui Nunes. “Para baixo iam carregadas. Penso que uma vez houve um desastre, que não sei como é que foi, não travaram bem e chegaram lá em baixo e foi uma pancada grande”. (Rui Nunes, 2018)

O trabalho na mina foi retratado por músicos da banda nas entrevistas realizadas. É um facto que nenhum deles tivesse referido ter sofrido ou visto qualquer tipo de acidente de trabalho, mas todavia, seria uma realidade do quotidiano laboral. No entanto Manuel Ferreira antigo músico da banda e aplainador de pedra na Companhia das lousas de Valongo, quando se lhe pergunta como seriam as condições de vida dos mineiros, ele recorda uma canção; “A dança dos mineiros”, uma dança acompanhada de uma música sobre “os queixumes” dos mineiros”

“Desgraçado mineiro  
Que anda debaixo do chão  
Acontece uma desgraça  
Lá morre sem confissão  
Desde à mina o desgraçado  
Ahi fica a trabalhar  
Andando na escuridão  
Sem luz, dia nem ar  
O trabalho todo ccusta  
Mas o nosso muito mais  
Quantos vão e não voltam  
Não tornam a ver seus paes  
A nossa vida é negra e dura  
Entre p'rigos o viver  
Em vida na sepultura  
Com o suor a escorre”<sup>24</sup>

---

<sup>24</sup> Autoria da letra atribuída a Joaquim Chiquita, 1888. Segundo o autor do *blog* Valongo. In [https://valongo\\_sl.blogs.sapo.pt/1383.html](https://valongo_sl.blogs.sapo.pt/1383.html)

## 8. A COMPANHIA DAS LOUSAS DE VALONGO



*Corte mecânico da lousa. Autor: Pedro Rocha<sub>3</sub>*

### 8.1.. A EMPRESA

“A empresa tinha tudo? “Tinha tudo, tinha tudo”. Tudo? “Tudo”. Desde a serralharia, a carpintaria... “A banda de música...”. Menos a banda? “Não, com a banda”. (Rui Matos, 2018)<sup>25</sup>

---

<sup>25</sup> Rui de Lencastre Nunes de Matos, quando questionado o património da companhia das lousas durante o Estado Novo.(2018)



*Extração da Lousa ELV S/ data. Fonte: Jornal Público<sup>4</sup>*

A indústria portuguesa até aos anos 30, detida maioritariamente por capital estrangeiro, seria o espelho de uma economia subdimensionada e dependente dos espaços abertos pelas grandes crises mundiais. Estava criado um clima favorável à redução das importações, o que punha o setor produtivo a virar-se para o mercado interno. Mas o chamado “motor interno” estava debilitado pela escassez de comida, matéria-prima, tecnologia e mão-de-obra barata. A realidade social no início dos anos 30 seria o retrato de uma “indústria apoiada na sobre-exploração da força de trabalho, em grande medida semicamponesa, com largo peso de mulheres e crianças, analfabeta, sem formação técnica de qualquer espécie e privada de liberdade de associação e expressão sindicais. Salários baixíssimos e longas jornadas de trabalho, conjugados com as várias modalidades de protecionismo estatal” (ROSAS, 1994).

“Com que idade se entrava a trabalhar na empresa, nos anos 30, 40? “Por aqui, era nos 14 anos, depois aumentou para os 16, mas era nos 14 anos (...). Eram aprendizes”. (Rui Matos, 2018)

Rui de Lencastre Nunes de Matos atual Presidente do Conselho de Administração da Empresa Lousas de Valongo S.A, refere que a atual companhia sucedeu à *Vallongo Slate & Marble Quarries*<sup>26</sup>, em que a fundação na nova empresa foi efetuada através da aquisição de todo o ativo e passivo da *Vallongo Slate* em 1930. Segundo o próprio, o negócio poderá ter sido uma consequência do *Crash* bolsista de 1929, devido ao volume de negócios ser proveniente em grande parte das exportações, nomeadamente para Inglaterra e Estados Unidos. O mesmo menciona a importância económica que a companhia tinha no concelho, chegando mesmo a elaborar acordos com o poder político local no âmbito do desenvolvimento de infraestruturas como a eletricidade que chegaria a Valongo e à empresa das Lousas em 1927. O diretor da companhia inglesa, Archibald J. Wall e a Câmara, acordariam em que o primeiro assumiria os custos da instalação e o segundo comprometia-se com a construção da estrada que liga o lugar de Chã à Milhária, obra que ficaria concluída em 1946 saldando a dívida. (ANDRESEN, Relatório de Estudos Prévios, 2018)

A nova administração seria constituída por alguns membros da Colónia Britânica do Porto como a família Tait<sup>27</sup> e Johnson associados com o avô de Rui Nunes e um indivíduo de Valongo que se chamava Jorge da Costa.

No entanto, as relações que a Companhia das Lousas mantinha com o poder político local, não se iriam apenas refletir nas obras atrás mencionadas, Adriano Ribeiro referiu por diversas vezes o nome de Jorge Costa, como sendo um homem que tinha iniciado a sua vida enquanto rendeiro de algumas terras no lugar do Outeiro e por intuição, devido à presença dos ingleses, acabaria por comprar a maioria das terras onde se fazia a extração da pedra, como que prevendo a sua futura valorização e das quais cobraria um aluguer à empresa, o que lhe terá conferido mais tarde um lugar na administração da Companhia

---

<sup>26</sup> Entrevista realizada em 26/01/2018 no salão da administração da empresa.

<sup>27</sup> “Os agentes da Mala Real Inglesa, designação popularizada da Royal Mail que no Porto e para todo o Norte eram no começo do século W.m & Geo Tait & C<sup>a</sup>, tinham os seus correspondentes, também designados agentes em todas as vilas e cidades do Norte de Portugal”. In. (SILVA B. P., 2014, p. 123)

das Lousas, tornando-os proprietários e senhores de uma fatia substancial de terras na localidade de Campo, assumindo um maior domínio físico sobre a população local.

“O Costa mandava em tudo. “Mandava em tudo, terrenos. Isto era do Costa (sitio do apeadeiro), ali onde estão ali aquelas casas (aponta a norte) era a cavalaria, dos cavalos, porque isto era puxado a cavalo” (...) “Exatamente, portanto, isto era dele. Aquele monte, aquela serra (aponta a norte) era tudo dele, isto era dele, estes terrenos eram dele (aponta a sul), estavam alugados a ele”. (Adriano Ribeiro, 2018) <sup>28</sup>

Contudo o domínio da empresa não se restringia unicamente ao setor económico e mesmo grossista como o caso das “Cantinas”, uma prática comum a diversas empresas extrativas (GUIMARÃES P. E., 2001), mesmo no campo político a sua influência faz-se sentir, e um dos episódios mais demonstrativos dessa relação de poder será na greve de 1932 onde o sindicato dos trabalhadores louseiros afeto à CGT, através de um comunicado refere que partir para a greve naquela altura poderia ter graves consequências para os operários devido às relações que a empresa tinha com o Governo Civil do Porto e as forças de segurança. Assim sendo, a empresa movia-se em diversos tabuleiros do poder, atuando muitas vezes como um cacique<sup>29</sup> local.

---

<sup>28</sup> In. Entrevista realizada a 07/04/2018, a propósito do Cais de carga da lousa.

<sup>29</sup> 3. [Figurado] [Política] Indivíduo que dispõe de influência política e eleitoral e que tem grande poder localmente. = MANDA-CHUVA

"cacique", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/cacique> [consultado em 23-11-2018].

## 8.2. REPÚBLICA, A NOVA ORDEM SOCIAL



*Operários a empurrar uma vagona S/ data. Fonte: Jornal Público<sup>5</sup>*

“Vós que lá do vosso império  
Prometeis um mundo novo,  
Calai-vos, que pode o povo  
Q’rer um mundo novo a sério”<sup>30</sup>

---

<sup>30</sup> (ALEIXO, 2013, p. 27)

As vésperas do 5 de outubro revelavam o clima de tensão que se vivia entre patrões e empregados, com as comissões de trabalhadores<sup>31</sup> a reivindicarem aumento de salários e a resolução de questões ligadas à sinistralidade nos locais de trabalho. Um cenário conflituoso, com a ameaça de greves generalizadas e tumultos, levando o poder político central a delegar nas comissões municipais<sup>32</sup> a transferência de poderes a fim de manter a ordem pública.

Os tempos que se seguiram após a implantação da República, que tinha criado um clima mais favorável às pretensões reivindicativas dos trabalhadores levando muito do patronato a ceder, conferiu um outro alento às aspirações reivindicativas das massas trabalhadoras, um cenário que terá levado “proprietários e comerciantes a adquirir armas” (GUIMARÃES P. E., 2001, p. 194). Não se sabe se a *Vallongo Slate* ocorreu a esta corrida armamentista; contudo em janeiro de 1904 no Concelho de Aljustrel, no Alentejo, que tinha um quadro social idêntico ao que aqui se estuda (ou, pelo menos, pode ser de alguma forma assim considerado) tinham sido passadas 21 licenças de uso e porte de arma e 12 delas foram para a freguesia de Aljustrel, sendo que 7 delas pertenceriam a capatazes das minas, indivíduos que detinham uma relação de poder direta sobre os operários. Já no ano de 1911 o número médio de registos triplicou até 1912 com 215 licenças emitidas, na maior parte por um período de 3 a 6 meses (GUIMARÃES P. E., 2001). Não se pretende com esta descrição traçar teses conspirativas ou de demonização das administrações mineiras, mas sim mostrar que a “lei do mais forte” era quase uma prática institucionalizada e legal, evidenciando um claro clima de intimidação nos meios mineiros, no qual as minas de Aljustrel será apenas um dos exemplos apresentados.

Devido ao conflito mundial da I Guerra, em 1916 ficam suspensos os trabalhos em Vale dos Amores e na Milhária, ficando no desemprego cerca de 1000 operários (ANDRESEN, 2018, pp. 218-219), um período caracterizado

---

<sup>31</sup> À data os sindicatos ainda teriam pouca expressão em termos de associados e as comissões de trabalhadores organizadas de forma informal. (GUIMARÃES, Os mineiros alentejanos (1858-1938), 2001, p. 194)

<sup>32</sup> (Ibidem, p.188). Apesar de não existir uma clara referencia sobre a emissão da licença de porte de arma por parte das comissões municipais, no entanto a leitura do texto deixa a subentender esse propósito.

pelas enormes convulsões sociais a nível nacional, ensombradas pelos despedimentos e pelo reforço do poder patronal. Um ano mais tarde em 1917, com a participação de Portugal no esforço da Grande Guerra, a população portuguesa iria sofrer os efeitos negativos na economia e nas famílias que viviam do trabalho, cujas consequências iriam recair sobre elas. No entanto, estala a revolução na Rússia e 'ventos vermelhos' sopram na Europa sacudindo o “establishment” burguês. Marcado pela revolução bolchevique, esta seria uma época marcada pelas lutas dos sindicatos, grevistas contra a carestia de vida, que atingiria o seu ponto alto no “Verão quente” de 1917, com o governo de Afonso Costa obrigado a decretar o estado de sítio, situação que acabou com mortos e feridos (UON, 2011). No entanto, a luta contra a falta de géneros não seria travada apenas através de greves. Por todo o país assiste-se ao assalto de armazéns e mercearias por parte de populares e do movimento grevista contra a falta e o açambarcamento de bens alimentares. Participariam nesses assaltos não só trabalhadores, como também camadas da pequena burguesia e pequenos agricultores.<sup>33</sup> (Gonçalves citado em Rocha, 2018)

Assim sendo, dos efeitos da guerra de 1914/18, à gripe pneumónica de 1918, um ambiente de greves, tumultos e revoltas quase permanentes, culminaria na “noite sangrenta de 1921” de António Granjo, Machado Santos, e Carlos da Maia, uma catadupa de eventos que levariam o país a clamar por “ordem”. Seria uma época igualmente marcada por atentados perpetrados pelo movimento sindical anarquista, levando a que fosse criada legislação antiterrorista e o aparecimento de grupos paramilitares patronais apoiados pela Confederação Patronal Portuguesa. No entanto a reação dos pistoleiros da patronal não apresentaria uma solução sólida em relação ao medo da alta burguesia em sentir o seu poder ser ameaçado pelos movimentos operários. O caso exigiria uma ação mais musculada capaz de resolver a “questão política” e a “questão social” através de um golpe militar, o qual teria diversos

---

<sup>33</sup> GONÇALVES, Bento. Elementos para a História do Movimento Operário Português, policop., 1969 (p. 19) citado em Rocha, 2018).

defensores desse género de intervenção, como os ideólogos do integralismo lusitano, nacionalistas e profascistas. (PEREIRA & Vasconcelos, 1978)

Sidónio Pais em 1917/18, “um germanófilo, suspeito de monarquismo e conciliador com as forças da igreja católica” (PEREIRA & Vasconcelos, 1978, p. 9), derrubaria os radicais democráticos de Afonso Costa e preconizaria a antevisão dos primeiros sinais nesse sentido, sendo o próprio assassinado no mesmo ano. Uma antevisão para o que iria suceder em 1926, ano do golpe militar de Gomes da Costa (Carmona e Cabeçadas), apoiado por setores da direita mais conservadora portuguesa com ligações a setores monárquicos e à alta burguesia, evidenciando o descontentamento das esferas mais reacionárias e fascizantes da sociedade portuguesa. Um setor social que não via com bons olhos a incapacidade governativa de por mão dura em relação à forte mobilização dos sindicatos afetos à CGT e o surgimento do Partido Comunista Português em 1921 (PEREIRA & Vasconcelos, 1978).

“A vitória do 28 de Maio (vitória de quem?) iria, assim, a partir das primeiras horas do golpe, abrir uma duríssima e prolongada luta pela hegemonia do Estado - tanto no interior da ditadura militar como do seu exterior contra ela - , que só se saldará com alguma clareza, sete ou oito anos depois, através do institucionalização do Estado Novo. (...) O supremo sucesso de Salazar consistiria, efetivamente, em fazer das várias direitas uma direita e, dessa forma, permitir-lhes o controle durável do Estado.” (ROSAS, 1994, p. 152)

Tumultos e crises que não impediriam a empresa das lousas expandir a área de negócio. Por volta de 1924 a *Vallongo Slate* adquiria todos os terrenos das pequenas explorações. Segundo Rui Nunes, “Isto era um terreno que estava muito mal-organizado, porque era uma pedreira aqui, outra acolá e então eles fazem um levantamento daqui do terreno e começam a explorar nos sítios melhores (...). Pelos desenhos que temos, permite-nos concluir isso”, uma ação que levaria a empresa inglesa assumir o monopólio das pedreiras existentes naquela zona. Um ano também marcado por um período de perseguições e controlo dos movimentos sindicais por parte da polícia, movimentos sindicais esses que alastravam nos meios operários, incluindo os de Valongo. Um

propósito para o qual a organização anarcossindicalista CGT através dos seus delegados enviaria uma comissão de propaganda aos principais centros mineiros e industriais do país e para o efeito seria criada “uma comissão de propaganda mineira e metalúrgica do Norte” a qual entraria em contato com os operários mineiros das lousas de Valongo e do carvão em S. Pedro da Cova, que não teriam qualquer tipo de estrutura organizativa (GUIMARÃES P. E., 2001).

### 8.3.O SINDICATO DOS MINEIROS DA LOUSA

Sindicato Metalúrgico de Lisboa	1000	socios
Sindicato Único Metalúrgico do Porto	80 a 90	»
»»» de Setúbal	30 a 60	»
»»» de Braga	20 a 30	»
»»» de Portimão	20 a 30	»
»»» de Almada	20 a 30	»
Sindicato dos Operarios Mineiros Aljustrel	200	»
»»» da Indústria Mineira de Sao Domingos	1000	»
Sindicato dos Mineiros de Louisa e correlativos de Valongo	200	»
Associação de Classe do Pessoal das Minas de S. Pedro da Cova	600	»

*Quadro de associados. Fonte: Os Mineiros na República: aspirações e derrotas.*

Em fevereiro de 1932 realiza-se a conferência constituinte da FMM<sup>34</sup> afeta à CGT mais os sindicatos aderentes, indicando o total de sócios pertencentes a cada organização. Seria uma data marcada pelo crescimento da luta no setor mineiro, em que os sindicatos mostrariam uma forte ação mobilizadora dos seus filiados em resultado do descontentamento generalizado desencadeado pelas posições intransigentes das entidades patronais.

Apesar do clima de alguma recuperação económica na Empresa das Lousas de Valongo, os trabalhadores da Mina entram em greve por causa do prolongamento das jornadas de trabalho, colocando a questão do porquê dos despedimentos e o aumento das horas de trabalho diário, uma justificação que a empresa baseava na redução da procura por parte dos mercados e na sobreprodução, fundamentações que no entender dos operários criavam um contrassenso sobre as medidas adotadas.

Seria o ponto central colocado durante a organização do sindicato. Em 31 de Março, um delegado escrevia de Valongo: “Vemos aqui os sócios a desanimar porque foi estipulado o horário por todo o país e aqui ainda não foi cumprido; é por isso que número de sócios vai dimidimi-nuindo” (Guimarães, 2001, p.

---

34 Federação Metalúrgica e Mineira

36). A jornada de trabalho dos mineiros de Valongo seria de 9.30 horas, o que terá motivado em assembleia, tomar a decisão de ir para a greve à revelia do próprio sindicato. O delegado da CGT preocupado pelas consequências movimento grevista escrevia a seguinte observação: “receio-a muito pelas suas consequências atenta à grande protecção que a autoridade dispensa a esta Empresa”. (GUIMARÃES, 2001, p. 36)

O aumento das horas seria para os trabalhadores da mina uma forma de redução dos “seus rendimentos já miseráveis”. Segundo Guimarães (2001), a situação económica das famílias não sofria qualquer tipo de melhoria desde os meados dos anos 20. “Como os salários tinham sido fixados sobre os de 1926, isso significava que, com o pagamento das horas extraordinárias, os trabalhadores iriam vencer os salários que já então auferiam. A agravar ainda mais a situação as forças de segurança a mando do governador Civil do Porto, assumiriam o processo de por fim à greve, proibindo o regresso ao trabalho de todos os que teriam participado na mobilização grevista, levando à detenção de toda a direcção do sindicato juntamente com outros operários que se evidenciaram na luta durante os quatro dias de paralisação total do complexo mineiro”. Consequentemente a administração da fábrica, mandaria encerrar o armazém com bens de primeira necessidade aos operários grevistas.

Assim, a 6 de Setembro, sob protecção das forças da G.N.R.<sup>35</sup>, a administração acabaria por “quebrar a espinha” ao movimento operário ao admitir de forma discricionária trabalhadores substitutos (GUIMARÃES, 2001). Paradoxalmente, a “Cantina” criada em 1930 pela companhia para responder à crise social e “para auxílio aos seus trabalhadores (...)” (ANDRESEN, 2018, p. 218), receberia a ordem de encerramento à luz dos acontecimentos.

“Nessa altura sei que houve essa greve (...) ainda era catraio (...). Foi nas minas da lousa, andava para aí a cavalaria, ainda me lembra de andar aí os

---

<sup>35</sup> Guarda Nacional Republicana

cavalos. (...) O ano... devia de ser para aí em 30... 31, eu já era pexote.” (António Carvalho, 2017)<sup>36</sup>

O episódio da greve nas minas da Lousa de Valongo, seria também narrado por Adriano Ribeiro<sup>37</sup> em uma entrevista realizada em 17/06/2017. Quando questionado sobre as razões políticas e sociais que envolveriam os operários das minas (colocando sempre a possibilidade de alguns membros da banda, devido à sua profissão, terem eventualmente participado), refere que foi através dos relatos de pessoas mais idosas que teve um conhecimento mais pormenorizado do sucedido. Fala da luta da jornada das oito horas de trabalho nos inícios/meados dos anos 30. Na qual, segundo Adriano Ribeiro, uma das formas de protesto passou por atirar a comida do almoço que levavam numa cesta à cabeça sobre os que furaram a greve e fizeram-no a caminho da empresa das minas. Uma ação que tinha como objetivo amedrontar os que não aderiam ao protesto e uma das consequências desse ato foi a chegada da cavalaria como força repressiva, obrigando através da força o regresso ao trabalho dos mineiros grevistas. Os familiares dos revoltosos metiam-se por aterros e a guarda obrigava-os a dispersar através da espada, havendo mesmo o relato de um dirigente grevista que confronta os militares abrindo a camisa dizendo: “espete aqui a espada...”.

O nosso entrevistado fala das razões dos protestos daqueles tempos; no entanto menciona que não existiria uma formação política ou consciência de classe organizada, mas sim convicções de que a realidade em que viviam não era compatível com a dignidade humana. A maioria das pessoas eram analfabetas e a única forma que tinham de acompanhar as notícias, seria através de alguém que soubesse ler e escrever. Os operários dentro das empresas associavam-se e compravam o jornal (seriam grupos de 6 pessoas, existindo cerca de 2 a três sociedades), calhando a compra diária a cada um

---

<sup>36</sup> Sobre a greve de 1932. António Joaquim Dias de Carvalho. Entrevista realizada a 01/07/2017. Nascido a 18 de abril de 1925, fez parte da banda fundadora com 11 ou 12 anos de idade na posição de Cornetim. Foi agricultor.

<sup>37</sup> Dirigente do Partido Comunista Português da freguesia de Campo. Nascido a 20/03/1949

deles e nesse sentido juntavam-se à volta do orador, que seria sempre o mesmo. Só escutava a leitura do jornal quem se associava; não impediam os restantes que não pagassem de escutar; porém, esses, envergonhados por não poderem contribuir afastavam-se por si mesmos do grupo de-leitura. Os jornais mais lidos eram o “Comércio do Porto” e o “O Primeiro de Janeiro”; vinham na carruagem postal do comboio que passava pelas nove horas da noite no apeadeiro de S. Martinho, onde um funcionário atirava um rolo com os jornais à pessoa que ali estivesse para o recolher; na altura os comboios não paravam nos apeadeiros, só em estações.

Existem dados relevantes entre a publicação de Paulo Guimarães e a narrativa de Adriano Ribeiro. As duas cruzam-se nas datas e no propósito da greve, no entanto o ponto mais relevante será os trabalhadores terem ido para a greve sem o aval do sindicato, “era uma questão de dignidade”.

Recentemente, em conversa telefónica com Adriano Ribeiro, referi que o sindicato das Lousas era filiado na CGT, curiosamente ficou surpreendido, pois desconhecia esse facto.

Perante a descrição do ambiente de confronto que se vivia na Empresa das Lousas de Valongo, de que Paulo Guimarães faz referência no seu livro<sup>38</sup>, podem colocar-se as seguintes questões:

Sabendo-se que a maior parte dos músicos da Banda de Campo trabalhavam na empresa das lousas, participaram de alguma forma nos movimentos grevistas? Seriam contra a greve? Eram indiferentes aos protestos? Se estiveram envolvidos no movimento grevista, que consequências teve a sua participação? Tiveram de abandonar a banda devido à sua exposição pública? Foram expulsos da formação compulsivamente? Rumaram para outras localidades? Foram apoiados pelos seus pares?

Questões para as quais não se obtiveram respostas, mas apenas um ou outro apontamento. As razões do porquê ser assim podem ser diversa ordem, nomeadamente o não quererem falar do passado, ou desconhecerem a

---

<sup>38</sup> Guimarães, Indústria e Conflito no Meio Rural, 2001.

realidade desses tempos, mesmo António Carvalho, o músico mais antigo da banda, recorda vagamente esses tempos, principalmente a greve de 1932 e a carga da guarda a cavalo sobre os trabalhadores, de resto sobre o papel dos músicos da banda no evento, nem uma palavra.

Todavia, a descrição de todo o período do Estado Novo e dos acontecimentos que mais marcariam a localidade de Campo e de uma forma direta os próprios membros da coletividade, não aparecem em nenhum relato escrito, especialmente no livro de registos de Rafael Silva, onde por um lado regista a vida da banda, a contabilidade e as atividades que desenvolve e participa ativamente, mas por outro lado sobre a vida das pessoas ou mesmo dos próprios músicos e das suas famílias, nem um relato.

#### 8.4. O SINDICATO CORPORATIVISTA

<b>Distritos</b>	<b>Sede</b>	<b>Designação</b>
Beja	Mina de São Domingos	S. N. dos Operários Mineiros e Ofícios Correlativos
	Secção de Aljustrel	
Leiria e Santarém	Leiria	S. N. dos Operários Mineiros
Porto e Coimbra	Porto	S. N. dos Mineiros do Carvão e Ofícios Correlativos
	Secção de Coimbra	
Porto	Valongo	S. N. dos Mineiros de Lousas e Ofícios Correlativos

*Instituto Nacional do Trabalho e Previdência. Fonte: Os Mineiros na República: aspirações e derrotas<sup>7</sup>*

Com o controle do estado sobre os sindicatos, impunha-se a linha ideológica de índole nacionalista e conservadora. Tempos de medo e desconfiança, qualquer ação cometida suspeita de atentar contra a doutrina do estado, dentro ou fora do trabalho, colocaria em risco qualquer forma de organização.

E será no seguimento da onda repressiva sobre os sindicatos afetos à CGT e ao Partido Comunista Português, que o governo toma a decisão de os sindicatos nacionais fazerem parte da solução corporativa do Estado Novo, um procedimento apoiado no Estatuto do Trabalho Nacional em 1933<sup>39</sup> que incorporaria os operários da indústria. Eram igualmente criadas nesse período as Casas do Povo e dos Pescadores e os Grémios Corporativos Patronais (GUIMARÃES, 2001). Os sindicatos ao abrigo do decreto de lei nº 23 050, artigos 9 e 10º, teriam de obedecer a três princípios fundamentais: o da hierarquia dos interesses, que subordinava os interesses particulares aos da economia nacional; o da colaboração com o Estado e com as outras classes; o do nacionalismo, o qual iria limitar a atividade dos sindicatos exclusivamente ao plano nacional em respeito absoluto pelos “superiores interesses da Nação” (PATRIARCA, 1991, p. 24). Era a integração definitiva das forças sindicais nos organismos corporativos do estado, o qual assumia a sua governamentalização

---

<sup>39</sup> Decreto de Lei nº 23 050 de 1933

através dos delegados do INTP<sup>40</sup> a quem caberia em exclusivo abrir ou fechar acordos nas negociações com as entidades patronais

O controlo sobre os corpos gerentes dos sindicatos e duma forma geral a governamentalização de todo o conjunto acentuar-se-ia até aos finais da guerra. Os delegados do INTP seriam a partir de agora mediadores incontornáveis nos processos de negociação com o patronato, tomando o papel anteriormente desempenhado pelos administradores dos concelhos, defendendo, interpretando ou mesmo ignorando as aspirações dos trabalhadores. Assim, mais de 70% dos sindicatos corporativos seriam constituídos entre setembro de 1933 e dezembro de 1940. (GUIMARÃES, 2001).

“Pode o Estado moderno congregar e disciplinar essas massas ruidosas, prestes à revolta, sob uma fórmula salvadora, industriosa, vivificante que as polarize e oriente num sentido alto do bem comum?», perguntava um membro do governo em 1934. O liberalismo dera «a prova provada da incapacidade absoluta em resolver as questões sociais e em fazer face às insurreições». Assim só o corporativismo «é capaz de manter em harmonia e paz social entre as classes economicamente diferenciadas, permitindo que a comunidade do trabalho [...] se converta numa modalidade política [...] Ele é capaz – e só ele de nos dar uma saída para a catástrofe económica derivada da crise mundial que, sob pena de maior derrocada, não pode extinguir-se pelo emprego de meios que a provocaram e a estimularam de novo ou agravaram ainda”<sup>41</sup> (Subsecretario de Estado das Finanças Boletim do INTP, 1943, pp. 5-7, citado em GUIMARÃES, 2001).

---

<sup>40</sup> Instituto Nacional do Trabalho e Previdência

<sup>41</sup> Conferencia realizada pelo Subsecretario de Estado das Finanças, em 5. Fev. 1934 publicada no Boletim do INTP, I, 7, pp. 5-7.

## 8.5.O SINDICATO DOS MINEIROS E O MÚSICO JUSTINO RIBEIRO

Justino Ribeiro, pai de Adriano Ribeiro, foi presidente do Sindicato Corporativo Nacional de Lousas e Ofícios Correlativos nos finais dos anos 40 e músico na Banda de Campo. Tinha como profissão inicial a de “cimenteiro” (trabalhava com cimento nas obras) na cidade do Porto. Numa fase posterior por intermédio de José Teixeira, conseguiu trabalho na Companhia das Lousas de Valongo. Quando foi transferido para a carpintaria tornou-se Presidente do Sindicato, um cargo que na opinião de Adriano Ribeiro, o levou a ser mal visto por defender os interesses dos trabalhadores. Seria uma altura em que chegou a estar referenciado nos arquivos da PIDE<sup>42</sup> como “conselheiro” de pessoas que a ele recorriam para lutar pelos seus direitos junto da empresa. No entanto, devido à sua personalidade alcançou alguns lugares de chefia, razão pela qual o terão aconselhado a levar “umas roupas melhores” do que as lhe cobriam o corpo (roupas operárias, rotas e cobertas do pó da lousa) porque passaria a frequentar mais o escritório da empresa mesmo sem ter qualificações para tal.

Nos anos que antecederam a “eleição” de Justino Ribeiro como presidente do sindicato, é firmado em 1939 um acordo entre o INTP e o Sindicato dos Mineiros da Lousa de Valongo e mais quatro empresas da indústria extrativa e transformadora de lousa e de fabrico de lápis. Um acordo no qual o sindicato e as empresas extrativas colocam à disposição do INTP os “fundos de previdência que, desde 1938, haviam sido coletados, para serem distribuídos pelos trabalhadores desempregados” (PATRIARCA, 1994, p. 805). Devido à guerra, as empresas paralisam grande parte da produção levando ao seu encerramento, Fátima Patriarca designava-o como “um acordo pela negativa.” (PATRIARCA, 1994, p. 805)

Apesar de os detalhes do acordo não serem explícitos no texto de Fátima Patriarca, deixa a entender que o ónus do encargo social que caberia à empresa assumir acaba por recair sobre os trabalhadores. Rui Nunes de Matos descreve

---

<sup>42</sup> Documentos em anexos, fig.4.

que nessa altura devido à II Guerra Mundial a empresa foi obrigada a despedir muita gente devido à estagnação do comércio internacional e aos afundamentos de navios por parte dos submarinos alemães, e outras condicionantes que terão levado a que uma empresa com mil e duzentos operários passasse para apenas trezentos. Porém a produção só terá encerrado parcialmente, pois a empresa continuaria a laborar e a contabilizar lucros<sup>43</sup>, devido à mudança de estratégia de procura de novos mercados, “A maior exportação era para Inglaterra e Estados Unidos também” (...). “Iam pelo Atlântico. De maneira que inverteram um bocadinho e começaram a vender para o Brasil e para a Argentina, para evitar esses submarinos (alemães)”, conclui, Rui Nunes de Matos.

Mas outro acordo seria realizado durante o período da crise, desta vez entre a empresa e a Direção Geral das Minas, para a exploração das antigas pedreiras da empresa. A natureza do acordo<sup>44</sup> de exploração consistia na autorização de operários desempregados e famílias que estivessem numa situação de carência económica poderem usar material das pedreiras para o fabrico de “penas”. As empresas teriam aqui um papel de intermediário: cediam a pedra e depois compravam o produto acabado; os preços eram tabelados. A medida estaria enquadrada numa ação de minimizar os efeitos da crise e o drama económico e social que assolava a localidade de Campo. Nas palavras de Rui Matos tudo “Foi feito de acordo com a Direção Geral de Minas. E então eles iam à boca das pedreiras e havia uma certa procura para lousas escolares e lápis de lousa, “as penas”<sup>45</sup>, e eles nessa altura levavam esse material para casa, percebe, e era fabricado em casa, não usando água. De maneira que...” “A empresa comprava depois?” “Eu suponho que não, suponho que não, mas eles enfim lá tratavam

---

<sup>43</sup> “Em 1937 exportámos 27:138 quilogramas de gesso, no valor de 13.677\$; 6:418 toneladas de granito, no valor de 156.635\$; 40:068 toneladas de lousa, no valor de 5:012.074\$ (...)”. In. Página 1 REPUBLICA PORTUGUESA SECRETARIA DA ASSEMBLEA NACIONAL DIÁRIO DAS SESSÕES SUPLEMENTO AO N.º 45 ANO DE 1939 de 8 DE MARÇO. II LEGISLATURA. CÂMARA CORPORATIVA. Parecer referente à proposta de lei n.º 36, relativa à exploração de pedreira.

<sup>44</sup> Apesar de eu próprio ter lido os termos do acordo, não me foi possível apresentar a prova documental, foi-me impossível voltar a localizar o documento.

<sup>45</sup> Lápis de lousa

de vender, havia comércio para isso”. Todavia Adriano Ribeiro<sup>46</sup> teria um outro entendimento sobre o assunto”. A empresa usaria a mão-de-obra caseira com o intento de aumentar a produção de “penas”, cedendo o material para o efeito, com a condição de lhes levarem o produto acabado. No mercado negro as penas valeriam 12 tostões o cento, ao passo que os patrões pagavam a 10 tostões. Por cada 100kg de pedra, extraem-se cerca de 30 centos de “penas”, seria esse o cálculo estipulado; por vezes a pedra seria de fraca qualidade, o que originava grande desperdício de material e uma fraca produção, ficando dessa forma o operário a dever o restante à empresa. Se a pedra fosse de boa qualidade e, se em vez dos 30 centos desse 35, optavam por vender na “candonga”, e dessa forma obteriam mais dinheiro”.

Analisando as versões, na confirmação dos factos, a empresa acabaria por obter dois ganhos. Primeiro: A redução do custo de produção dos lápis; Segundo: Não teria encargos sociais com as pessoas que fabricavam as penas, pois se estas trabalhavam em casa não tinham vínculos laborais com a empresa.

Um processo que ficaria marcado por episódios violentos. Adriano Ribeiro, através de um texto escrito<sup>47</sup> onde menciona que através de testemunhos de pessoas que viveram esses tempo, lhe terão dito que os guardas-noturnos da empresa disparavam tiros para o ar de forma a afugentar as pessoas que no calar da noite se aproximavam dos aterros “com o objetivo de conseguir algumas pedras para levar para casa e aí, nas horas que deveriam ser de descanso, por sua conta, tratá-las e serrá-las para o fabrico de penas”. Refere mesmo o caso de um serrador de “penas” que trabalharia por conta própria e que estaria a controlar os movimentos do guarda da mina, com a finalidade de ir buscar alguma pedra para o seu trabalho. O guarda estaria a “beber um copo num tasco ali bem próximo”, possibilitando ao serrador introduzir-se na pedreira e, conclui: “mas por sua vez o Guarda, porque talvez andasse desconfiado, regressou muito mais rápido do que o serrador esperava, ao descobrir o intruso, utilizou a espingarda e alvejou o serrador numa perna. O

---

<sup>46</sup> A entrevista realizada a 17/06/2017. Acerca da situação social da população de Campo durante a crise.

<sup>47</sup> Texto enviado por correio eletrónico em 01/10/2018.

ferimento causado pelo tiro, originou gangrena, deu lugar à amputação da perna e por fim, até originou a morte do atingido”.

Afirma<sup>48</sup> que nos anos 50 e possivelmente nos anos 60 os guardas-noturnos andariam armados nas “maiores empresas de lousas em Campo, tinham ao seu dispor e para seu uso durante o turno de serviço, espingardas caçadeiras”. Os eventos relatados revelam que em diferentes contextos<sup>49</sup>, o uso das armas de fogo seria uma prática comum nas empresas extrativas.

Após a Segunda Guerra Mundial, e com a produção quase paralisada, surgem as eleições para a direção do sindicato onde é apresentada uma única lista com Justino Ribeiro a presidente. Após os resultados da votação, verificou-se a existência de duas listas, em que numa lista seria o presidente (a qual tinha perdido) e na outra teria aparecido como suplente da assembleia geral sem lhe ter dado conhecimento, possivelmente um indício de algum desconforto por parte da entidade patronal em relação ao pai de Adriano Ribeiro.

A determinada altura foram solicitadas informações sobre Justino Ribeiro à Câmara de Valongo por parte do Ministério do Interior sobre as suas atividades sindicais, ao que o Presidente da Câmara terá respondido que não haveria motivos para preocupações, referindo que ele (Justino Ribeiro), era de boa família e que não existiriam motivos políticos, somente questões que se prenderiam com o sindicato. Adriano Ribeiro refere a possibilidade de que a informação dada pelo Presidente da Câmara à polícia política teria sido o padre de Campo a fornecer, protegendo dessa forma Justino Ribeiro de ser detido pela PIDE<sup>50</sup>.

Na opinião de Adriano Ribeiro, o seu pai não teria sido preso por ser muito amigo do padre. O pároco possivelmente teria uma influência de proximidade no meio político: “o padre que condenou alguns, meteu alguns lá “dentro”, eu

---

<sup>48</sup> Adriano Ribeiro nasceu em 1949 na freguesia de Campo. Para além de ser contemporâneo dos acontecimentos ocorridos na década de 50 e 60, a sua residência de sempre é relativamente perto das minas.

<sup>49</sup> Relativo aos anos de 1912

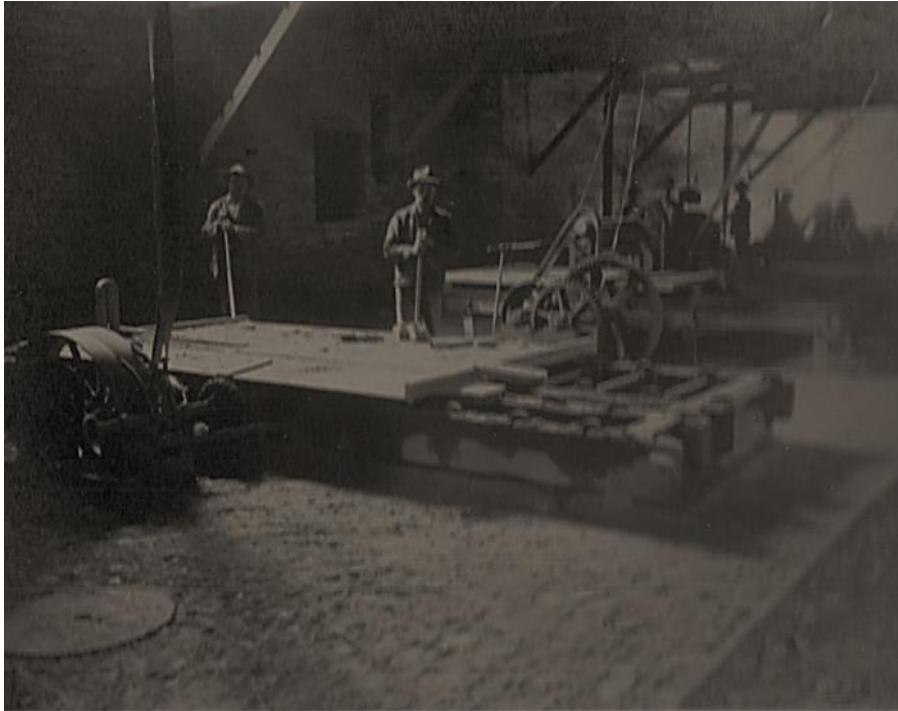
<sup>50</sup> Polícia Internacional de Defesa do Estado

tenho provas disso, se calhar libertou o meu pai, a influência dele daria para as duas coisas”.

A relação de proximidade com o padre pode dever-se ao caráter de Justino Ribeiro o qual mostrava em muitos aspetos o doutrinamento do regime nas classes operárias e a sua interioridade como o fracasso da luta dos sindicatos revolucionários, não sendo um apoiante do regime, não seria um antifascista, e seguindo a sua fé religiosa no que concerne ao segredo de Fátima sobre a conversão da URSS, seria até um anticomunista e também membro da banda de Campo.

Na realidade o papel do padre enquanto representante da igreja no meio social, que apesar da proximidade no discurso ideológico com o regime em relação às questões do divino, transmite a ideia de alguém que agia por conta própria, como à margem da própria instituição eclesial, onde segundo os relatos acima expostos, parece ficar implícita a criação de uma teia de influências com os diferentes órgãos de poder local, uma condição que possibilitou o pároco ter intercedido pelo pai de Adriano Ribeiro junto da autarquia.

## 8.6. ENVOLTOS NO “PÓ”



*Interior da Companhia das Lousas S/ data. Fonte: Empresa das Lousas de Valongo.*

A silicose, a par da tuberculose, foi uma das doenças que mais afetou as pessoas que trabalhavam no setor extrativo. Serão vários os relatos que descrevem as terríveis consequências que provocava no seio das famílias, colocando a esperança média de vida entre os quarenta e cinquenta anos. Apesar da dificuldade em conseguir dados estatísticos do número de mortes associadas à silicose na localidade de Campo, nomeadamente ligados às empresas louseiras, o quadro abaixo exhibe parte do relatório elaborado pela Direção geral de Minas em 1962, o qual expõe o índice da doença no setor.

- E) As louseiras apresentam aspectos particulares que resultam especialmente do grande risco da parte oficial do exterior.  
Na realidade, os números totais das cinco empresas estudadas revelam que :
- a) Em 652 operários, 237 sofrem de silicose numa percentagem (36,3) quase igual à dos normais (40,7 %) — grupo «O»; os restantes (23,0 %), são suspeitos — grupo «Z» ;
  - b) Em 173 operários do «Interior», encontram-se 69 silicóticos (39,9 %) ;
  - c) O pessoal rastreado do «Exterior», em número de 424 indivíduos, comporta 145 silicóticos (34,2 %), e convém notar que neste agrupamento se incluem os serviços administrativos e outros ;
  - d) No de exterior, que antes trabalhou no interior — «IA Exterior» — em 55 rastreados, existem 23 silicóticos (41,8 %) ;
  - e) Duas das empresas estudadas apresentam percentagens de silicóticos muito mais altas no exterior do que no interior
  - f) Em uma dessas empresas, a silicose aparece no «Exterior», com uma percentagem de 54,6 ;

*D.G.M.S.G. Boletim das Minas nº17 – 1962. Fonte: Direção Geral de Energia e Geologia,*

No entanto, a fonte de contaminação da silicose seria através do fabrico das “penas” na própria habitação das famílias, cujas tipologias diminutas assemelhavam-se a “enxovias”<sup>51</sup>. As divisões eram separadas por paredes de tabique<sup>52</sup> e serviriam de oficina, cozinha e cama, estando em contato direto com o pó de pedra. O fabrico das “penas” trazia consequências terríveis para a saúde devido à serragem da lousa que libertava muito pó de lousa o que aumentaria os casos de silicose nos núcleos familiares. Nesse ponto existe um amplo consenso entre Nuno Matos e Adriano Ribeiro.

“Acontece, ao fazer isto em casa, as crianças apanhavam com o pó, de maneira que isso foi uma das coisas piores da silicose foi essa, foi logo as crianças, logo... dois, três anos, está a ver, apanhavam o pó, os pais trabalhavam naquilo. Era preciso os lápis, aquilo tinha que serrar à mão e depois meter numa

---

<sup>51</sup> Enxovia. Parte térrea ou lajeada da prisão, rente com a rua, ou abaixo do seu nível. Espaço muito sujo. = ENXOVEDO. "enxovias", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/enxovias> [consultado em 06-10-2018].

<sup>52</sup> Estruturas em madeira revestidas ou não por argamassa

máquina que afiava aquilo. Aquilo fazia muito pó, isso foi o grande problema...” (Rui Matos, 2018)

“Este sistema de trabalho originou a que muita gente contraísse silicose nos pulmões, fixando a esperança média de vida entre os 40 e 50 anos. Uma das razões prendia-se com as condições de salubridade das casas, de tipologias diminutas, separados por paredes de tabique, serviram de oficina, cozinha e cama, estando em contato direto, 24h sobre 24h, com o pó de pedra.” (Adriano Ribeiro 2017).

A fim de minimizar os efeitos do pó da lousa na saúde, a empresa das Lousas de Valongo instala máquinas que possibilitavam o uso da água. “... a partir de 1960, quando começam a trabalhar as máquinas com água, que era uma coisa muito boa, porque anteriormente as máquinas faziam muito pó. Uma máquina de corte fazia muitíssimo pó, que era mau, para as pessoas, para a saúde por causa da silicose”. (Rui Matos, 2018).

“Em 1938 duas jovens de Susão, amigas de infância, nascidas no mesmo dia, com apenas 11 anos de idade, analfabetas, entraram numa oficina de lousas escolares e lápis de lousa, em Valongo. Ao entrarem, sentiram o impacte do pó da lousa em suspensão, que reduzia a visibilidade do seu interior. Uma delas manteve-se à porta. A outra obteve emprego (...). Mais tarde uma delas acabou por falecer, precocemente, com problemas respiratórios, vítima do pó de lousa (silicose).” (MARQUES, 2016, p. 12)

Em 20 de abril de 1961, o deputado Dr. Urgel Horta, mais conhecido pelo seu papel enquanto presidente do F.C. do Porto, interpela a câmara da Assembleia Nacional para fazer uma intervenção sobre a problemática da silicose nas lousas de Valongo e os seus efeitos nefastos nos trabalhadores.

“Posto assim o problema, que pede a adoção de medidas drásticas, (...) do que presentemente se passa na indústria de Lousas de Valongo, arredores do Porto, industria onde trabalham aproximadamente 1500 operários submetidos

a riscos graves ligados às doenças profissionais, auferindo salários incompatíveis com as necessidades familiares, vivendo-se em clima de confusão industrial que se torna necessário disciplinar e esclarecer nos diferentes ramos de tão importante actividade.”<sup>53</sup>

No fundo, a silicose de forma direta ou indireta afetaria os músicos e possivelmente o recrutamento de futuros elementos. Em casos extremos de generalização da doença, poderia por em causa a existência da própria formação musical dada a natureza dos instrumentos de sopro usados na formação, nomeadamente cornetins, tubas, bombardinos, etc.... como a maior parte das vezes os músicos andavam e tocavam ao mesmo tempo, especialmente nas procissões e romarias, o que exigia um maior esforço físico ao nível da respiração. Jorge Benido, atual presidente da direção da banda de Campo, foi questionado pessoalmente sobre a problemática da silicose. A questão colocada, era se tinha conhecimento de músicos mais antigos com doenças pulmonares devido à exposição do pó da lousa, ao qual ele respondeu afirmativamente. Conheceu casos de músicos que morreram com tuberculose e outras doenças associadas à silicose.

Isto posto, os elementos aqui apresentados e que envolvem todo o processo da mina da lousa na estruturação da vida social, através das políticas corporativistas e ideológicas do Estado Novo, terão originado um domínio com contornos autocráticos da indústria extrativa sobre a população de Campo e os músicos da banda de Campo enquanto trabalhadores das minas. Um vínculo que se irá alterar em 25 de Abril de 1974 com a mudança do paradigma político, social e económico, que dentro de um quadro de relação institucional entre ambos, a banda seguirá de forma independente o seu caminho e a Companhia das Lousas de Valongo terá um papel relevante na história industrial do concelho de Valongo.

---

<sup>53</sup> Diário das Sessões. Assembleia Nacional, sessão nº 211, em 19 de abril. 1961

## 9. BANDA DE CAMPO – APONTAMENTOS PARA A SUA HISTÓRIA

### 9.1. FUNDAMENTOS

Compreender as diferentes transformações no campo social, humano e político protagonizadas ao longo da História, gera uma leitura sobre o papel que os distintos atores demonstraram na construção identitária do local onde a coletividade musical desenvolve a sua atividade, tornando-se ela própria uma peça fundamental desse mesmo registro. Uma transformação que se irá refletir nas diferentes gerações dos membros da banda arrastando mudanças na própria vida e estruturação na ordem social. Assim a evocação da memória histórica e coletiva surtirá um efeito multiplicador em cada um desses indivíduos, tornando a sua história nos diferentes percursos da História, um interveniente da própria, que segundo Augé (1992) “as exigências e decepções de cada individuo estão ligadas ao reforço desse sentimento fruto do cruzamento de diferentes acontecimentos”.

Não se pretende fazer um estudo abrangente sobre as questões estéticas da música ou mesmo formalismos adjacentes à sua importância educacional e pedagógica. Pode-se, no entanto, realizar breves referências de contextualização temática sempre que considere necessário, mas unicamente numa perspectiva de enquadramento social e histórico. Assim sendo, irá procurar-se neste ponto seguir uma lógica cronológica do percurso histórico da banda de Campo, colocando em evidência os marcos mais relevantes desde o surgimento da banda até à atualidade. Para tal, a exposição dos diferentes aspetos relacionais aqui retratados tentará demonstrar que o passado histórico está conectado de forma intrínseca com a ação presente, ou seja, a alteração do paradigma na organização do trabalho nos finais do século XIX fomentado



*Banda de Campo S/ data. Fonte: Banda de Campo<sup>10</sup>*

pela industrialização e as conseqüentes e subseqüentes transformações políticas, assumirão um papel de relevo. Também devem ser levadas em linha de conta outras formas produtivas, como a agricultura, que continuava a ter um peso muito forte. Será essa relação entre o fator trabalho e as populações que dependem da indústria extrativa, que irá influenciar de forma determinante o rumo dos acontecimentos na construção da vida social.

“[...] escrevendo a História de toda a humanidade, todo o passado determina, constrói, reconstrói; explica, significa e re-significa o presente; todo presente engendra, contém e constrói o futuro. Assim, cada ação humana carrega em si toda a História da Humanidade e as possibilidades a serem redesenhadas amanhã e é também portadora do futuro. Cada ação humana é uma síntese, ao mesmo tempo, única e universal, do nosso passado e do nosso futuro”<sup>54</sup> (CODÓ e VASQUES, 1999 citado em SACHULK, 2007, p.56)

---

<sup>54</sup> (VASQUES- MENEZES, 1999, pp. 41-42 citado em Sachulk, 2007, p.56)

## 9.2. BANDAS FILARMÓNICAS CONCEITOS E HISTÓRIA

“Logo que na cidade do Porto houve conhecimento da aproximação da armada de D. Pedro, partiu no dia 8 de madrugada, que era uma força a toda a brida para Vallongo a chamar a música que então aqui se encontrava para tocar na festa de S. António d’onde a noticia de que D. Pedro ia desembarcar suas tropas e o exercito realista retirar para as deixar entrar, ser muito cedo conhecida em Vallongo e talvez mais cedo do que em nenhuma outra parte.”<sup>55</sup> (REIS J. A., 1904, pp. 166-167)

Existirão diferentes conceitos e entendimentos sobre a natureza das bandas filarmónicas e do seu surgimento. Contudo a sua constituição como conjunto musical confere-lhe a particularidade do tipo de instrumentos que a caracteriza, maioritariamente de sopro. Uma indumentária e formação, muito semelhante às bandas militares ou das “Wind Bands” do início do século XIX.<sup>56</sup>

No entanto, na *Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX*, surgem dois conceitos em duas instituições distintas que pela sua descrição influenciariam as bandas filarmónicas de carácter civil e popular. As bandas militares ao nível do reportório, o fardamento onde a familiaridade com o uso de uniformes de carácter militar era uma prática comum em muitos colégios ligados ao ensino<sup>57</sup>, a formatura e as sociedades filarmónicas importadas de

---

<sup>55</sup> “Nesse tempo não havia música em Vallongo. Para a festa de S. António, que era talvez a maior, vinha do Porto a música logo de véspera (...).” in (REIS J. A., 1904, pp. 166-167)

<sup>56</sup> “Durante o século XIX, grandes conjuntos de instrumentos de sopro e percussão nas tradições britânicas e americanas existiam principalmente na forma da banda militar para ocasiões cerimoniais e festivas, e as obras executadas consistiam principalmente de marchas. A única vez que bandas de vento foram usadas em um ambiente de concerto comparável ao de uma orquestra sinfônica foi quando transcrições de peças orquestrais ou operísticas foram arranjadas e executadas, já que havia comparativamente poucos trabalhos de concertos originais para um grande conjunto de sopros”. In [https://en.wikipedia.org/wiki/Concert\\_band#Origins](https://en.wikipedia.org/wiki/Concert_band#Origins). Acedido em 15/09/2018

<sup>57</sup> Duas referências paradigmáticas: o Asilo Profissional do Terço, fundado em 1891 nas instalações da Irmandade da Nossa Senhora do Terço. Foi um Asilo-Escola de acolhimento de crianças e jovens que mendigavam nas ruas da cidade, cuja função estava associada à instrução e à aprendizagem de um ofício, as crianças usavam um uniforme com características militares, e em dias oficiais formavam em parada acompanhados de uma banda filarmónica, e a Banda do Internato do Porto, ver imagens em anexos, fig.5.

<http://monumentosdesaparecidos.blogspot.com/2013/05/instituto-profissional-do-terco-ou.html>

Inglaterra cuja base social seriam as “agregações musicais de amadores saídas das classes superiores e médias”, (CASTELO-BRANCO, 2010, p. 108), trariam um conceito que acabaria por ser assimilado pelos meios populares.

### 9.3. BANDAS ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

As bandas filarmónicas teriam as suas origens nos conjuntos de sopro, de madeira e metal, e de percussão denominadas de “Charamelas” (BESSA, 2009, p. 21), os que seriam obrigados a atuar nas festas sacro-profanas com incidência nas cerimónias religiosas que se celebraria dentro das igrejas e durante as procissões (Vieira, 1900 citado em Bessa, 2009) na cidade de Braga. A criação desse conjunto de músicos executantes de carácter essencialmente civil, seria atribuído ao Arcebispo da mesma cidade.

Todavia, as “Bandas Militares” não deixariam de exercer a sua influência nas formações musicais civis, fosse por conceitos mencionados no ponto anterior, como pela incorporação de músicos e maestros saídos das “bandas militares” (Borba & Lopes-Graça, 1996 citado em Bessa, 2009) aquando da sua desmobilização do serviço castrense. Na sua maioria seriam músicos profissionais, o que levaria a uma melhoria da qualidade na execução como de performance, conferindo uma lógica mais organizativa aos conjuntos, o que por si só seria um fator de motivação extra nos músicos amadores. (BESSA, 2009)

A maioria das bandas filarmónicas data das primeiras décadas do século XIX, muitas delas formadas dentro de empresas como a Fábrica de Porcelana da Vista Alegre em 1826 (BESSA, 2009) ou nas primeiras décadas do século XX como a Banda de Música dos Mineiros do Pejão.<sup>58</sup>

---

<http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/588008/?>. Acedido em 24/11/2018

<sup>58</sup> In *História da banda de Música dos Mineiros do Pejão*. Acedido em 14/10/2018. <http://www.bandadopejao.com/historia.html>

*“As Bandas Filarmónicas parecem ter sido fundadas com o intuito de serem um veículo de difusão da cultura musical e um centro de educação cívica”* (BESSA, 2009, p. 22).

Seria seguramente essa a intenção, principalmente nas bandas cujos apoiantes se encontravam ligados a uma alta burguesia, proprietários de terras, industriais e uma certa elite intelectual ligada a setores da burguesia, cujos princípios filantropos tornava-os entusiastas do mecenato para o ensino da música<sup>59</sup>. Seriam esses setores da vida social e económica que à altura dos acontecimentos se regiam por princípios liberais através de linhas ideológicas ligadas à cultura e à liberdade (BESSA, 2009) e dessa forma possibilitaram a difusão das bandas a nível nacional, abrindo portas a novas formações a possibilidade de adaptar livremente o modelo que mais se adequaria às suas necessidades. E seria a importância que as bandas filarmónicas alcançariam nos meios populares devido à sua participação nos eventos festivos de índole religiosa, onde a sua função resultaria num dos principais veículos de propaganda ou chamariz para a necessidade da doutrina da fé, estabelecendo dessa forma pontos de interesse com a igreja. Uma relação que seria em muitos aspetos interrompida durante a 1ª República com a laicização do estado, mas novamente retomada durante a ditadura do Estado Novo. Paradoxalmente a alta burguesia (PEREIRA & Vasconcelos, 1978) apologista dos ideais liberais de outrora, seria em muitos casos a mesma que apoiaria o golpe de estado militar liderado por Gomes da Costa, o qual daria início à ditadura do Estado Novo.

---

<sup>59</sup> Creio nestes casos, poder-se-ia denominar de mecenato em “causa própria”. Os membros que compunham as bandas filarmónicas, maioritariamente operários, formadas nos círculos industriais e comerciais como eclesíásticos, seguramente não detinham qualquer tipo de autonomia em relação à empresa ou igreja. Na realidade, não tenho até ao momento registos ou provas (para além da importância que representava em muitos aspetos a aprendizagem da música) que as condições de vida social e económica dos trabalhadores tenha sofrido alguma evolução positiva nesse sentido. Um caso paradigmático será o relato na entrevista realizada em 22/07/2018, que José Comércio Teixeira Ferreira faz sobre a banda de música dos mineiros do Pejão quando questionado se os músicos que tocavam na banda teriam mais benesses por isso. *“Nas minas do Pejão, quem trabalhava, quem era músico não ia para o fundo”. Conheceu casos desses? “Conheci, conheci, não iam para o fundo, não trabalhavam no fundo, ainda há muita gente que é desse tempo. Eram músicos e não trabalhavam no fundo, trabalhavam cá em cima”.*

Uma vez traçada a evolução geral – e necessariamente sintética – do aparecimento das bandas em Portugal, da apresentação de alguns exemplos de bandas ligadas às forças militares e à forma como elas se estenderam à sociedade civil, dependendo de elites e de forças políticas com algum peso, passaremos ao objeto de estudo dominante desta dissertação: a banda de Campo.

#### 9.4.Síntese analítica

Fazer a análise histórica da banda de S. Martinho do Campo, compreenderá um exercício maior que o significado que automaticamente se pode atribuir a este género de coletividade de carácter musical, seja pela informalidade do “ensino” da música, a indumentária, festas, romarias como dos reportórios. Uma análise que irá procurar evitar a narrativa do lugar-comum que tendencialmente este tipo de trabalho compreende, como a abordagem aos parâmetros que condicionaram a formação musical sob os auspícios de ideários políticos e sociais desde a sua formação até à atualidade, embora esses aspetos não possam ser ignorados.

Será a leitura necessária na desconstrução de mitos e narrativas que se foram criando à volta da banda. Apesar da dificuldade em encontrar registos e documentos físicos da prova do início da formação até meados do século XX, isso não impediu de traçar uma linha de investigação apoiada no cruzamento de pistas documentais através de entrevistas realizadas a maestros, antigos membros da banda e indivíduos que uma forma direta ou indireta terão tido uma relação de proximidade com a mesma. Procura-se assim, compreender as dinâmicas, estratégias e transformações que a própria banda foi desenvolvendo, conferindo-lhe atualmente um forte sentido identitário da própria localidade de Campo, um estado muito distinto dos períodos históricos que a antecederam, como se irá verificar no desenvolvimento do trabalho. E será através de uma conjugação de elementos de pesquisa e análise, que procurará expor as contrariedades e os diferentes condicionalismos, políticos, sociais e económicos nos quais a coletividade musical acabaria por força das circunstâncias por ser uma das imagens associadas ao ideário propagandístico da cultura popular principalmente durante a ditadura do Estado Novo, um fator de peso no contexto identitário, pois irá marcar uma época e atravessar várias gerações de músicos de Campo como a própria população em geral.

## 9.5. REGISTOS E PROVA DOCUMENTAL

Sobre a Banda de S. Martinho do Campo, como já referido, não existe muita informação disponível sobre a sua fundação e percurso histórico até sensivelmente 1960. Através do livro de registos<sup>60</sup> do Sr. Rafael Silva, torna-se possível obter uma leitura geral das atividades da banda e dos seus membros em particular. Um registo que se irá mostrar fundamental na investigação e apuramento de factos. Segundo alguns elementos da direção da Banda de Campo, os quais referem que até ao momento não foi possível saber a data de início dos registos e a quantidade de livros escritos pelo Sr. Rafael Silva., no entanto detém em sua posse dois livros de registos, um de 1962 a 1966 e outro de 1967 a 1969, sendo que estes em particular descrevem em pormenor as contas, nomeadamente as receitas e despesas da banda, muitas delas de âmbito semanal como o relato de pequenos episódios que ocorriam durante as atuações, tais como: se os músicos tocaram bem, alguém que perdeu um sapato pelo caminho, o uniforme não estaria em conformidade e as horas de entrada nas festas, romarias e procissões, descrevem igualmente o estado do tempo, se chovia ou fazia sol e os sítios onde iam tocar, os quais se passa a citar duas das passagens do livro de 1962 (p.1), “1 de Abril de 1962 devíamos ir tocar aos Paços o Valongo mas em virtude de estar a chover não se realizou a procissão ficando adiada para o domingo seguinte.”; “Tudo correu bem. O pregador foi o Sr. Abade. À noite houve um beberete na casa onde comemos. Vinho, figos. Na camioneta houve grande animação. Alguns coitados... o Martinho está na tropa” (p.83). Estes livros gentilmente cedidos para consulta e digitalizados na íntegra, foram devolvidos com os respetivos ficheiros digitalizados, mantendo como uso as cópias com autorização da coletividade. No entanto, através do processo de investigação documental, obteve-se o acesso indireto a um terceiro livro por intermédio do Sr. Manuel Dias ligado à Casa dos Bugios em Sobrado, o qual forneceu o contacto de uma pessoa em

---

<sup>60</sup> Desconhece-se se existem outros livros anteriores a 1962

Valongo que tinha em sua posse um diário da Banda de Campo, a qual se prontificou a ceder para tirar cópias. Contudo, fez-se a observação se estaria de alguma forma relacionada com a coletividade musical, o qual respondeu que não, referindo, no entanto, que teria sido um antigo membro da Banda a facultar-lhe o livro.

A falta de documentos escritos como de imagens atravessa de forma comum muitas associações e bandas filarmónicas dos finais do século XIX e início do século XX. As causas podiam ser múltiplas e variadas, como os custos associados, ou assumir que a oralidade seria um meio de perpetuar a história através de gerações. Dá-se igualmente casos de antigos membros levarem para casa documentos, imagens e mesmo instrumentos<sup>61</sup> de forma a ficarem com um registo pessoal da sua passagem pela coletividade, ou uma outra razão que não foi possível averiguar. Contudo, muitas bandas afirmam com exatidão a data da sua fundação, enaltecendo a sua antiguidade na elevação de um estatuto social exibido pela coletividade, sem muitas vezes terem algum tipo de registo que na realidade o prove.

Apesar da falta geral de registos, nem tudo são más notícias. A Banda de S. Martinho do Campo conserva um espólio importantíssimo de partituras, algumas com mais de 90 anos cujas cópias<sup>62</sup>, e em alguns casos o registo de alterações no reportório original, são escritas à mão sobre papel, datadas e com o nome do autor. Conservam igualmente fotos e os diários da banda escritos pelo Sr. Rafael Silva de 1962 a 1990.

Durante o desenvolvimento do trabalho da dissertação, adquiriu-se imagens de arquivo da RTP, com imagens da banda a tocar no S. João de Sobrado<sup>63</sup> nos anos 60 – 70. Uma filmagem particular, gentilmente cedida pelo Sr. Manuel

---

<sup>61</sup> Rafael Silva no seu livro de registos já mencionava esse problema, muitas vezes relacionados com divergências internas, “No mês de Novembro de 1976 o Mestre falou com o Carvalho que disse que só viris para a música quando os do teatro saíssem da casa. O nosso instrumento no qual ele tocava continua em seu poder. Também mais ou menos na mesma altura o Adão Reu foi a casa do Mestre e disse-lhe que não tinha vida para continuar na música. Também não entregou o instrumento. 2/01/1976”.

<sup>62</sup> Ver anexos, fig.6.

<sup>63</sup> Também designadas por “Bugiadas e Mouriscadas”

Dias da Casa dos Bugios e cuja datação crê-se corresponder aos inícios dos anos 70 nas mesmas festas. No ficheiro de imagem pode-se visualizar os “bugios” a nas suas danças e o ambiente festivo característico das festas populares, como uma feira com tendas de venda de produtos tradicionais e elementos da banda a tocar; curiosamente o autor do vídeo filmou os dois elementos femininos a degustar uma sandes enquanto olhavam para a câmara.

Deve-se destacar o papel do Sr. Adriano Ribeiro, de quem o apoio foi imprescindível para o desenvolvimento deste trabalho, ao mostrar-se um exímio conhecedor das histórias e lugares da localidade. Propiciou a realização de um roteiro com a indicação das primeiras casas de ensaio e a casa onde o maestro fundador viveu. Lançou pontes de comunicação e entendimento entre mim e os membros da associação musical, as quais originaram uma saudável de troca de informação.

Toda a restante documentação, como artigos de jornal, páginas web, imagens e bibliografia, foi conseguida através dos meios digitais seguindo as pistas que os diferentes intervenientes davam através das entrevistas realizadas.

## 10. Banda de Campo um percurso identitário

Longe vão os tempos em que ideais como a liberdade e igualdade de direitos iniciada pelos liberais e propalada pelos republicanos, se tornaria algo apenas acessível às classes sociais mais abastadas; era uma questão de poder económico e os mais pobres poderiam apenas sonhar com as palavras, isto se soubessem escrever, ler e compreender o seu significado. Contudo, seriam princípios inspirados em grande parte nos ideários da revolução liberal de 1820, trazidos pelos “emigrantes políticos”<sup>64</sup>, os quais eram vigiados pela sua atividade de diplomatas, viajantes e residentes franceses que mostravam simpatizar com as instituições democráticas de França.” (MOREIRA, *Pensamento liberal em Portugal*, 2008, p.1).

A luta contra a centralidade do território nacional, o desenvolvimento das ciências e das artes como a reforma do poder político seriam os motores transformadores da realidade social e política portuguesa. E seriam essas reformas e ideais saídos da Revolução Liberal que iriam nortear o aparecimento de grupos, conjuntos e associações de cariz popular, caracterizadas pelas formas mais simples de organização.

“Naquele tempo havia pouco (gente que sabia ler e escrever), pouca gente frequentava as aulas (...)”<sup>65</sup>

“Tudo depende das idades, portanto, os mais velhos não tinham, o meu pai não tinha, fez a 4ª classe já de adulto, já quarenta e tal anos é que o meu pai fez a quarta classe, já o meu tio Adelino também, o meu tio António, penso que

---

<sup>64</sup> Pinharanda Gomes, citado por MOREIRA, 2008, “Prefácio” a José de Arriaga, ‘A Filosofia Portuguesa’ 1720-1820: História da Revolução Portuguesa de 1820, Guimarães Editores, Lisboa, 1980, p. 11.

<sup>65</sup> António Carvalho (2017)

nunca fez, tinha a 2ª classe (Adriano Ribeiro, refere que o maestro que sucedeu ao avô de José Teixeira), penso que não tinha a 4ª classe”.<sup>66</sup>

Na primeira década de 1900, seriam os fatores da pobreza e miséria coletiva permanente, cujo grau será impossível de quantificar na proporção de cada família e dos membros que a constituía, que a ideia da ação coletiva poderia ser uma forma de emancipação económica, social e cultural, uma ação dependente de um fator estrutural como a organização do pensamento crítico, árdua pretensão numa população maioritariamente analfabeta. Assim sendo, qualquer género de construção coletiva teria de ter sempre uma conjugação de fatores ligados à própria condição dos intervenientes e seria movida em prol dos interesses individuais de cada um, o grupo seria apenas um meio para atingir determinados fins, como a sobrevivência e a prática musical.

Será nesse campo de índole mais pessoal, como já referido anteriormente, que se irá procurar mostrar contradições e relações que muitas vezes entravam em rota de colisão com a população local (para quem o princípio da dignidade seria uma das marcas identitárias), devido à relação que a banda como coletivo foi desenvolvendo com os vários poderes instituídos, nomeadamente durante o período republicano e a ditadura do Estado Novo.

---

<sup>66</sup> José Comércio Teixeira Ferreira (2018)

## 11. DADOS CRONOLÓGICOS

A construção identitária será algo estanque e imutável, ou permeável e mutável? Até que ponto os fatores externos e internos, influem na multiplicidade das formas e sentidos identitários em constante transformação?

No quadro abaixo, pretende-se colocar em evidência marcos históricos como populacionais que marcaram direta ou indiretamente, a dinâmica social da freguesia de Campo e conseqüentemente o percurso identitário da coletividade musical. Pode ser discutível e, porventura, demasiado sintético uma vez que apenas se apresentam datas e factos da história de S. Martinho do Campo – Valongo, da própria banda e da história de Portugal no período em estudo, sem grande sobre os mesmos. No entanto, essa reflexão está subjacente ao discurso e à narrativa geral desta dissertação.

### 11.1. QUADRO CRONOLÓGICO

Freguesia de S. Martinho do Campo – Valongo		
Dados Populacionais		
Principais Acontecimentos: local, nacional e internacional.		
1758 <sup>67</sup>	Séc XVIII	
	Político	Monarquia – Absolutismo
	População	489 <sup>68</sup> Menores setenta e nove. Ausentes cento e onze

<sup>67</sup> Arquivo Histórico de Valongo. Memórias paroquiais da freguesia de Campo de 14 de abril de 1758

<sup>68</sup> Registos de comunhão.

	Caracterização	Lavradores em casais repartidos – quarenta e oito, todos os mais são pobres e jornaleiros
	Fogos	Cento e setenta e cinco
1864/65	Século XIX	
	Regime Político	Monarquia – liberalismo
	Económico	1865 – Ano da fundação da Vallongo Slate and Marbles Quarries Company no lugar do Galinheiro em Campo.
	População <sup>69</sup> no ano de 1864	1481
	Casamentos <sup>70</sup>	10 <sup>71</sup>
	Nascimentos <sup>72</sup>	44 (Meninos 19, Meninas 25)
	Óbitos <sup>73</sup>	57 (Homens 17, Mulheres 9, Meninos 22, Meninas 11)
1883	Em 23 de março na freguesia de Abrugão, nasce José Teixeira Ferreira	
1886	“MÁRTIRES DE CHICAGO” <sup>74</sup> , 1º Maio marca a luta pelas oito horas de trabalho diárias	
1900	Século XX	
	População	2013 Habitantes
	Homens	972
	Mulheres	1041
	Naturais da freguesia	1785

<sup>69</sup> Portugal. Instituto nacional de Estatística. X Recenseamento Geral da População 1960

<sup>70</sup> Arquivo Distrital do Porto. Concelho de Valongo. Freguesia. Campo (S. Martinho). Livro. C Nº6. Ano de 1865

<sup>71</sup> Naturalidade dos nubentes: Gandra; Melres; Paços de Ferreira; Paredes; Valongo. As noivas segundo os registos, são maioritariamente da freguesia de S. Martinho do Campo.

<sup>72</sup> Arquivo Distrital do Porto. Concelho de Valongo. Freguesia. Campo (S. Martinho). Livro. B. Nº6. Ano de 1865

<sup>73</sup> Arquivo Distrital do Porto. Concelho de Valongo. Freguesia. Campo (S. Martinho). Livro. O. Nº6. Ano de 1865

<sup>74</sup> “A “Federação de agrupamentos do Comércio e Uniões de Trabalhadores dos Estados Unidos” decidem, em seu quarto Congresso, realizado em Chicago, levar a cabo a Greve geral, para a conquista das oito horas de trabalho, elegendo o dia 1.º de Maio de 1886, para início da luta (...) A greve explodiu no dia eleito pelos congressistas operários e no dia 4 de maio teve um desfecho regado a sangue humano, com muitos mortos e feridos. A tragédia resultou na prisão de oito anarquistas e sua condenação à morte”.

Acedido em 03/12/2018 <http://www.anarquista.net/os-martires-de-chicago/>

	Outra naturalidade mas do mesmo distrito.	207
	Fogos	500
1905	Em 22 de outubro dá-se o Casamento de José Teixeira Ferreira e Gracinda Augusta Bragança filha do maestro da Banda de Cete.	
1910	Evento Político	Queda da monarquia, Instauração da República.
	5 de outubro, Teófilo Braga torna-se o 1º Presidente da República.	
	População em 1911 <sup>75</sup>	2288 Habitantes
	Homens	1081
	Mulheres	1207
	Naturais da freguesia	2020
	Outra naturalidade mas do mesmo distrito	231
	De qualquer outra naturalidade	32
	Fogos	578
1911	Carolina Beatriz Ângelo. A primeira mulher a votar em Portugal, nas eleições realizadas para a Assembleia Nacional Constituinte, no dia 28 de maio de 1911. <sup>76</sup>	
1913	Em 3 de Julho, as mulheres são proibidas de votar pela nova lei eleitoral. <sup>77</sup>	
1914	Primeira Grande Guerra	
1917	Revolução Bolchevique na Rússia	
1918	A 14 de dezembro em Lisboa, Sidónio Pais é morto num atentado.	
	População	2395 Habitantes
1919	11 de maio, eleições legislativas. Participação mínima: 83% de abstenção. Os democráticos elegem 96 deputados; os evolucionistas 38; os unionistas 17 os socialistas 8 e os católicos 1. Os analfabetos são impedidos de votar. <sup>78</sup>	

<sup>75</sup> Censo da População de Portugal Nº 1 de Dezembro de 1911

<sup>76</sup> Acedido em: 24/11/2018. <http://app.parlamento.pt/comunicar/Artigo.aspx?ID=493>

<sup>77</sup> Diário do Governo Nº 153, 3 de Julho de 1913. Capítulo I, artigo 1º

<sup>78</sup> BRANDÃO, 1ª República Portuguesa, Uma Cronologia, 2011, p. 377

Ano 1926	Intervenção Militar Gomes da Costa	
Ano 1929	A Banda de Campo faz a sua primeira aparição pública na recolha do compasso, período da Páscoa.	
1930	Regime Político	Ditadura Militar
	População	2774 Habitantes
	A Companhia das Lousas de Valongo sucede à companhia inglesa Vallongo Slate and Marbles	
1932	29 de Agosto inicia-se a greve geral nas minas da Lousa em Valongo promovida pela CGT <sup>79</sup>	
1933	Criação da polícia política. PIDE	
1934	Institucionalização do Estado Novo – Salazar assume o governo.	
1935	José Ferreira Teixeira deixa a banda de Campo e vai com três filhos para a de Rio Tinto	
	Augusto Cunha assume a regência da banda de Campo	
	A 13 de Junho é criada a FNAT <sup>80</sup>	
1936/39	Inicia-se a Guerra civil de Espanha. O governo toma medidas de apoio às forças do General Franco contra a República Espanhola.	
1936	Em 19 de maio de 1936 é criada a Mocidade Portuguesa - Decreto-Lei n.º 26 611	
1936	Em 30 de setembro é criada a Legião Portuguesa - Decreto-Lei n.º 27 058	
1938	José Teixeira regressa de Rio Tinto e assume novamente a regência da Banda de Campo	
1939	Sindicato dos mineiros da Lousa de Valongo integra o regime Corporativo	
	Eclode a Segunda Grande Guerra	
	A produção extrativa da Lousa cai a pique devido à guerra	
	A Companhia das lousas de Valongo reduz drasticamente o número de operários	

<sup>79</sup> Confederação Geral do Trabalho - Anarco-sindicalista.

<sup>80</sup> FNAT – Federação Nacional da Alegria no Trabalho

	Inicia-se a corrida ao Volfrâmio	
1950	António Teixeira Ferreira substitui o pai na regência da Banda de Campo.	
	A Banda de S. Martinho do Campo torna-se uma referência no S. João de Sobrado	
	População	4292 Habitantes
	Famílias	896
	Homens	2112
	Mulheres	2180
	Temporariamente Ausentes	77
	Homens	44
	Mulheres	33
	Criação do grupo coral da banda de Campo	
1951	Em 13 de janeiro dá-se o falecimento de José Teixeira Ferreira	
1957	Iniciam-se os grandes movimentos emigratórios. França seria o país de preferência	
1958	No mês de junho a campanha de Américo Tomás é apedrejada e vaiada na passagem pela freguesia de Campo. Duas pessoas são presas pela PIDE DGS, outras são inquiridas. Suspeita-se que o padre Joaquim Nogueira as terá denunciado.	
	População	5094 Habitantes
1961	Início da Guerra Colonial	
1965	Em 13 de fevereiro na localidade de Olivença.- Espanha, é morto pela PIDE o General Humberto Delgado	
1968	António de Oliveira Salazar é vítima de um Acidente Vascular Cerebral	
	27 de Setembro Marcelo Caetano assume o governo.	
	Inauguração da primeira sede oficial construída de raiz pelos elementos da coletividade musical. No primeiro hastear da bandeira estavam apenas presentes as seguintes pessoas: Rafael; Neca; Cunha.	
	População Residente	6095 Habitantes
	Homens	3120
	Mulheres	2975

	População Presente	6005 Habitantes
	Homens	3030
	Mulheres	2975
1970	Em 27 de julho morre Salazar.	
1971	Fátima e Maria Fontes tornam-se as primeiras mulheres a ingressar a Banda de Campo.	
1974	Revolução dos cravos. É reposta a democracia	
1975	Primeiras eleições livres para a Assembleia Constituinte.	
1979	Comemoração dos cinquenta anos da fundação da coletividade. Houve foguetes durante o hastear da bandeira. A banda tocou na missa pela alma dos fundadores e músicos. Todas as coletividades recreativas e desportivas como os órgãos do poder local também se fizeram representar. O pavilhão onde se deram os festejos encheu-se de povo.	
	Em 30 de Março é publicado em Diário da República III Série nº 75, os estatutos <sup>81</sup> da Banda Musical de São Martinho. Lavra da escritura 25 de agosto de 1978.	
1981	Manuel Ferreira Teixeira assume a regência da banda de Campo.	
1982	Importante cisão na família Teixeira. João Teixeira Ferreira e o filho José Comércio Teixeira deixam a banda de Campo e vão para a Banda de Cete, tornando-se mais tarde maestros da coletividade.	
1983	Através do Decreto-Lei nº 310/83, de 1 de julho é institucionalizado o ensino da música no sistema geral de ensino preparatório, secundário e superior.	
1985/86	Assinatura do Tratado de adesão de Portugal à CEE em 12 de junho 1985. O país integrou oficialmente a comunidade em 1 de janeiro de 1986.	
1990	Júlio Santos assume por convite a regência da Banda de Campo. Iniciou-se como maestro na Banda da Nespereira	
1991	População <sup>82</sup>	7918 Habitantes
1995	Manuel Ferreira Teixeira reassume a regência da Banda de Campo	

<sup>81</sup> Ver doc. Em anexos, fig.7.

<sup>82</sup> Câmara Municipal de Valongo. Diagnóstico Social do Concelho de Valongo 2015

	Integram elementos mais jovens na direção com o desejo de fazer mudanças na estrutura associativa.	
1999	Jorge Benido assume a direção da Banda de São Martinho juntamente com os elementos mais jovens que já se tinham integrado em 1995. Iniciam uma série de mudanças nas atividades da banda, como a criação da escola de Música e a admissão de um maestro mais jovem, com uma visão diferente em relação aos maestros anteriores de perfil mais conservador.	
2000	António Cunha torna-se Maestro da Banda de Campo. Inicia um processo de abertura ao adotar uma regência mais moderna. É alvo de contestação pelos seus pares	
2005	Salomão Abreu assume a regência da Banda de Campo, primeiro maestro com título académico. (área da psicologia)	
2009	Joaquim Botelho depois de uma passagem pela Banda Filarmónica de Nagoselo do Douro (1999-2003) na localidade de S. João da Pesqueira. Assume a regência da Banda de Campo onde pretende iniciar o projeto para a criação da Escola de Música.	
2011	População <sup>83</sup>	9197 Habitantes
2012	24 de maio. Declaração de Utilidade Pública <sup>84</sup>	
	Marco Araújo, sargento do exército e originário da cidade da Maia, assume a regência da Banda de Campo	
2015	Inauguração da segunda sede <sup>85</sup> . A partir da reabilitação e transformação do espaço da antiga escola primária de S. Martinho do Campo. Com fundos do PRODOR, Junta de Freguesia de Campo, Câmara Municipal de Valongo e o apoio de empresas locais.	
2018	A Banda Musical de São Martinho do Campo conquista o primeiro prémio no prestigiado festival «Diffwinds» – Differdance International Festival for Winds, realizado em Differdange, no Luxemburgo <sup>86</sup>	

<sup>83</sup> Câmara Municipal de Valongo. Diagnóstico Social do Concelho de Valongo 2015

<sup>84</sup> Gabinete do Secretário de Estado da Presidência e do Conselho de Ministros. Ver anexos, fig.8.

<sup>85</sup> Denominada por Espaço Musicultural de Campo

<sup>86</sup> In (SOUSA, 2018)

## 11.2.As origens do Maestro

Neste capítulo, procura-se descrever a pessoa que de alguma forma foi o elemento mais considerável na fundação da banda de Campo. Compreender as suas origens e o seu percurso como músico, será essencial para conceber uma linha condutora inserida no espaço e no tempo na construção da coletividade musical iniciada pelo mesmo, fosse pelas suas características físicas associadas a um certo virtuosismo que o definiam enquanto músico como pelas capacidades psicológicas enquanto pessoa.

José Teixeira Ferreira, nascido a 24 de março de 1883 na freguesia de Abragão do Concelho de Penafiel, com cerca de 1832 habitantes<sup>87</sup>, filho de António Ferreira Teixeira e de Margarida Roza, naturais da mesma freguesia. De acordo com um assento de nascimento conservado no arquivo dos registos paroquiais de 1883, S. Pedro de Abragão <sup>88</sup>, o pai tinha a profissão de jornalista e a da mãe não consta no registo. José Teixeira era um homem de origens humildes, mas teria o talento necessário para ser um músico com uma boa execução técnica. O neto José Comércio Teixeira Ferreira<sup>89</sup>, filho de João Teixeira, refere que na época, ele já deveria de ser um músico famoso, tocava trompete e era solicitado para ir ajudar outras bandas, uma prática apelidada de “ganseiro”<sup>90</sup> na gíria dos músicos filarmónicos. Neste ponto, criou-se o mito que José Teixeira seria maestro da Banda de Cete, muito devido às suas aptidões musicais como igualmente terá sido a coletividade musical onde iniciou a sua aprendizagem como músico, um assunto que assume alguma

---

<sup>87</sup> Censo da População do Reino de Portugal Nº 1 de Dezembro de 1900 (Vol. I).

<sup>88</sup>Arquivo - Registos paroquiais Baptismos, S. Pedro de Abragão 1883, folha nº 14, ver anexos, fig.9. “Era em conversas com o meu pai. O meu pai contava-me, chegou a ir a pé daqui de Penafiel lá para Abragão, ia muitas vezes a pé, o meu pai com o pai dele ia lá ver a família, iam visitar a família, iam a pé da estação de Penafiel a Abragão, deve dar para lá 14 quilómetros”.

<sup>89</sup> Entrevista realizada a 22/07/2018 no pátio exterior da casa do Sr. Adriano Ribeiro.

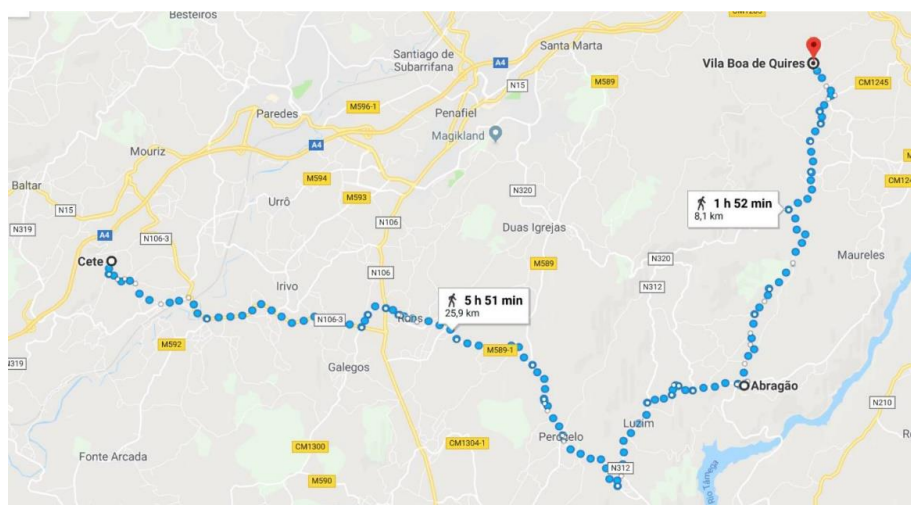
<sup>90</sup> O ajudar na realidade seria mias prestar um serviço às bandas que necessitavam pontualmente de músicos. Segundo José Comércio, “ganseiro” seriam músicos que “andavam aos gansos”, ou seja, que tocavam em várias bandas a troco de dinheiro.

importância na construção do percurso histórico e identitário da Banda de Campo e como tal existirá a necessidade de desmistificar esse lado da história. Desde que se iniciou os primeiros contactos com a banda de Campo, a informação que vinculava era que José Teixeira tinha vindo da Banda de Cete na qual seria o maestro. Posteriormente, como já referido, foi trabalhar para Campo como agulheiro no cais da lousa acabando por fundar a Banda de S. Martinho. Entre as duas versões e, dado a importância do assunto, foi necessário explorar os factos que dessem a credibilidade necessária a cada uma delas. José Comércio descreve a narrativa sobre o percurso do seu avô, o qual terá iniciado a sua formação de músico na banda de Vila Boa de Quires<sup>91</sup> e seria solicitado para ir ajudar outras bandas, inclusivamente a banda de Cete.

Perante as suas afirmações, foi necessário fazer o seguinte exercício de forma a compreender qual das versões se aproximava mais dos factos. Para tal, através do *Google maps* foi traçado o caminho de Cete – Abrugão – Vila Boa de Quires. O primeiro dista cerca de 25 km do segundo e o segundo cerca de 8 km do terceiro. Medindo a distância entre localidades, inicialmente o músico deve ter frequentado a coletividade musical mais próxima da sua terra, para a qual seguramente, se deslocaria a pé. Seria difícil que fosse de bicicleta ou outro meio de locomoção devido aos custos que isso forçosamente comportaria dadas as suas origens familiares e por os caminhos serem mais difíceis que os tempos atuais.

---

<sup>91</sup> Concelho do Marco de Canaveses. Após uma breve pesquisa a vila tem uma banda filarmónica cuja fundação oficial data de 24/09/1872, altura em que “surge o primeiro regulamento oficial, que define os direitos e obrigações que todos os elementos da então chamada “CAPELA E ORQUESTRA” tinham de cumprir.” Acedido em: 09/10/2018 [http://www.bandasfilarmonicas.com/cpt\\_bandas/associacao-cultural-artistica-e-desportiva-de-vila-boa-de-quires/](http://www.bandasfilarmonicas.com/cpt_bandas/associacao-cultural-artistica-e-desportiva-de-vila-boa-de-quires/)



Trajeto pedestre: Atragão – Vila Boa de Quires – Cete. Fonte: Google Maps<sup>11</sup>



Banda de Cete S/ data. Fonte: Banda de Cete<sup>12</sup>

“Naquela altura era tudo a pé, toda a gente ia a pé para as festas. Festas longe e tudo, e o transporte era a pé; ele não vinha a pé Atragão para Cête e depois ainda vinha para a festa a pé”.<sup>92</sup> (José Comércio, 2018)

<sup>92</sup> Conversas com o pai João Teixeira, filho de José Teixeira Ferreira.

Outra questão se colocava: Seria Maestro em Cete? José Comércio afirma que não. Antes mesmo da entrevista, optou-se por ir a Cete falar com a direção, a qual assegurou que o nome de José Teixeira Ferreira era familiar, mas não dispunham alguma informação escrita ou imagens do sujeito em questão.

José Teixeira afirma que o avô nunca foi maestro em Cete, mas sim músico. Existe uma forte possibilidade de ser a afirmação que mais se aproxima dos factos, senão vejamos: era um músico talentoso e por essa razão quando solicitado, tocava em diversas bandas inclusivamente a de Cete.

“A Associação de Cultura Musical Cetense foi fundada em 1835, embora com outra denominação. Até 1842 não existem quaisquer elementos que nos indiquem o nome do(s) regente(s). A partir dessa data e até 1854 a Banda passa a ser regida por Bandeira, seguindo-se em 1870 pelo maestro Pedro Romualdo e em 1879 por Gabriel da Bouça. Depois (durante dois anos) foi a vez de Bernardino Manete assumir a regência, sendo substituído por José de Sousa Pinheiro, que desempenhou o cargo até 1908.” (CETENSE, s.d.)

José Teixeira Ferreira, devido às suas qualidades como músico, deve ter chamado a atenção e admiração do maestro de Cete, José de Sousa Pinheiro<sup>93</sup> e sabe-se que passou a dormir em casa do mestre. Nessa altura deve ter ficado de agrados com a filha do maestro e acabaram por se casar. O casamento entre José Teixeira e Gracinda Augusta Bragança, filha de José de Sousa Pinheiro, realizou-se na Igreja paroquial de São Martinho de Penafiel a 22 de outubro de 1905 e, segundo a certidão<sup>94</sup> de casamento, ele tinha a ocupação de militar no Regimento nº 4 de Artilharia em Penafiel<sup>95</sup> ela seria doméstica. Segundo José Comércio, depois do casamento, “ele ficou a tocar em Cete, ele era um músico

---

<sup>93</sup> Confirma-se o nome e o cargo de regente na página da Banda de Cete.

<sup>94</sup> Certidão em anexos, fig.10.

<sup>95</sup> O Regimento de Artilharia 4 tinha o Comando e o 1.º Grupo aquartelados em Amarante e o 2.º Grupo aquartelado em Penafiel. In, “Momentos da História”. Acedido a 11/10/2018. [http://www.momentosdehistoria.com/001-grande\\_guerra/001-02-exercito/001-02-01-frente\\_interna/001-02-01-03-unidades/001-02-01-03-08-ri32.html](http://www.momentosdehistoria.com/001-grande_guerra/001-02-exercito/001-02-01-frente_interna/001-02-01-03-unidades/001-02-01-03-08-ri32.html)

famoso em Cete naquela altura, era o primeiro trompete, naquela altura o trompete tinha uma preponderância muito grande, nos solos e tudo e ele, hum, casou lá. Casou lá e era músico de Cete, portanto depois acabou por fundar em 1929 a banda aqui (Campo) e as pessoas lá pensaram que ele veio de Cete, não, ele casou em Cete, mas ele tinha começado a sua atividade em Vila Boa de Quires” (José Comércio, 2018).

À direção da Banda de Cete foi pedida a cedência de uma foto da banda que se encontrava na parede<sup>96</sup> com a finalidade de pedir aos membros mais antigos da banda de Campo se conseguiam indicar José Teixeira. Nenhuma das pessoas conseguiu indicar o maestro e existe a possibilidade de ele próprio não estar presente nessa foto.

---

<sup>96</sup> Comparando a indumentária com fotos de outras bandas, a foto deve datar dos finais do século XIX e inícios do século XX.

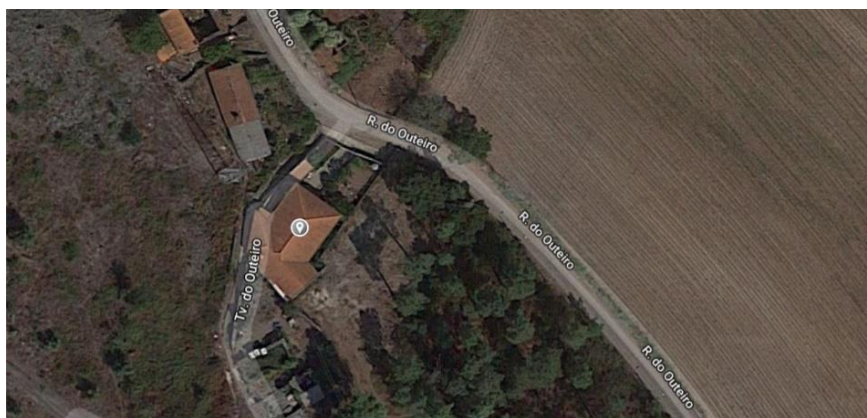
### 11.3. O RETRATO DA FAMÍLIA TEIXEIRA NO LUGAR DE OUTEIRO



*Banda de Campo S/ data. Fonte: Banda de Campo<sup>13</sup>*

Não se sabe a data em que José Teixeira Ferreira chegou a S. Martinho do Campo, Concelho de Valongo. No entanto, surgiu o interesse de conhecer o sítio onde morava em Campo.

Com o apoio do Sr. Adriano Ribeiro, houve uma deslocação ao local com o intuito de localizar e identificar a casa onde morou e que terá sido construída pelo próprio, em terreno que lhe fora cedido por um sujeito que se chamava António Branco, com o qual travara amizade. Pela descrição de Adriano Ribeiro, a casa seria “muito pobrezita, umas lousas ao alto (...) com um quintalzinho”. Mas seria no lugar de Outeiro, segundo os testemunhos de familiares e conhecidos, que José Teixeira terá sido o primeiro da família a fixar residência em Campo, localidade onde teve e criou os seus 11 filhos. O mesmo que trabalhava como agulheiro no Cais de Carga da Lousa, pertencente à empresa “*The Vallongo Slate & Marble Quarries*”.



*Vista aérea o local onde se situava a casa do maestro José Teixeira. Fonte: Google Maps<sup>14</sup>*



*Imagem da antiga casa do maestro José Teixeira. Fonte: Atual Proprietário<sup>15</sup>*

A casa situava-se na Rua do Outeiro, 250, antigo lugar do Outeiro, na vertente “Este” da mina da lousa. Um lugar rodeado de campos e de habitações exíguas de fraca construção, características da habitação de operários louseiros, agricultores e outros pequenos ofícios como o do sapateiro que vivia mesmo em frente da casa de José Teixeira. Atualmente muitas delas encontram-se abandonadas e em acelerado estado de degradação.

O atual proprietário do terreno, antes de iniciar a construção de uma nova vivenda no mesmo local, descreve a casa do maestro: “Aqui era entulhão (aponta para a fachada da casa), eram lousas ao alto, eram umas lousas para aí assim desta largura (exemplifica com as mãos, cerca de 5 a 10 cm) ao alto”.

(A.R.) “Era. E mais uma divisãozita lá também”. (Prop.) “Tinha duas divisões nesta parte (aponta para o lado esquerdo da porta de entrada) ”<sup>97</sup> Todavia, as casas não seriam propriedade da mina da lousa, ao contrário da sua congénere de S. Pedro da Cova, que detinha a gestão das habitações e de todas as infraestruturas relacionadas com a indústria extrativa e de quase toda a vida social e cultural da freguesia<sup>98</sup>, como a escola e a banda filarmónica de S. Pedro da Cova. No lugar de Outeiro as casas dos operários das minas da lousa seriam em muitos casos construídas pelos próprios em terrenos cedidos ou alugados para o efeito, existindo também o aluguer privado de habitações na localidade, cujo valor da renda ou o formato de contrato celebrado não me foi possível apurar.

“Ele (José Teixeira) vem de Cete e vem para aqui por profissão, mais nada.” (...) “Sim, sim. Mantem-se aqui até morrer. Morre aqui nesta casa, ele e a mulher dele e alguns filhos, um ou dois morreram aqui. Os outros morreram por aqui, ficaram por aqui todos, mais ou menos. Um foi para Sobrado, o resto foi tudo aqui em Campo, morreram aí (...). Aqui era um lugar onde se faziam cascatas, presépios e tudo. Quando era o Carnaval, punham ali uns serrotes ali a tocar o sino, a reunir o pessoal. Oh pá era muita coisa, era um lugar muito importante”.<sup>99</sup> (Adriano Ribeiro, 2018)

A importância de descrever a casa do maestro, para além de estar associada a um lado icónico relativamente ao lugar onde se deu o surgimento da Banda de Campo torna-se revelador de um modelo da tipologia de construção, ajudando na caracterização das casas dos operários que trabalhavam nas minas da lousa. Habitações modestas, como eram modestas as pessoas e as vidas que nelas viviam.

---

<sup>97</sup> A.R. – Adriano Ribeiro; Prop. – Morador e atual proprietário.

<sup>98</sup> <http://www.fanzeres-saopedrodacova.pt/index.php/mm/museu-mineiro>

<sup>99</sup> Entrevista a Adriano Ribeiro, acerca da casa do Maestro José Teixeira Ferreira, realizada a 07/04/2018.

#### 11.4.O MAESTRO



*Maestro José Teixeira – Fundador da Banda de campo<sup>16</sup>*

Aproximadamente nos anos 20 do século XX, no caminho sobranceiro à mina da lousa e que liga Outeiro às vinhas aconteceu uma disputa entre duas formações, a do Outeiro e a das Vinhas respetivamente. A primeira, após a refrega acabaria por se afirmar como a Banda de S. Martinho do Campo, mas será um assunto, a que, pela sua importância, será abordado mais adiante. José Teixeira Ferreira, eventualmente já gozava alguma vantagem nessa disputa com o apoio dos filhos<sup>100</sup> a seguirem-lhe as pegadas e a sua experiência como

---

<sup>100</sup> José Comércio, 2018. “Portanto, eram 11 filhos, ele devia de viver com algumas dificuldades, prontos, só o ordenado dele, a minha avó Gracinda lá por casa e devia ter algumas dificuldades, coitado”. Mas nem todos seriam músicos.

músico. Adriano Ribeiro já o tinha afirmado anteriormente ao dizer que José Teixeira ensinava música a miúdos e graúdos e José Comércio Teixeira acabaria por corroborar no mesmo sentido: “(...) houve uma vez um senhor, que nos deixou há pouco, o Adão de Cela(?), contava que uma vez tiveram que vestir-lhe uma farda e deram-lhe um instrumento, entupiram-lhe o instrumento, porque o contrato tinha que ter 20 ou mais músicos, só tinha 19... E o homem lá foi com uma farda vestida, só foi músico um dia, mas não foi, só levou o instrumento e a farda, porque a quantidade de músicos era diminuta. Ele e mais três filhos já dava quatro, mais um bombo e uns pratos e um caixa (põe-se a cantarolar), já dava sete e pronto. Quando ele conseguiu, ensinou ali alguns miúdos ali à volta, quando ele conseguiu arranjar (...) 15 músicos, pronto, toca a cismar com está na hora de formar uma banda, portanto não era diferente das que já existiam que eram assim.” (José Comércio, 2018)

Pela força dos acontecimentos, seria a família Teixeira a adquirir um maior peso na banda de S. Martinho do Campo e José Teixeira Ferreira assumia a regência. Seria a primeira vez que estaria no comando de uma banda desde que se tornou músico não profissional, e para o cargo que agora ocupava terão contribuído os atributos de ser um bom executante que “só falava pela certa e era um condutor de homens”<sup>101</sup>. Adriano Ribeiro como José Comércio, tinham ambos uma opinião convergente sobre a personalidade de José Teixeira, o qual retratavam como um homem bom, mas desorganizado, esquecido, reservado e muito metido em si próprio. Características psicológicas que não se coadunariam muito bem com o “condutor de homens” referido por José Comércio”.

Adriano Ribeiro, no seu livro “Histórias da Minha Terra”, descreve que a banda no início, já com os músicos necessários para a sua atividade, terá atravessado períodos complicados devido à “falta de experiência na organização, falta de meios financeiros, bairrismo exacerbado e disputas pela liderança”, motivos que levariam “à rutura e cisão temporária” da banda. José

---

<sup>101</sup> José Comércio Teixeira acerca do perfil do maestro José Teixeira. (2018)

Teixeira perante a adversidade da situação pediria ajuda ao seu irmão Adriano para interceder junto dos outros elementos da banda a fim de sanar os conflitos.

“Quando o irmão, o via cabisbaixo e de mãos atrás das costas, pela quinta adentro, parece que já adivinhava e interrogava-o:

- Então Zé, já há outra vez problemas?

- Já Adriano.

Que assim se chamava o irmão.

- Já está tudo estragado, foi tudo por água abaixo.

Dizendo isto com a tristeza estampada no rosto.

- Vê se podes dar um jeito.” (RIBEIRO A. , 2003, p. 24)

Descreve o episódio de quando José Teixeira deixou a Banda de Cete, a qual tinha perdido um excelente trompetista e como consequência disso, possivelmente algumas festas. No entanto, a Banda de Cete continuava a ir tocar para os lados de Campo, um mercado que começava a ser ocupado pela progressiva ascensão da Banda de Campo. A formação no início só teria o repertório do “Avé” para tocar nas procissões, um dado também explicado pela facilidade de execução” devido à falta de experiência da maioria dos músicos, e sempre que a Banda de Cete passava de comboio pelo cais gritava em tom de escárnio, “Olha a música do Avé”. Quando isso sucedia José Teixeira ficava invariavelmente enraivecido e tentava dar-lhes com a bandeira.

Enquanto o maestro dirigia as agulhas da linha férrea, o filho António Teixeira que trabalhava como “louseiro”, preparava as lousas. Adriano Ribeiro conta o episódio de um individuo se deslocar à casa de José Teixeira para fazer a marcação de uma atuação enquanto o filho deste se encontrava a serrar “penas”, lápis de lousa que eram usados em quadros do mesmo material. Como já referido, muito deste género de trabalho era realizado em casa e possibilitaria um ganho extra, mas em condições de grande precariedade. A casa enchia-se de pó de lousa, espalhando-se por todos os cantos, inclusive o

próprio maestro encontrava-se todo negro coberto de pó de pedra. E parece que este 'desmazelo' aparente motivou o referido sujeito a desistir da contratação da banda.

Mas José Teixeira era um músico itinerante, buscando rendimento onde ele existisse. Em 1935, quando Salazar já se encontrava na direção do país deixa a Banda de Campo com três filhos<sup>102</sup> e segue para a Banda de S. Cristóvão de Rio Tinto<sup>103</sup> que iria recomeçar a sua atividade, após anos de interregno (TINTO, s.d.), José Comércio descreve essa situação como uma cisão – mais uma – e a partir desse momento a família separa-se. As razões dessa separação não são claras, nem tão pouco José Comércio menciona possíveis causas para o sucedido, apenas refere a ida de um maestro de Valongo de nome Justa o qual seria professor de música que assumiria o lugar de José Teixeira Ferreira na regência da banda. Porém, na verdade o nome é Augusto Cunha<sup>104</sup>.

O que motivou José Teixeira a deixar a banda de Campo e ir para Rio Tinto? Um negócio de família que correu mal? José Comércio não considera que fosse um negócio de família.

“Eu penso que não. Cinco filhos mais o pai, é claro que... (Tem força?) Muita força. Uma banda com 20 músicos não era a maioria... (...) Houve para aí chatices e veio para aí um maestro de Valongo”. (José Comércio, 2018)

Terão sido as razões de ordem económica e social a pesar na decisão do maestro? Nessa altura ainda se vivia o rescaldo da greve geral nas minas da Lousa de 1932 e estava-se em vésperas da Segunda Guerra Mundial. Um

---

<sup>102</sup> José Comércio acerca da cisão da Banda de Campo, 2018. “Houve uma cisão, foram todos para Rio Tinto, o meu avô mais cinco filhos, foram todos fundadores da banda de Rio Tinto, foi fundada em 1937”. Dada a relevância do assunto, pedi informações a João Silva membro da direção da Banda de Rio Tinto o qual enviou a imagem de um documento datado e dactilografado à mão, onde vem mencionado os membros fundadores de 1937 a 1947. José Teixeira Ferreira figura entre eles como músico, três filhos (e não cinco) e um outro membro que podia ser da banda, João de Sousa Camilo. Ver documento em anexos, fig.11.

<sup>103</sup> Ibidem. “Chateou-se. Chateou-se e foram todos para lá. Iam de comboio para baixo, vinham a pé para cima, não havia comboios e vinham quando acabavam o ensaio vinham a pé de Rio Tinto para S. Martinho”.

<sup>104</sup> Nome proporcionado pela direção da Banda de Campo.

conflito que viria agravar a situação económica dos operários da indústria extrativa da lousa ao provocar despedimentos em massa devido à quebra de produção, um cenário que se tornaria desesperante para muitas famílias da localidade, incluindo a de José Teixeira Ferreira.

Mas a explicação também podia ser outra no entendimento de José Comércio Teixeira, “Portanto o que sei, é que o meu avô já com três filhos a querer ir para a banda de Cete, que ele andava a ensinar três filhos para ir para a banda de Cete, não era para vir para aqui, mais ele já eram quatro, mais um caixa, mais um bombo.... Ensaivavam numa eira lá na casa, está diferente, mas que ainda lá está o sítio dela, pelo menos. E ouvia-se as pessoas de Gandra, ouviam o que é que se tocou ali na eira e tudo, porque antigamente, talvez por não haver eletricidade, o eco, o som transmitia-se com muita facilidade (...)”. (José Comércio, 2018)

Podem ser múltiplas as razões para a banda perder o seu maestro, até mesmo uma luta de poder interna com o intuito de assumir a regência. Isso pode-se explicar pelo facto de que o cargo de maestro possibilitava ter uma relação de proximidade com o poder local que se concentrava na igreja, individualizado na figura do padre.

“O maestro é que contratava, é que ensinava, o maestro é que era o coração de tudo”. (José Comércio, 2018)

Seriam tempos em que o destino da população – e, por analogia, o destino da banda – estava para além da compreensão de homens e mulheres simples e semianalfabetos, cuja dimensão política os haveria de levar à desconfiança e ao medo da repressão, apenas por reclamar algo que a própria dignidade humana o exigia, pão e melhores condições de vida. Uma dimensão enorme para um maestro cujas características já referi anteriormente, não anteviam tomadas de posição fortes e determinadas em relação à continuidade da banda, situação que poderá ter originado insegurança entre os membros e aberto portas a quezílias entre eles. Na realidade, José Teixeira pode muito bem

ter sido maestro, não por opção, mas sim por força das circunstâncias, no fundo sempre foi músico e esse seria de todos o lugar onde estaria mais cómodo. Em 25 de Março de 1978, no dia das comemorações dos 50 anos de existência da banda, foram colocados cravos na sepultura de José Teixeira, um ato carregado de simbolismo ou um sinal dos novos tempos?

Questões que merecem alguma reflexão. Os novos tempos que aqui se apontam são enquadrados dentro da vida democrática, que proporcionou de algum modo um espaço de ponderação que não teria sido possível nos tempos do antigamente, onde muitas vezes a sociedade era vista a preto branco, fruto da ideologia dominante. E será sido dentro desse novo contexto político e social que terá gerado essa a vontade de refletir sobre o papel do homem que independentemente de razões pessoais, familiares ou internas, conseguiu formar uma banda num sítio considerado por muitos como um ermo, onde as condições de vida da população local roçavam o limiar da sobrevivência. Um lugar onde os sons tornavam-se inaudíveis aos gritos mudos das crianças com fome e famílias afetadas com a silicose e para quem viu a pobreza tronar-se um estigma social. O depositar dos cravos pode eventualmente significar essa centelha de esperança que nunca se apagou perante as adversidades da vida, personificada na vontade de uma pessoa que agregou outras a um projeto musical na esperança de trazer alguma luz, companheirismo e som através da música, afinal a caminhada foi longa.

No entanto em 1982 a família Teixeira iria causar uma forte cisão na banda, possivelmente fruto de disputas internas, com membros da família a saírem para ingressarem na Banda de Cete, como o caso de José Comércio e o seu pai João Teixeira, uma ação que pode ter marcado o início do fim da influência dos Teixeiras na Banda de Campo.

## 12. NO INÍCIO...

“A banda é a única formação que consegue tocar às escuras, com claridade, com ou sem energia elétrica, consegue tocar em recinto fechado, consegue tocar em recinto aberto, consegue tocar a marchar”<sup>105</sup>

Quais os motivos que levariam os músicos do Lugar do Outeiro, um lugar ermo, paredes meias com a mina da Lousa a constituir um grupo musical em tempos difíceis? Pode-se referir o gosto genuíno pela música e até evidenciar as qualidades técnicas de alguns músicos como acontecia com José Teixeira Ferreira, a necessidade de complementar o magro salário, como pertencer à banda propiciava uma certa visibilidade e estatuto social ou simplesmente uma questão de sobrevivência económica. Podem ser todos os motivos expressos de forma individual, dentro de uma perspetiva coletiva exposta através da banda. Uma importância que gozava ao ser a primeira associação informal de cariz musical a surgir na localidade de Campo. Adriano Ribeiro aponta outras possíveis razões para o surgimento da banda de Campo.

*“(...) punha-se a tocar (José Teixeira Ferreira) o seu instrumento musical a fim de passar o tempo, fator que veio a proporcionar o ensino da música a miúdos e graúdos que por ali passavam e provavelmente o procuravam para esse fim, talvez a ação que iria desencadear o início da banda de música.”<sup>106</sup>*

---

<sup>105</sup> Maestro Salomão Abreu, nasceu em 1969. Entrevista realizada a 22 de abril de 2017

<sup>106</sup> Adriano Ribeiro, 2017

Apesar das razões que levaram ao surgimento da coletividade musical, a questão da data em que isso aconteceu, reveste-se de alguma importância, principalmente para as gerações atuais que frequentam o espaço Musicultural de Campo, e que sempre se mostraram interessadas em relação tema, como se poderá verificar nos inquéritos em anexo, conferindo-lhe de certa forma uma marca histórica e identitária à formação musical. Contudo, apesar das dificuldades em conseguir documentos que atestem uma data concreta, que prove o início da sua atividade. Existem algumas pistas sobre o assunto, as quais procurou-se seguir e conferir-lhes alguma sustentabilidade, como o testemunho de duas pessoas que pareceram relevantes neste processo, Rui Nunes<sup>107</sup>, administrador da Empresa das Lousas de Valongo ao referir o empréstimo de alguns instrumentos dos ingleses<sup>108</sup> à banda, ainda antes de eles passarem a empresa nos inícios dos anos 30 à nova administração, como o testemunho de António Carvalho, no qual refere o mesmo empréstimo relativamente aos instrumentos, acrescentando que seriam cedidos ao fim de semana e devolvidos a uma segunda-feira, dois testemunhos que podem indiciar datas por aproximação. No entanto procurou-se outras possibilidades como o livro de registos do Sr. Rafael Silva, no qual existem elementos para a formulação de uma data. Aí vem descrito que João Bena, músico da banda, falecido a 30 de julho de 1968, segundo o que vem descrito no livro de registos de Rafael Silva, foi um músico que dedicou 45 anos da sua vida ao “amor pela música”, uma observação que pode remeter o surgimento da banda para o ano de 1923, uma eventualidade que está condicionada ao facto de ele ter sido ou não um dos elementos fundadores. Contudo, apesar de não haver elementos exatos que confirmem ele ter sido músico da formação inicial, (procurou-se

---

<sup>107</sup> Nesta entrevista o testemunho é indireto, terá sido. António Joaquim Rebelo a dar-lhe essa informação, o mesmo foi funcionário da empresa das lousas durante muitos anos e depois Vice-Presidente da Câmara Municipal de Valongo, que segundo Rui Nunes seria um homem que sabia muito da história local”

<sup>108</sup> “Os ingleses emprestavam os instrumentos ao sábado, para a banda tocar no domingo, entregando-os na segunda-feira. Os instrumentos foram devolvidos, definitivamente, quando a banda se dissolveu por falta de trabalho na região”. António Carvalho sobre os ingleses e a banda 2017. Rui Nunes administrador da Companhia das Lousas de Valongo, em entrevista realizada a 26/01/2018 iria referir o mesmo episódio, nenhum dos dois entrevistados se conhecem pessoalmente.

informação credível nesse sentido através de familiares, mas sem êxito) existem dados na página de registos que indiciam essa data relativamente a João Bena, os quais se passa a citar: “A sua vida extinguiu-se e deixou uma eterna saudade em toda a Banda (...). O seu funeral realizou-se no dia 31, tendo comparecido a maior parte dos músicos. Só não apareceram aqueles que andavam a trabalhar (...). Foi transportado para o carro dos bombeiros pelos músicos (...). Ele ofereceu à Banda a farda e o instrumento.” Perante o exposto pode-se apontar os anos de 1920 a 1925 como data provável de um eventual começo mais ou menos organizado, considerando que a primeira atuação pública ter sido em 27 de março de 1929 na Recolha do Compasso ao serviço da paróquia de Campo<sup>109</sup>. Um outro dado, será a data de nascimento de António Teixeira filho de José Teixeira em 13 de março de 1917, tendo integrado a banda por volta de 1927/28.<sup>110</sup>

Os primeiros anos de vida da banda não terão sido pacíficos, ocasionando por vezes momentos de tensão e cisão do grupo. A propósito desses primeiros anos e desses momentos, Adriano Ribeiro descreve o clima que se vivia nesses tempos<sup>111</sup>, onde por vezes os interesses da vida pessoal e o conflito interno chegaram a originar a formação de duas bandas distintas no mesmo lugar ou em lugares do mesmo espaço como Vinhas e Outeiro. Quando se refere duas bandas, entende-se a existência de um determinado número de elementos que as constituem. Segundo José Comércio Teixeira cada formação naqueles tempos, teria entre 15 a 19 elementos, o que seria uma concentração algo invulgar de músicos em um lugar de pequenas dimensões; porém a explicação pode residir na questão migratória. Como já exposto em outros capítulos, muitas das pessoas que vinham em busca de trabalho na mina da lousa seriam de localidades próximas o que tornava a possibilidade de os moradores das Vinhas como do Outeiro terem alguma ligação com as organizações musicais,

---

<sup>109</sup> Apesar de José Comércio referir um recibo da igreja sobre a participação da banda no evento religioso em 1929, na realidade desconhece-se o paradeiro do documento.

<sup>110</sup> Tanto José Comércio como Manuel Ferreira Teixeira, falam da António Teixeira e do facto de ele ter integrado a banda no início da sua formação aos 10 anos de idade.

<sup>111</sup> Adriano Ribeiro narra os acontecimentos da altura através das histórias que o seu pai contava.

fosse através da primeira pessoa ou de familiares. Muitas desses indivíduos teriam as suas origens em Baltar<sup>112</sup>, Recarei, Cete, Paredes, Penafiel, Lousada, etc. onde já existia a formação de bandas filarmónicas<sup>113</sup>, cuja data de fundação é anterior à banda de Campo, um facto que poderá ter influenciado o surgimento de duas formações musicais.

Adriano Ribeiro descreve o episódio das duas bandas “opositoras”, uma da localidade do Outeiro (José Teixeira) e outra das Vinhas (Cunha do Bustelo). “No início ensaiavam a marchar, onde as crianças levariam as partituras presas atrás das costas e seguiriam na frente dos músicos. Os das Vinhas iam até ao apeadeiro do Outeiro e, voltavam numa clara provocação à outra formação, que respondia na mesma moeda”.

Uma narrativa que requer uma análise mais atenta devido à existência de um episódio com contornos semelhantes num outro ponto do país, concretamente em Torre de Moncorvo, um evento que envolvia a Banda Filarmónica de Carviçais e é descrito no jornal local *online*. “Na década de 30 do século imediato, por dissidências internas, a Banda cindiu-se em duas, “Os Mineiros” e “Os Patanhosos”, que se tornaram concorrentes. A cisão pouco durou. Reunificada, a banda passou a ser dirigida pelo Mestre João Teixeira, tendo como Contramestre Laurindo Pavão. Por circunstâncias dos tempos, com o movimento emigratório, foi a Banda perdendo elementos acabando a sua atividade musical” (Banda Filarmónica de Carviçais visitou Beijós, 2012).

Dada a semelhança das histórias algumas questões colocam-se. Seriam dois episódios isolados mas com particularidades semelhantes? Seria algo que acontecia com alguma regularidade em qualquer ponto do país entre bandas que se estariam a formar ou a criação de um mito? Uma análise que se pode fazer, é se estamos na presença de uma prática comum entre bandas com a

---

<sup>112</sup> Acerca de António Joaquim Carvalho, um dos músicos da formação inicial. “Mas não era de cá de Campo” (Adriano Ribeiro interrompe e questiona se era o Tone Joaquim da banda) “Não, é de Baltar” (Adriano Ribeiro faz a observação que o Joaquim era tio do Abel) “Mas ele é de Baltar. Ele tocou na banda de Baltar e tudo, ele estava ligado à banda de Baltar.” António Joaquim ingressou na Banda de Recarei devido ao desemprego provocado pela crise económica dos anos 40, outros membros ingressariam nas de Baltar e Cete.

<sup>113</sup> Estes dados podem ser consultados em: Bandas Filarmónicas. <http://www.bandasfilarmonicas.com/>

pretensão de assumir a exclusividade nas festas e romarias, e dessa forma alcançar notoriedade e um determinado tipo de estatuto no tecido social.

Após o episódio da contenda que envolveu as duas formações, e que confirmou a do Outeiro como vitoriosa dando origem à Banda Musical de S. Martinho do Campo, a maioria dos músicos fundadores como Américo Inês, Agostinho, Adriano, Serra e António Carvalho<sup>114</sup> moradores desse lugar, ou muito próximo dele, mais a família Teixeira, constituída pelo pai José Teixeira e os filhos (bastantes jovens na altura), João, Adelino e o António, irão ser os músicos mais comprometidos no desenvolvimento da coletividade musical.

Um início onde a banda irá procurar formas, conteúdos e reportórios para expandir as suas capacidades técnicas e criativas, entre elas se destaca uma atuação chamada “A Greve”<sup>115</sup>, a qual segundo o relato de António Carvalho, seria uma marcha tocada de madrugada como forma de despique com outras bandas, mas ele não se recorda do verdadeiro motivo da marcha, não lhe atribui significado político, refere que “era muito jovem na altura”.

---

<sup>114</sup> Nomes referidos por António Joaquim Dias de Carvalho. Esteve na formação inicial.

<sup>115</sup> Segundo Adriano Ribeiro, “A Greve”, era uma peça tocada pela banda nas festas da Sra. da Encarnação nos anos 30. Possivelmente o título virá através da ação dos músicos que a partir de determinado momento se levantavam sem conhecimento do maestro, saindo do coreto, imiscuindo-se pelos populares que assistiam ao concerto. Tal ação, levava a uma reação por parte do maestro, pedindo aos únicos elementos que não pactuavam com o ato, que os fossem buscar para voltar a tocar.

## 12.1. NA ESFERA DA RELIGIOSIDADE

Principais conjuntos de devoções das igrejas paroquiais dos concelhos do Porto  
(segundo as *Memórias Paroquiais* de 1758)

	Amarante	Baião	Felgueiras	Condómar	Lousada	Maia	Marco de Canaveses	Matosinhos	Paços de Ferreira	Paredes	Penafiel	Porto	Póvoa de Varzim	Santo Tirso	Trofa	Valongo	Vila do Conde	Vila Nova de Gaia	TOTAL
Santos	54	30	72	27	49	34	70	33	24	71	110	78	30	51	25	13	84	105	960
Nossas Senhoras	39	21	29	21	31	28	46	13	20	37	51	34	17	23	9	7	42	46	514

*As freguesias no distrito do Porto, 1758. Fonte: AS FREGUESIAS DO DISTRITO DO PORTO NAS MEMÓRIAS PAROQUIAIS DE 1758*<sup>18</sup>

As festas e romarias religiosas foram o motor que impulsionou a criação da banda de S. Martinho do Campo na área das atuações. Segundo os dados das memórias paroquiais do distrito do Porto de 1758 (CAPELA, 2009), o concelho de Valongo era propício a esse género de mercado festivo, já em meados do século XVIII seria uma das regiões que detinha um maior número de confrarias ligadas à religiosidade dos santos em estreita relação com as capelas existentes. Um fator de mercado e de público, tendo em conta que a banda cobrava pelas suas atuações, muito devido às migrações dos finais do século XIX, que contribuiriam para o aumento populacional da freguesia e mesmo do concelho de Valongo.

Mas o começo não seria fácil devido ao período conturbado de 1910 a 1926 da 1ª República, o qual pela sua natureza política económica e social, tornava miseráveis as condições de vida das populações locais que viviam nessa altura avessas com o estigma da pobreza, do desemprego e da fome, mas de grande fervor religioso. Assim sendo, fundar uma banda conjugado com os fatores referidos nas alíneas anteriores, aumentava a possibilidade de ter algum rendimento extra e a possibilidade de “reconfortar a barriga”<sup>116</sup> em tempos

<sup>116</sup> José Comércio refere na entrevista, que em determinadas ocasiões nas festas era oferecido aos músicos vinho, pão e petiscos, como alguns tipos de enchidos.

difíceis e para isso, tornava-se necessário estabelecer relações com a igreja e em particular com o pároco da freguesia, nomeadamente o padre Carlos Moreira, que segundo um morador de Campo que preferiu ficar no anonimato, refere que seria o mais antigo e que quando morreu ele teria 7-8 anos de idade, e pelo que diziam as pessoas suas conhecidas, só via dinheiro. Caracterizavam-no como um tipo bruto, mas finório no sentido de esperto tendo em conta a sua profissão. Conclui, “Dele só se fala de habilidades para angariar dinheiro e de ditos sobre coisas sérias, que rondam a anedota” (Fonte identificada, 2018). Como tal não foi possível confirmar com outras pessoas esta descrição do padre, muitos evitavam tocar sequer no assunto, no entanto fica o registo.

“ (...) nós eramos pequenos e morria muita gente, era aqui uma fome negra. Alguns, passavam aí dias sem provar um pedaço de pão (...). Havia aqui alguns (...), o Sr. Joaquim Teixeira, era um moço novo até tentou se esganar (enforçar), ele às vezes contava essas coisas e até me vinham as lágrimas aos olhos, passou muita fome.” (António Carvalho, 2017)

Mas as dificuldades da vida não impediam as celebrações e a festa, escapes de um dia-a-dia que era tudo menos feliz... Apesar das contrariedades, o lugar do Outeiro seria um local de realização de festas como o S. João e o Carnaval. Nesses dias afluía o povo, propiciando um clima favorável para a família Teixeira começar cedo a desenvolver a sua atividade na música pela mão e orientação do pai. Mas como referido, seria a igreja a desempenhar um papel crucial através da influência que mantinha nas comissões de festas, cuja função seria organizar os eventos e contratar a banda para festas e romarias, vistas como uma tábua de salvação na continuidade do conjunto musical.

Após o golpe militar que derrubou o regime republicano de Bernardino Machado, o surgimento da ditadura levaria à alteração do paradigma político e religioso, em contraciclo com o anticlericalismo da 1ª República. Uma nova ordem se impunha, onde o doutrinação da população e a resignação aos ideais do Estado Novo, se traduziria no culminar das linhas ideológicas e

dogmáticas traçadas pela “Ação Católica” lançadas pelo Cardeal Cerejeira, em sintonia com as orientações corporativas e propagandísticas do regime, nada poderia ficar ao acaso e a banda, como muitas outras organizações de âmbito popular, serviria de veículo de propaganda desses intentos.

O atual padre de Campo, José Manuel Macedo<sup>117</sup> seria mais contundente sobre o papel da igreja e o alinhamento ideológico com a ditadura. Na sua opinião, a 1ª República e a ação anticlerical fora caracterizada pela não frequência de crentes na igreja durante esse período histórico. Com o Estado Novo a Ação Católica traz de novo os crentes, mas dentro de padrões ultrarreligiosos e conservadores.

“As pessoas gostavam de música, quem não gosta de música? Era uma forma agradável de passar o tempo”. (Manuel Ferreira, 2017)

” (...) Trata-se de levantar em toda a parte o exército de Deus. Unir, organizar e mobilizar todos os que acreditam que Deus falou por Cristo e Cristo fala pela Igreja aos homens — a fim de estender no mundo o reinado social de Nosso Senhor. Esta união militante forma-se em volta dos báculos pastorais dos chefes escolhidos por Cristo: os bispos. Não há outros na Igreja cristã com pleno poder de dirigir e governar. União tão ampla como a Igreja: abraça o universo inteiro. Todos os interesses de Deus cabem nela. União sob um comando nacional supremo. Pela cooperação de todos multiplica-se o trabalho de cada um. Exército apostólico para quê? Para tomar a ofensiva da reconquista cristã”.<sup>118</sup>

“Às almas dilaceradas pela dúvida do negativismo do século procuramos restituir o conforto das grandes certezas. Não discutimos deus e a Virtude; não

---

<sup>117</sup> Acerca da “Ação Católica”. Entrevista a José Manuel Macedo, pároco da Freguesia de S. Martinho do Campo, em 28/06/2017

<sup>118</sup> Cf. CEREJEIRA, Manuel Gonçalves. Cardeal-Patriarca de Lisboa — Obras Pastorais. Lisboa: União Gráfica. 1936. vol. 1, p. 102-103. (citado em FONTES, 1992, p.67).

discutimos a Pátria e a sua história; não discutimos a autoridade e o seu prestígio; não discutimos a família e a sua moral; não discutimos a glória do trabalho e o seu dever”. (discurso de salazar em Braga in Rosas, 1994, p. 292)

Todavia, o padre Carlos Moreira não era visto “com bons olhos” pelos habitantes de Campo, apesar do forte fervor religioso da população. Uma situação que possivelmente levaria a alguma desconfiança por parte da população em relação à própria instituição da Igreja, que na altura representava o poder, e onde todos os processos religiosos ou civis seriam tratados na sacristia. O pároco que o sucedeu aproximadamente em 1956, também teria algumas semelhanças com o seu antecessor, segundo o mesmo relato. Joaquim Nogueira possivelmente teria uma influência de proximidade no meio político, como relata Adriano Ribeiro através de um episódio contado pelos mais velhos, ele não estava presente aquando do acontecimento. Decorria o ano das eleições em 1958, nas quais concorria Humberto Delgado, e havia nessa altura um comício de apoio a Américo Tomás como candidato da União Nacional União à presidência da República no Palácio de Cristal, situado sobranceiramente sobre o Rio Douro na cidade do Porto. Para tal, formou-se uma caravana de apoio ao partido do regime, com pessoas oriundas de Paredes, Gandra, etc. cujo itinerário passaria pela localidade de Campo, uma informação que levou uma multidão de pessoas a juntarem-se no largo da igreja de Campo contra a caravana. À passagem dos veículos, ato imediato, as pessoas começaram a atirar com pedras e dejetos animais sobre os apoiantes do regime, tendo sido na altura devido à sua ação alguns contestatários presos. Adriano refere que teria sido o padre a indicar quais seriam os revoltosos à PIDE; dois iriam parar ao aljube devido às informações fornecidas, contudo a polícia política andaria atrás de um terceiro indivíduo (chamado Fernando), o qual o padre não soube identificar com exatidão (talvez o não quisesse fazer). Esse indivíduo seria empregado de alguém muito próximo da igreja, com eventuais relações com o Presidente da Junta a quem os familiares recorreram, e terá sido por intermédio deste que o pedido feito ao padre para que não

apontasse o sujeito teria surtido efeito, deixando de ser procurado a partir desse momento.

Manuel Ferreira Teixeira descreveria o mesmo episódio, mas ao contrário de Adriano Ribeiro, ele estaria presente nessa altura, “Uma ocasião estávamos aqui, estávamos todos ali a beira da igreja, e passaram uns autocarros, no Porto havia lá um comício, parece-me que nas eleições do Humberto Delgado, quando o Humberto Delgado concorreu a presidente da república. E esses autocarros eram da ala do presidente da república atual, (...). O Américo Tomás, Américo Tomás. E então houve alguém que atirou qualquer coisa, «acaçou» um bocado de erva e atirou para o autocarro, e segundo se diz, segundo se diz (levanta o dedo, dá a impressão que não se quer comprometer) na altura foi o padre que viu quem era e 'apitou' e vieram buscar, ele esteve lá para aí um ano lá dentro na prisão.”

Numa altura em que a banda se assumia como uma coletividade de âmbito “mais familiar”, independentemente do provável papel delator do padre Joaquim Nogueira, manteria boas relações com ele. Neste ponto a política não seria boa conselheira se quisessem levar a atividade avante.

Para tentar compreender se este episódio influenciou o modo de como a Banda de Campo era vista pela população local, ou se eventualmente já existiria algum distanciamento que viesse do passado relacionado com acontecimentos semelhantes ou não. Optou-se desde o início da questão por não se fazer qualquer referência ao tema da refrega de 1958, resolvendo-se antes perguntar a José Comércio Teixeira, sobre de que forma a população via a banda da terra, o qual na resposta faz um comentário lacônico sobre o assunto, “ (...). Durante muitos anos a banda de Campo (...) nunca foi muito de Campo, era dos músicos de Campo, era a banda dos músicos de Campo. A banda estava um bocado fechada a toda a terra, talvez porque a direção fosse de músicos, nunca abriu (...)”.

Poderia este comentário estar relacionado com os interesses que a banda mantinha com os diferentes poderes locais cuja conotação com o regime era uma evidência? Ou simplesmente não teriam rigorosamente nada a ver com

isso, consideravam-se apenas músicos e usavam o nome da terra para identificarem o local de proveniência? O que não quer dizer que não gostassem da sua terra.

No entanto existiria um interesse e uma necessidade comum entre o padre e a banda; para um era o chamariz para as atividades religiosas, para o outro a garantia das festas e romarias, ou seja, podia-se estar perante uma parceria de negócio, um trataria das almas o outro reforçaria o estatuto social através da música.

Contudo, a igreja iria sofrer uma transformação profunda<sup>119</sup>. O Padre José Macedo dá a sua opinião sobre o papel da banda nas festas da igreja, situando-a no tempo. Começa por falar no Concílio Vaticano II (CVII), XXI Concílio Ecumênico da Igreja Católica, o qual foi convocado no dia 25 de dezembro de 1961, através da bula papal "Humanae salutis", pelo Papa João XXIII. Este mesmo Papa inaugurou-o, a ritmo extraordinário, no dia 11 de outubro de 1962. O Concílio, realizado em 4 sessões, só terminou no dia 8 de dezembro de 1965, já sob o papado de Paulo VI. A observação insere-se em dois períodos distintos, o antes e o pós-concílio, cuja orientação doutrinária irá alterar a composição e o repertório das marchas executadas pela banda filarmónica. José Macedo, à semelhança de António Carvalho, refere os funerais cantados por padres seguindo uma tradição antiga; no entanto, os serviços eram encomendas deixadas em testamento, que dependendo do estatuto do defunto, e da quantia atribuída, correspondia o número de padres, não excedendo os sete. Esta prática seria abolida após a reforma do Concílio Vaticano II, como as missas em latim, ou seja, nas suas palavras a verdadeira reforma deu-se essencialmente na música e na liturgia. Igualmente observa que os instrumentos dentro das igrejas não eram permitidos, à exceção do órgão.

---

<sup>119</sup> A Acção Católica Portuguesa (ACP) constituiu uma das mais significativas e duradouras realizações do catolicismo português no século XX (1933-1974) e foi também, seguramente, uma das organizações sociais com maior influência na modernização do país, tanto pelo seu papel na formação de elites quanto pela sua presença e impacte nas mais variadas dinâmicas sociais. (FONTES, 2008, p. 171)

Outra questão se colocava em relação ao papel da mulher perante a linha dogmática da igreja, visto que a banda nos anos 60 já teria tido membros femininos na sua composição, nomeadamente no coro.<sup>120</sup>

José Macedo refere que a mulher estava muito reprimida devido a fatores sociológicos e que a própria igreja não dava qualquer tipo de abertura. Mesmo a questão da iliteracia é mencionada, afirmando que em Portugal muita gente não sabia ler nem escrever, uma situação que se alterou com a criação da ação católica, desenvolvendo e formando novas militâncias dentro da igreja, ligada aos leigos. Constituíram-se dois grupos, um de homens, outro de mulheres. Durante a homilia os homens sentavam-se na parte da frente perto do presbitério, ficando as mulheres na parte de trás. Esta prática mesmo após a reforma, continuou a ser seguida por padres de pequenas localidades até aos dias de hoje, referindo que na freguesia de Campo foi assumida até aos finais dos anos 70.

“ (...) foi uma escrava, aparava todos os peões. Além da recolha do “queiró”, em casa cabia-lhe o trabalho de fazer as “penas” na máquina, os filhos também ajudavam, expondo-se aos perigos do pó da lousa”<sup>121</sup> (Adriano Ribeiro, 2018)

---

<sup>120</sup> Só em 1971 é que ingressam as primeiras mulheres executantes na banda.

<sup>121</sup> Adriano Ribeiro acerca do papel da mulher, 2018

## 12.2.A GUERRA, O ESTADO E A ALEGRIA NO TRABALHO

Em 1933 a nova constituição do governo de Salazar iria legitimar a supressão das liberdades fundamentais. Seriam tomadas nesse sentido três medidas que mudariam o plano político, social e cultural nacional: A censura prévia; A repressão *a posteriori* e o Secretariado de Propaganda Nacional (ROSAS, 1994). Três medidas que seriam asseguradas por um Estado Policial, através da constituição da polícia política, em muitos aspetos semelhante às demais ditaduras europeias, primeiro designada por PVDE<sup>122</sup> e depois rebatizada em 1945 tomando a designação PIDE<sup>123</sup>. Era um órgão de informação centralizado e repressivo, o qual premiava a delação e impunha o medo ao deter indivíduos de forma arbitrária e sem acusação prévia (ROSAS, 1994). No mesmo período a FNAT<sup>124</sup> iniciaria a sua ação em 1935 sob alçada da SPN, onde o dirigente António Ferro irá propor a realização de *“espetáculos populares, anteceditos de breves conferências doutrinárias, (...) [a] terem lugar nas modestas salas modestas dos sindicatos, das juntas de freguesia, das sociedades recreativas”*<sup>125</sup>. A orientação ideológica era clara no sentido da criação das Casas do Povo coordenadas pela JCCP<sup>126</sup>, a qual tomaria um passo decisivo no pretense controlo direto do associativismo no meio rural, assim no II Congresso da UN<sup>127</sup> em 1944 serão apresentadas cinco teses, mas será uma delas que apresentará a FNAT como detentora do património, doutrina e assumida experiência nesse campo: *“A Alegria no Trabalho nos meios rurais”*, cujo ponto número um apresentado no congresso resume o sentido centralizador do organismo estatal:

---

<sup>122</sup> Polícia de Defesa e Vigilância de Estado

<sup>123</sup> Polícia Internacional de Defesa do Estado

<sup>124</sup> Federação Nacional para a Alegria no Trabalho

<sup>125</sup> Anúncio de António Ferro sobre o SPN (VALENTE, PARA A HISTÓRIA DOS TEMPOS LIVRES EM PORTUGAL, da FNAT à INATEL (1935-2010), 2010, p. 30)

<sup>126</sup> Junta Central das Casas do Povo

<sup>127</sup> União Nacional

- 1) *“Que sejam concentradas na FNAT todas as actividades que, de acordo com a sua orgânica, devem vir a ser exercidas nos meios rurais;”* (VALENTE, 2010)

E será no meio rural, pequenas vilas e aldeias, onde grande parte das bandas filarmónicas desenvolverá a sua atividade. Apesar da distância entre Campo e a cidade do Porto ser relativamente curta (cerca de 11 km), era uma freguesia com traços identitários vincadamente rurais, sobrepondo-se inclusivamente à indústria extrativa; muitos saíam da mina e ainda iam trabalhar na terra<sup>128</sup>.

---

<sup>128</sup> “ (...) Uns até trabalhavam na terra depois de vir de trabalhar nas minas (...) ”. (Manuel Ferreira Teixeira, 2017)



*Fila para as senhas de racionamento Porto. Anos 40. Fonte: Citizen Grave. Os anos 40 em Portugal<sup>19</sup>*

Nos inícios dos anos 40, o conflito mundial assolava a Europa e serviria de pretexto ao governo centralizador do Presidente do Conselho para dirigir-se à nação com uma frase paradigmática: “Livro-vos da guerra, mas não vos livro da fome”. O fantasma das “sopas do Sidónio”<sup>129</sup> estava de volta para impor o racionamento, gerando uma situação que agravaria a já precária vida das famílias trabalhadoras e desempregadas. A contestação subiria de tom em 1943 quando o esforço para adquirir bens de primeira necessidade era maior que o próprio salário. Os alimentos escasseavam e atingiam custos insustentáveis no mercado paralelo, as filas tornavam-se intermináveis e a falta de alimentos levaria a protestos e motins generalizados. Para Salazar seria uma questão de se aguentar politicamente, mesmo que para isso fosse necessário prescindir do desenvolvimento industrial tomado como símbolo de

---

<sup>129</sup> “Em 1918 é criada a Associação 5 de Dezembro, com o objectivo de ajudar os mais carenciados. A faceta mais visível desta política é a distribuição de alimentos (a conhecida “Sopa dos pobres” ou “Sopa de Sidónio”).” Acedido em 16/11/2018 [http://www.museu.presidencia.pt/presidentes\\_bio.php?id=28](http://www.museu.presidencia.pt/presidentes_bio.php?id=28)

modernidade, o que poderia eventualmente promover o desenvolvimento social. (ROSAS, 1994)

Uma crise internacional, um pretexto que fundamentaria as medidas restritivas levadas no plano interno, ou seja, os fins justificariam os meios, nomeadamente na pretensa estabilidade geral do regime, o equilíbrio, a manutenção do poder, sujeitando tudo e todos e a própria economia.

Adriano Ribeiro retrata a situação sofrida na altura, mas num período que não era do seu tempo, em que iria uma camioneta, que crê ser Legião Portuguesa, com uma cisterna de sopa. Formava-se uma fila de pessoas com a marmitta na mão à espera de levar uma refeição para casa; as mesmas pessoas (famintas) por vezes aproveitavam os exercícios levados a cabo pelo exército nos montes que rodeavam a localidade, para ir pedir comida durante a hora de almoço aos mancebos.

“O sistema de equilíbrios que estruturava o equilíbrio instável dos anos 30 iria ser abalado, e parcialmente subvertido, pelos efeitos do segundo conflito mundial, originando a primeira crise séria da história do regime. Mas seria precisamente na capacidade de os recompor, adaptando-os às novas conjeturas e relações de forças, que residiria, insistimos, a arte salazariana de “fazer durar” o Estado Novo. Pelo menos até finais dos anos 50, enquanto isso foi possível”. (ROSAS, 1994, p. 268)

“Na guerra e no pós-guerra não queira saber.... Chegaram a deitar-se na rua, os homens chegaram a deitar-se para obrigar os carros a parar, para lhes dar uma esmola. Chegaram a deitar-se no meio da rua, veja lá até que ponto era a miséria. Era uma coisa louca.... Mais tarde apareceu o volfrâmio, o antimónio o volfrâmio, há quem lhe chame as duas coisas, ali para cima, lá para os lados de Nespereira, essa zona, e eles iam para lá (...)”.<sup>130</sup> (Manuel Ferreira, 2017)

---

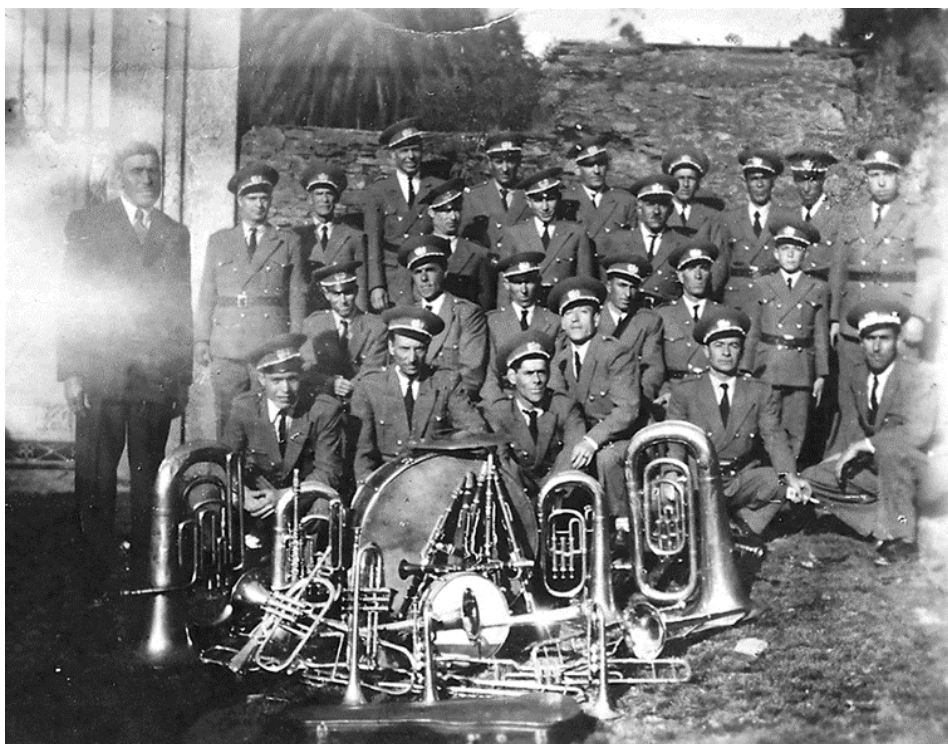
<sup>130</sup> Manuel Ferreira Teixeira músico da Banda de Campo, a propósito da crise dos anos 40. Entrevista realizada a 22/04/2017

Internamente acentuava-se a crise social, reforçada pelo conflito mundial. Foi um período de enorme instabilidade ameaçando fortemente a formação musical, que esteve em vias de acabar. Uns foram para o volfrâmio em busca de melhor vida, outros regressariam às terras de origem e poucos ficariam para dar continuidade à banda de música, uma situação que levanta a hipótese de a coletividade ter entrado num estado estacionário à espera de melhores dias.

Nos finais dos anos 30 e início dos anos 40, dá-se o regresso de José Teixeira à banda de Campo. José Comércio indica que o avô voltou em 1943; a atual direção refere que ele voltaria a assumir a regência da banda de 1938 a 1950, sendo posteriormente substituído pelo filho António Ferreira Teixeira.

Assim sendo, o que motivou a seu regresso em 1938 ou em 1943? Estaria José Teixeira disposto a reerguer a banda? Foi um regresso negociado? Houve algum apelo para que retornasse? Achava que a banda seria pertença da família por ter sido o fundador e dessa forma arrogava-se no direito de voltar quando entendesse? Voltaria a deixar a banda se outra contratasse os seus serviços? Os músicos como encaravam essa situação? Ou o seu regresso foi apenas circunstancial? Independentemente das razões, nada ficaria igual. Questões que se irá procurar responder nos capítulos seguintes.

### 12.3.A ESTRUTURAÇÃO DOS ANOS 50



*Banda de Campo 1948. Fonte: Banda de Campo<sub>20</sub>*

A partir dos anos 50 a banda desenvolvia-se de forma sustentada e para isso terão contribuído alguns fatores: O fim do conflito mundial; regresso de pessoas e músicos do Volfrâmio<sup>131</sup>, aquisição e cópias de reportórios,<sup>132</sup> aprendizagem de conhecimentos enquanto estiveram de passagem por outras bandas<sup>133</sup>, desenvolvimento industrial e tecnológico no fabrico dos instrumentos musicais (Bessa, 2009) diminuindo os custos de aquisição<sup>134</sup>, a

---

<sup>131</sup> Uns enriqueceram, outros viriam mais pobres do que foram.

<sup>132</sup> “(...) Aparecia alguma coisa de novo e arranjava-se uma partitura e até se comprava a partitura e o Sr. Rafael copiava as partes cava todas, não havia fotocópias e nós em questão de reportório andávamos sempre bem”. (José Comércio Teixeira, 2018)

<sup>133</sup> Indumentária, instrumentos, disposição dos músicos, etc.

<sup>134</sup> “Construíram-se fábricas de instrumentos musicais (...). Em 1898, um empregado da Casa Castanheira decide fundar a Fábrica a Vapor de Instrumentos Músicos Francisco Guimarães Fº e Cº, que manteve a produção até à década de setenta do século XX.” (Bessa, 2009)

compra de instrumentos usados<sup>135</sup>, o aumento da participação em festas e romarias de âmbito religioso e profano<sup>136</sup> o que possibilitava mais dinheiro em caixa, mas a vida das pessoas tinha-se agravado devido ao desemprego.

Mas seria no início da década de 50, que a banda conquistaria uma das maiores festas do concelho, o S. João de Sobrado<sup>137</sup>. Não terá ficado de imediato como a banda contratada, segundo Jorge Benido<sup>138</sup>, cabendo a execução a uma outra banda de uma localidade próxima, apenas um único ano; contudo a organização da festa optaria pela de S. Martinho do Campo, pelo modo de como executavam a marcha que seria o que mais respeitava a música original, cuja cópia da partitura<sup>139</sup> seria transcrita por José Ferreira Teixeira.

Era a época de ouro da família Teixeira na direção da banda, pois na regência encontravam-se dois irmãos, António Teixeira Ferreira, como contramestre João Teixeira Ferreira, pai de José Comércio Teixeira e o mesmo refere a sucessão de maestros na família, o filho de António Teixeira, Manuel Teixeira Ferreira ingressaria em 1952 com 14 anos. Primeiro o avô, sucedendo-lhe o filho e depois o neto Manuel Teixeira que se encontrava no Alentejo, mas segundo José comércio: “Ele ia ficar no Alentejo, se calhar até foi a banda que... Foi o amor à banda que o trouxe para cá, ele adorava o Alentejo e veio em 1947 ou 48, veio para cá”. (José Comércio, 2018) O amor à banda serviria igualmente, como no início da formação, para aumentar a influência da família na banda, sugerindo a formulação de uma analogia com determinados modelos de gestão, em que o conselho de administração era constituído por membros da mesma família.

Sanadas as divergências e apurado o modelo organizativo, a banda como alguns músicos melhoravam tecnicamente na execução como no relatório.

---

<sup>135</sup> “(...) a compra de instrumentos a outras bandas, muitos deles já estragados, necessitariam de arranjos de solda e desamolgamento. (...)”. (Manuel Ferreira Teixeira, 2017)

<sup>136</sup> António Carvalho, fala na participação em outras festas de caráter não religioso, as quais eram proibidas. Refere, no entanto, uma festa fora dos padrões da religiosidade numa freguesia da Maia (Gemunde). A história pode ser consultada através do site <http://perdidanahistoria.blogspot.com/2011/12/campa-do-preto.html>

<sup>137</sup> Conhecido também como “As Bugiadas”

<sup>138</sup> Presidente da Direção da banda de S. Martinho do Campo

<sup>139</sup> Ver anexos, fig.12.

Mas quais seriam as razões que determinariam essa melhoria? O aumento da instrução média da regência e dos executantes? Era uma possibilidade em aberto, compreender a história dos compositores mediante a leitura de livros e publicações das suas obras, pois podia ser um sinónimo evolutivo na interpretação das partituras se fosse esse o fundamento adequado. José Comércio começa por referir que a maioria dos músicos não teria mais que a 2ª e 4ª classe, inclusivamente o seu pai só a teria concluído já em adulto, com quarenta e tal anos, o Tio António, o que sucederia a José Teixeira, teria a 2ª classe. Perante a descrição, colocou-se a questão do porquê da razão saber ler música de forma correta e não um texto, ao qual ele responderia que uma pessoa pode não saber ler uma frase escrita, mas uma partitura sim “A música é diferente (...), o meu tio António sabia, pegava numa partitura e ensaiava uma obra e mandava parar quando via que não estava bem, é porque sabia, não é?” (José Comércio, 2018). Na realidade, no campo do ensino informal a música seria a melhor forma de aprendizagem em meios onde a taxa de analfabetismo era maioritariamente alta. Contudo, quem soubesse ler e escrever na banda, como o Sr. Rafael Silva, tornava-se um símbolo de respeito e até de alguma veneração<sup>140</sup>. Aqui a música seria apenas a porta de entrada, mas outras necessidades pesariam igualmente na opção de ingressar na banda, como a possibilidade de poder conhecer outras terras do concelho. Adriano Ribeiro chega mesmo a referir que maioria dos jovens entrava na banda por intermédio dos familiares, aliciando-os com uma prenda ou empregos<sup>141</sup>. Estas seriam supostamente as mais-valias para quem quisesse integrar a banda musical, para além de adquirir competências no uso de instrumentos, adquiriam um certo estatuto num meio socialmente e economicamente deprimido. No

---

<sup>140</sup> “Não. Ele era músico, como é que eu hei de explicar, ele não era compositor, copiava, era copista, copiava muito bem, copiava muito bem mesmo e copiava muito, ele lá com... (marca um ritmo), marchas novas que vinham e tudo, porque havia bandas que tinham de pagar e bem a quem o fizesse (...). Aparecia alguma coisa de novo e arranjava-se uma partitura e até se comprava a partitura e o Sr. Rafael copiava as partes cavas todas, não havia fotocópias e nós em questão de repertório andávamos sempre bem”. (José Comércio, 2018)

<sup>141</sup> Uma ação de aliciamento que teria a sua razão de ser na altura, considerando a esperança média de vida até aos 55 anos devido à sílicose e a mortalidade infantil. Atualmente pode-se considerar uma ação pouco ética? É possível, mas na altura seria necessária para a continuidade da banda.

campo das escolhas, a banda seria mais apelativa em detrimento do ensino oficial do magistério primário ministrado pela escola.

Apesar da importância atribuída à banda, isso significava que a coletividade musical seria representativa da identidade coletiva da localidade? O uso do nome da terra na banda sugere esse reconhecimento, mas analisando a forma como começou a desenvolver a atividade, transmite a criação de uma identidade própria, muito assente na banda como grupo musical, dentro de um enquadramento típico ligado às bandas filarmónicas, como a indumentária, instrumentos, uniformes, formatura, etc. Afinal a convergência ou divergência do que se pode designar conceitos identitários estariam mais relacionadas com a forma e os condicionalismos da época, espelhados muitas vezes nos modelos de organização e gestão em órgãos do poder político e económico. Com a extinção dos modelos organizativos de âmbito mais coletivista surgidos na primeira República até aos inícios dos anos 30, e a ascensão do corporativismo, não restariam muitas alternativas senão adotar os novos modelos impostos por uma linha ideológica de carácter conservador e corporativo, muitas associações e grupos de âmbito cultural e social, considerando o peso e dimensão social de uns e outros, optariam por esse caminho.

Serão modelos identitários de uma época? Pode-se considerar essa possibilidade, porque apresentam aspetos ideológicos muito concretos sobre o papel das populações nos traços culturais e sociais que as definem enquanto habitantes de um local, seja pela homogeneização de práticas e costumes como o folclore ou a organização dos tempos livres dos trabalhadores, como já se tinha referido anteriormente sobre o papel da FNAT na sociedade portuguesa.

Dentro deste propósito, perguntou-se a Manuel Teixeira Ferreira se tocavam em acontecimentos oficiais do regime e que sob condições o faziam. Afirma que durante o Estado Novo, tocavam hinos e marchas em cerimónias oficiais, “mas de borla”, e dependendo do personagem e do estatuto, o que geralmente acontecia com um ministro; tocarem o hino da restauração, e se fosse em representação do Presidente da República era o hino Nacional. A função da banda era animar as coisas, chamar o povo”.

“ (...). Desse tempo, claro, eu não participei na Legião, tenho até ali um músico (?) que eu há bocado lhe disse que ensinava muitos músicos, que esteve na Legião. Mas aquilo só nos condicionava, não é? Nós eramos como pássaros na gaiola, não é?”.<sup>142</sup> (Manuel Ferreira, 2017)

Poder-se-á então referir que a Banda de Campo era de algum modo representativa do modelo identitário do Estado Novo através da sua participação em eventos oficiais do regime e pela uniformização do repertório que tocavam, que segundo José Comércio Teixeira, praticamente todas as bandas naqueles tempos tocariam a mesma coisa.

---

<sup>142</sup> Manuel Ferreira Teixeira, nasceu a 10 de Junho de 1938. A banda e o regime, entrevista realizada em 2017.

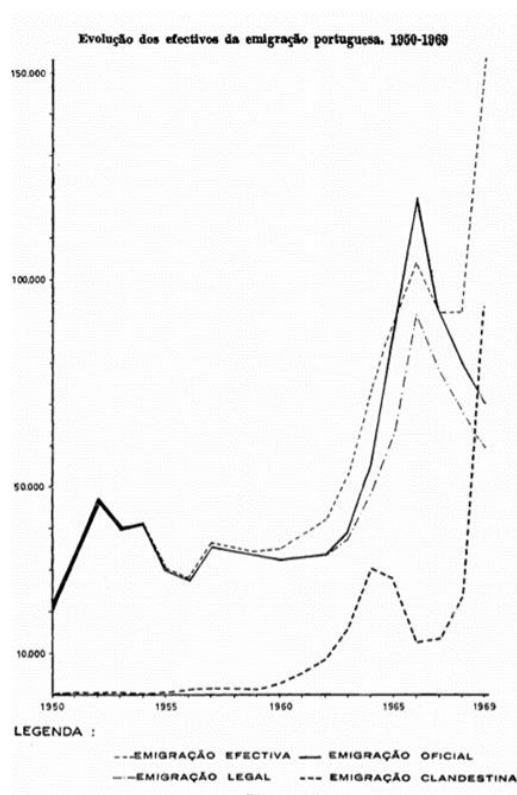
#### 12.4. A EMIGRAÇÃO E A GUERRA COLONIAL

Após um ciclo de crises económicas, políticas e sociais permanentes que correram os anos da primeira república até finais dos anos 40, os anos 50 apresentavam um clima de abrandamento e de estagnação, sob um véu de paz podre, como afirmam os estudiosos deste período, apoiada no peso de um conservadorismo dominante e antidemocrático, o qual condicionava o aparecimento de ações capazes de “transformar e modernizar a sociedade portuguesa saída dos anos 30 e 40”. (ROSAS, 1994, p. 419), E será neste quadro imobilista que a questão da emigração ganha força, principalmente aquela que se dirigia para países como a França e Alemanha.

Contudo será o espectro da guerra colonial que se começa a agitar nos inícios dos anos 60 e a procura de mão-de-obra na Europa, que impulsionará em definitivo o fluxo emigratório. O distrito do Porto será a região do país onde o fenómeno migratório mais se irá sentir. Segundo os dados oficiais da Junta de Emigração, a partir de 1955 torna-se possível a sua publicação sobre o conjunto dos últimos 20 anos estudados, o distrito do Porto foi o que mais contribuiu para a emigração oficial portuguesa; desse distrito terão “emigrado cerca de 91.204 pessoas o que representa 9,2% do total da emigração oficial do Continente”. (ANTUNES, (s/d), p. 323).

A pertinência do tema relaciona-se com o facto de como a emigração e a guerra colonial irão influenciar negativamente o regular funcionamento da banda de música, levando mesmo à precarização da sua atividade.

Não se sabe exatamente quantas pessoas deixaram a localidade de Campo em busca de trabalho noutras paragens, mas não seria a primeira vez que algo



*Emigração Portuguesa, 1950 – 1969. Fonte: vinte anos de emigração portuguesa<sub>21</sub>*

parecido ocorria relativamente a crises anteriores designadamente a II guerra mundial, o desemprego e a corrida ao volfrâmio.

Dois músicos da banda descrevem esse tempo, um mais contido na explicação em relação à emigração e, o outro traçando uma narrativa mais pessoal sobre o seu papel na guerra colonial. José Comércio Teixeira descreve a situação que se vivia nesses tempos, falando da estagnação social e de como a emigração causou a partida de muitos bons músicos. Refere que só no verão a localidade é que se voltava a encher de gente. António Cunha expõe que ele foi um dos casos que teve de deixar da banda para ir servir o exército na guerra colonial. Esteve a cumprir serviço militar em Viseu no regimento nº 6 e em Tomar, regimento nº 15, onde ingressou na banda do regimento. Nessa altura não contava ser mobilizado para a guerra. Meteu o requerimento para músico, e sem vaga, foi destacado para Viseu onde existia uma fanfarra. Perante a desagradável surpresa, António Cunha teria dito: “Eu toco clarinete, não vou

tocar bombo”. Em Viseu, insatisfeito com a sua condição de músico, meteu o requerimento para ser transferido. O oficial aspirante, um conhecido que seria de Alfena – Ermesinde, conseguiu que fosse integrado em Viseu. Em Viseu, foi apontado para uma especialidade que supostamente, o excluiria de ser mobilizado para a guerra, a de “apontador de morteiro 81, que tinha pouca saída”. Nessa altura, e devido ao tempo que já se encontrava em território nacional, a hipóteses de ser mobilizado para o conflito de ultramar, tornava-se cada vez mais distante. “O azar todo”, uma expressão que o levou a chorar quando estava a ensaiar “Aida” de Verdi. Às 10.00 da manhã, o 1º sargento conduzia os ensaios, que interromperia quando o cabo entrou na sala, pedindo que o sargento e o músico Cunha se dirigissem à secretaria. De início ficou todo contente, pensou que iria passar a efetivo na banda, e se tal acontecesse meteria “o chico”<sup>143</sup>. Chegados à secretaria, são informados de ter acontecido um ataque a um carro militar na Guiné com uma mina anticarro, na sequência do qual morreram nove militares apontadores de morteiro que iriam ser distribuídos. Perante o sucedido, o exército mobilizou novos apontadores de morteiro, especialidade do Cunha, que apesar de ter a especialidade não a tinha feito, devido à situação de ser músico. “Foi o meu azar”, diz. Antes de embarcar, foi três meses para Santa Margarida “aprender a dar fogo”. Chorou, pensou em fugir, mas acabou por ir, “era o tempo de Salazar e a gente tinha de fazer aquilo” lamenta António Cunha. Levou o clarinete de treze chaves consigo e segundo diz, lá deu umas “gaitadas no mato”. De regresso a território nacional, ironia do destino, tocou a marcha nº 10, em Santa Comba Dão no funeral de Salazar no ano de 1970.

A guerra colonial como a emigração foram em grande parte os responsáveis externos, pela instabilidade vivida dentro da banda, principalmente pela saída de jovens membros, uma situação que muitas vezes poderia significar o fim da coletividade, dependendo da qualidade e quantidade de músicos que saíssem.

---

<sup>143</sup> Apesar de ser uma expressão muito conhecida de âmbito popular, não se sabe a sua origem. Contudo o seu significado está associado à realização de um contrato com entidades militares a fim de seguir a carreira militar.

## 13. A DESCONSTRUÇÃO DO MITO SOCIAL

### 13.1. A BANDA E A POPULAÇÃO DE CAMPO

Uma das observações que mais se pode aproximar da relação entre a população e a Banda de Campo, a par de outras que se foi descrevendo ao longo deste trabalho, será a de Adriano Ribeiro, onde descreve que a generalidade da população via a banda como uma forma de os seus membros ganharem algum dinheiro, possivelmente mais que o gosto pela música, contudo, festa que não tivesse banda tornava-se estranho, pois foi-se tornando tradição as suas exibições. Deste ponto de vista, a formação teria ganho um estatuto cultural com relevância social, afirmando-se num meio socialmente e economicamente deprimido. No entanto existia alguma desconfiança por parte dos populares sobre o padre da freguesia, por motivos já referidos anteriormente e contra o regime, não porque a população fosse politicamente estruturada, devido à elevada taxa de analfabetismo e às características repressivas do Estado, mas sim pelas difíceis condições de vida em que vivia, uma situação que poderia igualmente gerar algum desconforto em relação aos próprios membros da coletividade musical devido à relação que ia mantendo com essas figuras de poder. Afinal a banda ostentava o nome da terra, mas aparentemente agia separada dela. De facto, a banda era para todos os efeitos o chamariz do povo para eventos religiosos e políticos. Assim sendo a música independentemente das figuras que aí se encontrassem, seria sempre algo agradável de se escutar principalmente numa altura em que existiriam poucos rádios, e possibilitava que as pessoas se encontrassem em maior número nos locais públicos.

Através do que foi mencionado anteriormente sobre os aspetos relacionais entre a Banda de Campo e a população local, pode-se partir do princípio que os dois não teriam uma relação que os identificasse comumente,

no entanto como veriam os músicos a relação entre a sua coletividade e os eventos do regime. Vamos aos factos, Manuel Ferreira Teixeira na entrevista comenta que tanto a empresa das lousas como a FNAT nunca deram nada à banda, e a sua participação em eventos solenes aos órgãos do regime, era, porque existia a consciência de cumprir essa obrigação e seria de “borla”, considerando que a possibilidade de recusa ser encarada como um ato subversivo. Apesar da assertividade da observação por parte de Manuel Ferreira, o seu nome consta no livro de registos do Sr. Rafael Silva, cujas capas dos livros se observam as datas de abril de 1962 e do ano de 1967, os quais contem os dados respeitantes à faturação e pagamentos aos membros da banda, um facto que de certo modo contradiz a afirmação de Manuel Ferreira na forma, mas não no conceito.

Face ao exposto, a observação que se pode fazer é se Manuel Ferreira estaria de alguma forma desvalorizar a presença da banda nas cerimónias e atividades do regime, afinal o passado já lá vai, ou simplesmente não se lembrava de terem cobrado alguma quantia. Tanto uma situação como outra, levam a questionar o recurso a uma determinada memória seletiva quando se trata de falar do passado, principalmente se esse passado estiver carregado de um determinado simbolismo ideológico, o qual terá submetido grande parte da população a condições de vida e trabalho a roçar em muitos aspetos o miserabilismo. É censurável? É plausível? Por mais questões que se possam colocar marca definitivamente uma época, onde o medo e a privação das liberdades fundamentais atravessou quatro gerações, e que por vezes o expressar a opinião poderia significar a ida para o calabouço. E pode ser essa vivência de Manuel Ferreira, a de ter participado nos acontecimentos do regime, transformar-se num estigma social, a formulação de um juízo imediato, o qual, é capaz de ser comparado na atualidade como um certo colaboracionismo com a ditadura por parte da formação musical e dos seus elementos em particular.

### 13.2.O “ENSINO” DA MÚSICA

Como se desconstroem ideias e conceitos analisados no trabalho, assentes muitas vezes em generalizações que se tornam inquestionáveis do ponto de vista do senso comum? Nesse ponto a Banda de Campo terá de alguma forma contribuído para o ensino da música ou para o aprender da música nas camadas jovens no meio popular, no período compreendido entre a 1ª república e o fim do Estado Novo? Se para alguns dos músicos é um facto inquestionável o ensino da música, o mesmo não se aplicaria na forma do conceito.

Israel Scheffler caracteriza o ensino como uma atividade cujo propósito é a realização da aprendizagem, sendo praticado de maneira a respeitar a integridade intelectual do aluno e sua capacidade de fazer juízos independentes (CARVALHO, 2011). José Comércio Teixeira faz uma observação geral sobre o “ensino da música” na banda. Assume que não se cobrava nada para “ensinar música”, mas o objetivo era cativar jovens para a banda. Na realidade só “ensinavam” com a condição de irem para a banda ou era perder tempo. Refere mesmo que, “Muita gente morreu com o cognome «o fulano músico», (...). Porque entravam, não tinham habilidade para aquilo, eram uns excelentes colegas, (...), morriam músicos e nunca tinham sido...”. (José Comércio, 2018)

Pode-se na realidade estar perante formas de aprendizagem e não de ensino, e vários fatores devem ter contribuído para isso: baixos índices de escolaridade; o conhecimento técnico seria transmitido mais dentro de um formalismo empírico do que cognitivo; imperava uma mentalidade conservadora e autoritária comum aos modelos governativos; a existência da banda passava pelo recrutamento de elementos para a coletividade; o ensino da música estava maioritariamente reservado a uma determinada elite social.

### 13.3.A QUESTÃO ECONÓMICA

Como já referido em outros capítulos, os músicos eram maioritariamente operários da mina da lousa e como tal estavam sujeitos às normativas salariais consagradas pelos acordos e convenções do sistema corporativo<sup>144</sup>, as quais condicionavam em muitos aspetos o tempo de trabalho com a prática da música. Nesta perspetiva, os baixos salários ou o aumento das horas extraordinárias a serem pagas abaixo do valor que lhes correspondiam, conduziam a uma situação que conferia um maior dispêndio de tempo a trabalhar em detrimento do exercício da música, o que em certa medida aumentava igualmente os riscos para a saúde, obrigando em certa medida a estar mais tempo em contacto com o pó da lousa, numa conjugação de fatores como o desgaste físico e psicológico que estas situações acarretam, provocando muitas vezes o aparecimento precoce de doenças pulmonares, ou mesmo incapacidades físicas e conseqüentemente a redução da esperança média de vida.

E será dentro deste contexto da problemática dos baixos rendimentos do operariado português, que tornava o país num centro de desigualdades entre classes. Em 1934 a indústria baseava a sua política nos baixos salários que rondaria o valor médio de 11\$76, situação que perpetuava o estigma da pobreza nas famílias trabalhadoras portuguesas. Em 1938, tendo em conta que um cabaz para uma família com cinco elementos rondaria os 18\$00, o salário médio estaria nos 42\$00, cerca de 1080\$00 mensais, e aqui exclui-se todas as outras despesas como educação; vestuário; renda de casa; etc. (ROSAS, 1994) Um cenário onde o próprio regime arrogava-se do direito moral de opinar sobre os gastos salariais dos operários, aconselhando o gasto do parco salário em bens e não na taberna ou outras “perversões” (ROSAS, 1994, p. 94). As dificuldades do custo de vida e o valor nominal dos salários, aumentavam a precarização da gestão familiar mesmo sobre os bens de primeira necessidade,

---

<sup>144</sup> Um tema também abordado no capítulo “O Sindicato Corporativista”.

o salário médio do operário português não chegava a satisfazer três quartos das necessidades alimentares da sua família. (PIMENTEL, 2012).

No Estatuto do Trabalho Nacional de 1933 (Decreto-Lei n.º 23048, de 23 de setembro de 1933), que estabelece os princípios orientadores do Estado Corporativo em Portugal, ficou consagrado o «direito ao trabalho e ao salário humanamente suficiente» (art. 21.º), devendo «o ordenado ou salário, em princípio, (ter) limite mínimo, correspondente à necessidade de subsistência» (art. 24.º). A Constituição da República de 1933 consagraria, como uma das atribuições do Estado:

“Zelar pela melhoria de condições das classes sociais mais desfavorecidas, obstando a que aquelas desçam abaixo do mínimo de existência humanamente suficiente» (art. 6.º n.º 3).” (BRANCO, 2013)

Uma linha do pensamento político do Estado Novo que traça o cenário dos baixos salários e das precárias condições de vida das famílias do operariado, obrigando à necessidade de ter uma atividade extra que pudesse complementar o magro salário, tornando-se um meio de conseguir sobreviver às duras condições de vida. Assim sendo, quanto ganhava um músico da banda de Campo por atuação? António Joaquim Carvalho diz que em 1930, cada músico receberia 10\$00. Manuel Ferreira Teixeira aponta para uma fórmula que já viria desde o tempo do seu avô em que os pagamentos eram realizados da seguinte forma, “Uma parte. Eles diziam uma parte, é uma percentagem... uma parte. O músico mais antigo, digamos, que tivesse uns anos mais de música, não era pela capacidade de interpretar, mas pelo tempo que tinham. Então eles recebiam uma parte, o aprendiz que tinha menos tempo, recebia  $\frac{3}{4}$  dessa parte”. Já nos anos 50, o valor arrecadado por atuação rondaria os 2.700\$00 a 3.000\$00, (Dois contos e setecentos escudos a três mil escudos), desse dinheiro retirariam uma parte para a banda, arranjo de instrumentos<sup>145</sup>,

---

<sup>145</sup> Ver anexos, fig.13.

etc., o restante seria dividido pelos músicos, o que daria cerca de 20\$00 por elemento. Através dos livros de registos de Rafael Silva, a média nos anos 60 rondava os 60\$00, sendo o valor da remuneração mensal mínima em 1969, de 1495,60 escudos para um trabalhador isolado, residente em Lisboa, e não integrado em qualquer esquema de previdência e a remuneração mínima de 1232,20 escudos para um trabalhador a residir na província (BRANCO, 2013), nos anos 70 (antes de 1974) seria 100\$ por atuação. Valores que apesar de tudo não cobriam grande parte das despesas familiares, e muito menos se estivessem numa situação de desemprego.

Adriano Ribeiro sobre a questão económica e social faz uma reflexão em relação ao passado, valorizando as histórias relatadas, muitas na primeira pessoa, recordando as idas ao monte, bouças e cavadas, recolher lenha para vender, um trabalho realizado muitas vezes pelas mulheres e crianças antes do 25 de abril. Quando o dono aparecia, mandava-as levar os feixes de “queiró”<sup>146</sup>, quando não chamava a guarda. As pessoas faziam-no por necessidade extrema, principalmente quando a maior parte das fábricas estariam encerradas. Nos anos 40 a falta de trabalho seria uma realidade permanente, famílias malnutridas, muitas vezes apenas alimentadas com um caldo de couves, arrancavam tocos de árvores a pá e pica.

Dado o contexto social, económico e político dos anos 50, 60 e inícios dos anos 70, que procedimentos e estratégias a banda desenvolvia para manter um regular número de membros na sua coletividade? Para além da participação em eventos e atuações em festas e romarias, a banda detinha um fundo de compensação<sup>147</sup> que garantia durante um ano, um apoio económico a quem estivesse numa situação de desemprego ou doença.

“Com respeito aos doentes pagar apenas 75 por cento em doença que se verificasse ser verdadeira e esse pagamento ao fim de um ano terminava”.<sup>148</sup>

---

<sup>146</sup> Carqueja

<sup>147</sup> Consultado no Diário da Banda de Campo, Rafael Silva.

<sup>148</sup> Deliberação tomada no dia 18 de outubro de 1970, in Diário da Banda de Campo, Rafael Silva.



era representada por Joaquim Gadanha da Serra Júnior um assumido republicano “mutualista”. (GUIMARÃES, 2001).

Um dos exemplos desse informalismo solidário foi a resolução de 18 de outubro de 1967, possibilitando que o Sr. Américo Cosme fosse reformado pela idade e “se desse meia parte” do valor correspondente à prestação mensal que estaria estipulada para cada elemento que necessitasse de recorrer ao fundo. Uma verba que não foi possível apurar dentro dos dados disponíveis.

Não é certo que o modelo de solidariedade seguido pela banda de Campo seja algo semelhante ao mutualista, ou mais conservador como o da Previdência; contudo confere a impressão que a medida adotada está mais dentro dos parâmetros da informalidade e não seguiria propriamente um plano estatutário com cotizações obrigatórias. Possivelmente foi inspirado nos modelos providenciais que se aplicariam na empresa das lousas.

#### 13.4. A SEDE DA BANDA DE CAMPO

Ter uma sede onde pudessem ensaiar e reunir foi um dos maiores objetivos por parte da coletividade, pois permitiria assegurar uma maior estabilidade na formação musical. Após um processo de passagem por vários espaços, uns cedidos outros alugados, a banda resolveria fazer a sua sede de raiz. Os músicos puseram mãos-à-obra com a ajuda de pessoas amigas e o apoio de alguns materiais cedidos pela Empresa das Lousa de Valongo.

A sua construção iria mostrar o espírito de iniciativa e versatilidade dos seus membros, processo no qual todos de forma solidária e com um grande espírito de companheirismo interno levariam avante os seus intentos. Serão vários os episódios que rodearam a sua construção como a sua posterior utilização, e será através deles que se podem fazer algumas observações sobre o período que antecede a revolução do 25 de Abril de 1974.

Uma das primeiras observações será a inauguração da sede e as pessoas presentes no evento. Já se havia referido um certo alheamento da população em relação à banda, que se tornaria evidente no dia de abertura das portas da coletividade, quando no hastear da bandeira pela primeira vez em 18 de maio de 1968, estariam apenas presentes os músicos Rafael, Neca e Cunha, uma vez que os restantes não devem ter dado grande importância ao ato, mesmo a própria população local não compareceu ao gesto solene como tão pouco familiares dos músicos. Não se sabe as causas para a presença de um reduzido número de pessoas perante um ato de elevada expressão simbólica, as mesmas podem ser múltiplas e variadas, mas serão observações e questões que deixarei em aberto para a eventualidade de querer aprofundar o tema mais tarde.

Contudo, o espaço não iria servir unicamente as atividades da banda. Através dos registos do diário, constata-se a cedência do espaço ao abade e ao grupo de teatro da Quintã. Em relação ao primeiro, o pedido era para a realização de encontros com casados e solteiros em dias alternados, iniciando no dia 29 de novembro de 1971 até ao dia 4 de dezembro, e numa das sessões um dos conferentes foi o padre P. Santos. O espaço foi cedido de forma

incondicional. Já em relação ao grupo dramático o processo não foi pacífico, gerando mesmo uma crise interna na coletividade em 1976.

“ (...) acerca da crise que atingiu a nossa Banda no fim de 1976. Várias vezes a direcção do grupo de teatro da Quintã de Cima veio falar comigo para a Banda ceder a parte de baixo da casa do ensaio para eles fazerem os ensaios (...). Os directores foram à casa do ensaio para pedir autorização para dar início ao arranjo e depois poder ensaiar e guardar os seus apetrechos (...). Desde aí começou a inveja sobretudo por alguns elementos que estavam ligados ao grupo de teatro do alto (...). Mais tempo se passou e chegados ao final da época de 1976. Antes dessa data a Direcção do Grupo Dramático foi posta ao corrente da situação e todos foram unânimes em afirmar que não queriam de forma alguma criar espécie de problemas e muito menos divisões entre os músicos.”<sup>149</sup>

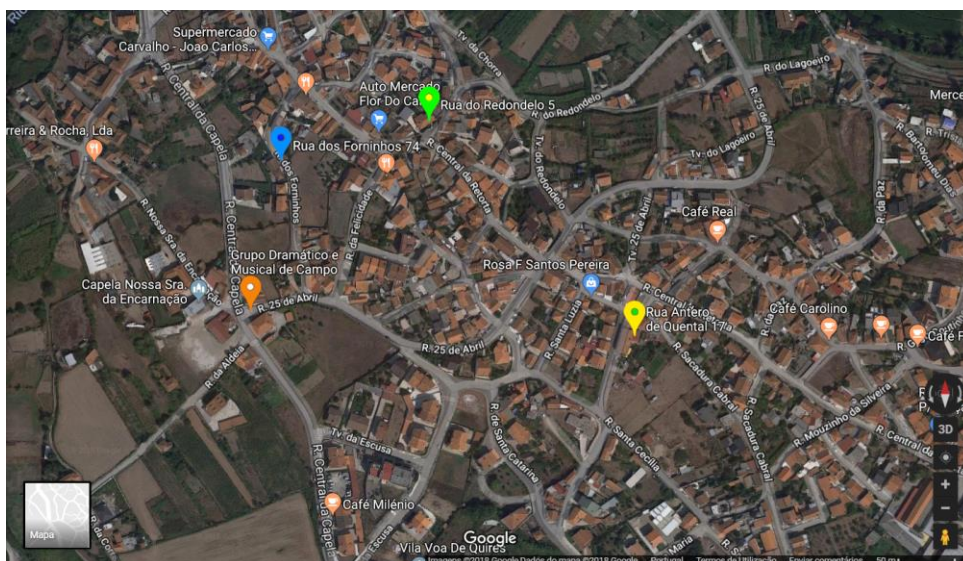
Uma crise que provocou a saída de dois músicos, os quais levariam os instrumentos, que eram propriedade da banda e não mais os devolveriam.

Após 1974, o governo do Estado Novo tinha caído e já estava em curso o período democrático; no entanto ainda subsistiria uma atitude conservadora por parte dos membros da banda ao acharem que a banda não se devia abrir à comunidade a qual ainda olhavam com alguma desconfiança a entrada de novas dinâmicas sociais e culturais o que poderia causar instabilidade, nomeadamente pela partilha do mesmo espaço comum. Mas a abertura da casa de ensaios a outros grupos da freguesia, tornava-se numa necessidade de mudança em relação modelo organizativo que revelava décadas de estagnação e aqui o processo democrático também iria passar pela banda de Campo na construção do seu percurso identitário, mas desta vez em comunhão com a população de S. Martinho do Campo.

---

<sup>149</sup> In Diário da Banda, Rafael Silva

## 13.5. CASAS DE ENSAIO DA BANDA DE CAMPO



Fonte: Google Maps<sup>24</sup>

### Freguesia de Campo

Lugar de Quintã de Cima, Quintã de Baixo e Capela

Legenda:



Primeira casa de ensaios – Anos 40



Segunda casa de ensaios – Anos 50 e 60



1ª Sede – Inaugurada em 18 de maio de 1968



Sede principal – Inaugurada em 01 de março de 2015<sup>150</sup>

<sup>150</sup> Neste espaço funciona a Escola de Música, Bar e ensaios.

## 14.A (RE)CONSTRUÇÃO DO PERCURSO IDENTITÁRIO DA BANDA DE CAMPO

O período democrático marcado pela revolução do 25 de Abril de 1974 irá ser motivo de grandes transformações sociais e culturais na freguesia de Campo. A sua influência irá marcar de forma estruturante o modelo organizativo e o desenvolvimento participativo da Banda de Campo com a comunidade local, seja através de políticas ativas ligadas à cultura e educação fomentadas pelo poder local, como pela reforma da lei de bases do ensino de 1983<sup>151</sup>, onde o ensino da música será incluído na reforma curricular e ministrado nas escolas públicas. Contudo, será necessário fazer o enquadramento do contexto desse desenvolvimento, nomeadamente através da análise das transformações sociais e económicas da freguesia de Campo durante o período revolucionário. Adriano Ribeiro descreve o antes e o depois desse tempo. Uma população desestruturada politicamente, mas com vontade de mudança. Uma mudança que a seu ver, só pela luta organizada é que a população local conseguiu contrariar uma terra socialmente e economicamente deprimida, num fator de desenvolvimento relativo à educação, rede viária, saneamento e habitação. No apoio às populações pela reivindicação dos seus direitos, refere a vinda de uns estudantes universitários do Porto, não sabendo especificar se eram de engenharia ou arquitetura, porém estariam envolvidos nas campanhas de dinamização que percorreram o país durante o período revolucionário.

Estava-se numa época de profunda transformação nas estruturas de poder, com relações de contaminação entre os processos reivindicativos, as estruturas representativas e as organizações autónomas precipitavam-se de “forma

---

<sup>151</sup> Publicação: Diário da República n.º 149/1983, Série I de 1983-07-01

Emissor: Ministérios das Finanças e do Plano, da Educação e da Reforma Administrativa. Decreto-Lei número:310/83, páginas:2387 - 2395

vertiginosa”. (SERRALVES, O Processo SAAL Arquitetura e participação 1974–1976 - Serralves, 2014). Era a altura de organizar o tecido social em torno de questões fulcrais como a habitação e as políticas sociais, as quais só veriam a luz do dia ao fim de 48 anos.

No entanto o aparecimento de associações culturais, recreativas e grupos de tetro, numa zona que já se tinha iniciado num tímido desenvolvimento nos finais dos anos 60, tornará a localidade numa referência social e cultural do concelho de Valongo.

O percurso identitário seria alvo de novas transformações com o regime democrático, onde a partilha de ideias e a possibilidade de fazer escolhas já não estaria sujeita à mordada da ditadura. E será nesta alteração de paradigma que a Banda de Campo se irá reorganizar internamente como externamente, abrindo-se à população e adotando novos métodos e formas de atuação, num processo lento, mas firme, mostrando a convicção necessária para poder transformar o que ficou adiado por tantos anos. Um dos acontecimentos que marcará esse reencontro com os habitantes da freguesia, será a celebração do 50º aniversário da fundação da Banda de Campo no dia 25 de março de 1979. Rafael Silva descreve no seu livro de registos o ambiente de festa e animação protagonizado pela banda local e uma outra convidada para participar nos festejos a Banda de Santiago de Riba Ul de Oliveira de Azeméis. Para além da festa, foram lembrados os músicos falecidos através da celebração de uma missa e particularmente José Teixeira Ferreira onde foi depositado um ramo de cravos na sua campa. Uma data evocativa e de reencontro com a população de Campo, familiares e figuras de relevo do poder local ao terem comparecido de forma expressiva à cerimónia celebrativa, que culminou num repasto conjunto de grande confraternização.

Uma transformação social e cultural que do ponto de vista institucional na figura de Alfredo Sousa<sup>152</sup> – Presidente da Junta de Freguesia de Campo e Sobrado, associa o desenvolvimento do tecido associativo ao 25 de abril de

---

<sup>152</sup> Entrevista realizada em 19/04/2017

1974. Uma data comemorativa<sup>153</sup> onde as associações têm um papel predominante, apresentando diversas atividades de âmbito desportivo e cultural, como igualmente a semana das associações contemplando mostras das atividades que vão desenvolvendo ao longo do ano. A organização do evento anual é conjunta entre o tecido associativo e a Junta de Freguesia, onde se discutem os métodos de trabalho e o que se pretende em termos

Assim sendo, o desenvolvimento associativo surgido no pós 25 de abril de 1974 pela sua multiplicidade de formas organizativas e representativas das diferentes tendências culturais e sociais da localidade de Campo, terá sido a corrente que levou de arrasto o grupo musical na mudança que se estava a operar no tecido social.

---

<sup>153</sup> A Semana das Associações de Campo realiza-se entre os dias 14 e 21 de julho no Centro Cívico de Campo.

O evento é organizado pela Junta de Freguesia de Campo e Sobrado em parceria com a Câmara de Valongo e as associações e coletividades locais. Acedido em 08/11/2018. <http://jf-campoesobrado.pt/?p=1809>

#### 14.1.A IDENTIDADE EM EVOLUÇÃO

Neste capítulo procura-se um reconhecimento das diferentes identidades que foram compondo o corpo da regência da Banda de Campo, no período democrático. Compreender as diferentes visões, sensibilidades e aprendizagens, possibilita identificar as dinâmicas que foram moldando a estrutura organizativa da coletividade. Segundo Graça Mota, as “identidades podem ser compreendidas como o produto de tensões, as quais são inerentes ao mundo social e não um mero resultado do funcionamento psíquico”. (MOTA G. , 2009, p. 43).

Ao longo deste trabalho verificou-se que as alterações dos paradigmas políticos e económicos, condicionam e influenciam diferentes formas de organização popular e dos elementos que as compõe, designadamente o período liberal, a república, a conjuntura internacional, o Estado Novo, o 25 de Abril de 1974, a lei de bases do ensino de 1983 e a entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia.

Antes do coletivo existe o individuo, que compreende na sua própria dimensão fatores educacionais e de aprendizagem, os quais terão sido desenvolvidos em diferentes contextos sociais, económicos e políticos, alterando mesmo a própria estrutura familiar onde se encontram inseridos. Assim sendo, a relação entre o individuo e o coletivo podem ser encarados como duas partes do mesmo processo transformador da realidade social do grupo. Dubar (citado por MOTA, p, 42), define este processo por atos de pertença, nos quais nos definimos de acordo com o tipo de mulher ou homem que gostaríamos de ser, algo a que reivindicamos pertencer. Nesse mesmo processo refere a transação subjetiva, onde se joga a alternativa entre continuidade e reprodução ou rutura e produção. No campo relacional, Dubar designa os atos de atribuição, nos quais se define o tipo de mulher ou homem que somos ou que dizem somos na perspetiva de uma identidade social “virtual”. Neste aspeto procede-se a uma transação objetiva entre entidades atribuídas ou propostas e identidades assumidas ou incorporadas, em que a

alternativa se concretiza o nível da cooperação e do reconhecimento ou do conflito e do não-reconhecimento. (MOTA G. , 2009).

Dentro da abordagem realizada aos diferentes aspetos traçados anteriormente, utilizarei as entrevistas realizadas aos intervenientes, os quais são elementos fundamentais para a compreensão do processo de desenvolvimento pessoal e coletivo. Um método que passará por seguir uma lógica cronológica dos acontecimentos que influenciaram gerações e das necessidades que daí advieram, como a adaptação ao tempo presente. Um tempo que por vezes suporta o peso do passado, como um estigma, muitas vezes visto prejudicial ao desenvolvimento das atividades associativas como na capacidade e rapidez de resposta aos desafios que os novos tempos exigem.

## Maria Fontes

A primeira grande transformação terá ocorrido com a entrada de mulheres pela primeira vez na banda em 1971, um facto extraordinário num meio dominado por homens. Manuel Ferreira que foi regente em 1981, revela que a banda não proibia a entrada de mulheres, mas a mentalidade da altura era que as bandas não tinham elementos femininos, se existisse “era estranho”. Já Salomão Abreu, no seu entender, “a entrada de mulheres para a banda, poderia ter a ver com esta ideia que a banda era composta por pessoas rudes, que bebiam, e uma mulher era completamente desenquadrada daquele contexto (...). Esta imagem menos positiva das bandas que se arrastou até um passado recente, hoje em dia está arrumada”. Por último, Rafael Silva descreve no seu diário a data de entrada dos elementos femininos da seguinte forma, “No dia 24 de Junho de 1971 foram tocar pela primeira vez dois elementos femininos. A Maria Fontes e a Fátima (...). Foi um acontecimento nunca até então conhecido na nossa freguesia o que despertou em toda a gente a maior curiosidade. Toda a gente na festa do S. João apontava e queria ver de perto as novas aprendizas.”. Maria Fontes uma das protagonistas, explica as possíveis razões para o seu ingresso na banda. Aponta o facto de ser originária de uma

família de músicos, sendo o avô o fundador da Banda de S. Martinho do Campo, pai do António Teixeira, referindo nomes de vários maestros ligados à família. Entrou para a banda aos 22 anos de idade, aludindo à possibilidade de ter entrado mais cedo como sendo um capricho pessoal e fala no seu irmão que também era músico e dava aulas de solfejo a uma menina. Maria Fontes diz que a vida não era muito fácil, pois começou a trabalhar aos quinze e que já não teria pai nem mãe<sup>154</sup>, ficou sem mãe aos 4 anos e o pai aos 14, ficando com os irmãos para olhar e cuidar, o que tornava difícil ter-se envolvido em qualquer atividade de carácter cultural. Entrou primeiro para o teatro aos 14 anos e mais tarde na música.

Mas como era ser mulher em tempos de ditadura em uma banda de homens? De início pensou que iria ter problemas, mas cedo reparou que as coisas não seriam bem assim, pois a sensação por parte dos elementos da banda foi mais de espanto e até de admiração, levando a observações do género “duas meninas na música, olha que bonito!”. Refere ainda, que a sua integração foi sempre positiva, sem nunca ter alguma vez sentido qualquer observação negativa. Atribui essa relação, possivelmente, ao facto de serem ambas sobrinhas de maestros. Mas o momento que a terá marcado foi véspera da estreia do S. João de Sobrado quando o Sr. Rafael, “um músico muito vincado aqui na banda”, dirigiu-se a sua casa, pedindo-lhe para vestir a sua farda completa. Depois de devidamente fardada ele dirige-lhe a palavra dizendo: “Se eu morrer neste momento, morro feliz, porque já vi uma mulher na nossa banda”. Maria Fontes nunca mais esqueceu essas palavras.

Independentemente de haver essa abertura na admissão de membros femininos na banda, o seu ingresso mostra como a sociedade da altura ainda via o papel da mulher em exibições públicas como algo novo, diferente e até “bonito”, um parecer que não seria revelador de uma garantia das mulheres em relação ao direito de participar em estruturas e organizações que eram

---

<sup>154</sup> Uma realidade que seria transversal a muitos músicos da banda e mesmo da população local.

maioritariamente geridas por homens, no entanto seria um passo dado no sentido de que algo estaria a mudar.

## Júlio Santos

Após a crise interna de 1982, devido à cisão da família Teixeira, que acabaria por perder grande parte da influência sobre a banda surge Júlio Santos. Uma pessoa que há cerca de 42 anos se dedica à comercialização de materiais de construção.

Entrou na banda em 1990 a pedido da direção. Dedicou-se à música desde os 10 anos de idade, tendo iniciado a sua formação na banda de Gondomar. Foi por intermédio do Sr. Cunha que Júlio Santos se tornou o primeiro maestro não natural da freguesia de Campo e sem ligações à família “Teixeira” a ser admitido na banda de Campo em 1990; no entanto já conhecia vários músicos, e diz que eram seus amigos desde “pequenitos.

Tendo uma experiência diferente como maestro, veio de outra banda, como se adaptou à banda de Campo? Nas suas respostas torna-se bastante evasivo. Foi pedido que explicasse melhor o que queria dizer. Refere que já tinha muita prática de maestro com outras bandas, e assim sendo, fez a sua obrigação. Termina a dizer, “eu dava-me bem com todos os músicos, portanto...”. Na realidade diz que não alterou rigorosamente nada, apesar de cada maestro ter a sua própria maneira de atuar. No entanto descreve aspetos positivos na própria organização da banda, como por o maestro mais à vontade, dar mais descanso ao maestro. Uma estrutura diferente de uma outra por onde já terá passado, em que assumia todos os cargos: maestro, diretor, etc. Em Campo as funções estavam bem definidas. O Sr. Cunha, que se encontrava presente na entrevista, faz uma reflexão em jeito de pergunta ao Sr. Júlio. Começa por referir que fez parte do “antigamente” (sem alterações na estrutura a banda, regência, músicas, estrutura musical, etc.), e quando o Sr. Júlio ingressou na banda como maestro, lançou obras que os músicos não estavam habituados a tocar. Aqui nota-se uma resistência e um receio por parte dos músicos em

relação à mudança que estava em curso, denotando um certo experimentalismo ao nível da organização, possivelmente devido à saída dos elementos da família Teixeira.

## António Cunha

António Cunha, começa por referir o início da sua aprendizagem na música aos nove anos de idade. O seu primeiro instrumento foi trompete. Esteve parado durante 3 anos. Regressou quando começou a aprender a tocar clarinete. António Cunha, foi maestro da banda de Campo no período compreendido entre 2000 a 2005 e nessa altura não existiam músicos com formação de conservatório, a aprendizagem era feita na escola da banda. Sucede a Manuel Ferreira.

Estava-se já, num período da plena integração de Portugal na Comunidade Europeia. Qual era o entendimento que tinha em relação às alterações que estavam a ocorrer fora e dentro da banda?

Sobre a mudança de paradigma no desenvolvimento da banda, António Cunha encara como positiva essa mudança; no entanto, lembra que foi muito difícil atingir essa realidade, e mesmo a sua aprendizagem como músico trouxe-lhe custos pessoais e monetários. Diz que conheceu grandes professores e maestros. Aprendeu com os que passaram pela coletividade, inclusive com o Salomão Abreu, denotando um certo incómodo ao ser dirigido por um músico mais novo, com outras capacidades técnicas ao nível do Conservatório e ele próprio passar novamente para a condição de músico. Apesar disso nunca foi para o conservatório. A sua formação como clarinetista viria de quem ele considera um grande professor, Vladimir Saianov de origem búlgara.

Estava-se perante um conflito geracional? Visto ser de uma outra geração. Começa a alicerçar o seu parecer nos anos anteriores à sua entrada como maestro na banda. Descreve a regência como eles diziam “antiquada”, era 2/2. Mesmo com a chegada do Maestro Júlio Santos, o próprio decidiu não fazer alterações na regência, alegando que qualquer alteração “seria uma

catástrofe”, e manteve assim a forma antiga de dirigir. Nessa altura que lecionou com um colega, António Moreira Jorge, um curso na escola de música que se situava na Rua da Restauração e inclusivamente num quarto do Hotel Tuela na cidade do Porto devido a não haver salas disponíveis na escola, exercendo igualmente o autoestudo através da compra de livros. No entanto aborda o professor António Saiote sobre os tempos da regência, 1; 2; 3; 4 (faz os movimentos, 2 horizontais, dois superiores verticais), onde aponta “a banda onde eu estou, não está habituada a fazer isso, é 2/2, dois no chão e dois no ar”. António Saiote disse-lhe para fazer como sabe. António Cunha, após o seminário e as aulas particulares em 2000 assume a direção da banda e resolve implementar a nova regência que no seu entender seria mais adequada aos tempos atuais, “mais moderna” como refere. As vozes de contestação e desconfiança, não tardaram em fazer-se ouvir, “o Cunha vai acabar com a banda, o Cunha vai deitar a banda abaixo, isto não pode ser...”, contudo menciona que as críticas não vinham dos músicos mais novos, mas sim dos mais “antigos”, que “não estavam habituados”; “custou, mas consegui”, alude à mudança por si implementada. Hoje, reconhece que muito do que é como pessoa e músico, deveu-se essencialmente a si próprio, ou à “sua custa”.

Apesar de alguma divergência com Salomão Abreu sobre o assumir da regência, ele via-o como alguém da terra e de ser sobrinho de Rafael Abreu, um músico com um estatuto de peso na Banda de Campo devido a ter sido umas das pessoas com um papel preponderante na aprendizagem da música aos jovens da freguesia inclusivamente António Cunha aprendeu com ele clarinete nos seus tempos de juventude.

## Salomão Abreu

Era estudante de liceu na área das Ciências, à data de entrada na banda. Licenciou-se em Psicologia, em paralelo com a frequência no Conservatório de Música do Porto. Entre os 18 / 19 anos dá aulas de Educação Musical em escolas do ensino preparatório.

Conhecendo os condicionalismos colocados pela ditadura, dentro de um contexto social e político diferente, como a democracia, coloca-se a mesma questão? Salomão Abreu começa por dizer que não existem os gêneros de constrangimentos, como no tempo de António Cunha. Justifica a sua afirmação com uma comparação temporal, dizendo que noutros tempos existiriam a jusante fluxos migratórios, o que se traduziria no número de elementos que compunham as bandas. Atualmente pode-se encontrar formações com 60 a 70 músicos, mas antigamente teriam apenas 20 a 30, o que por si só, já seria “muita coisa”. Continua na descrição das dificuldades por que igualmente passariam, e como tinha referido anteriormente os fluxos migratórios; se por exemplo 10 dos 30 músicos emigravam, a banda corria sérias dificuldades em manter-se ativa.

Em “outros tempos”, não existia a oferta cultural e recreativa, tempo de ócio e lazer, como nos dias de hoje. Nas suas palavras, a banda seria na altura “um espaço de libertação, socialização, alternativa ao trabalho. Era uma espécie de compensação ao trabalho”. Na altura que entrou para a banda, sem os constrangimentos do passado, referencia que as pessoas entravam pelo gosto de tocar música e por influência de terceiros, assevera sobretudo o último aspeto. Descreve que nos tempos atuais, as entradas nas bandas já se fazem por “socialização de grupos de pares”. Crianças e jovens que geralmente se conhecem, seja por viverem na mesma rua ou por serem amigos, e se um ia para a banda os outros por contágio também iriam, muitos por curiosidade, outros por acharem engraçado. Mas nem todos ficavam, fosse por apetências ou por talento. Retrospectivamente, as bandas de anos atrás, seriam constituídas sobretudo por laços familiares. Profere que atualmente, já não é assim. Dá como exemplo a sua saída em 2010 da banda de Campo, e hoje não conhece cerca de 70% das pessoas que frequentam a coletividade, excetuando algumas pessoas da freguesia, e mesmo essas, não têm precedentes nem antecedentes de músicos na família. Encara muito positivamente a circunstância de os novos membros da banda, ingressarem não por ligações familiares, mas sim pelo gosto da música. Dá como exemplo: no seu tempo,

quando entrou, a maior parte dos elementos que compunham a formação musical não tinham ensino do conservatório ou acadêmicas, e atualmente passa-se justamente o inverso. Destaca que a banda fornece já bases de ensino musical, para quem queira seguir a carreira de músico. Uma estratégia comum a todas as bandas do país.

Salomão Abreu expõe que teve dificuldade em tocar obras mais contemporâneas, sobretudo da parte das pessoas mais antigas da banda, que teciam muitas vezes o seu desagrado e diziam “não gosto disto, nós devíamos tocar aquilo. Recorda que é uma estratégia de sua parte, a introdução de novos reportórios. Uma gestão de recursos humanos importante, como refere. Diz que não pode contrariar completamente “a filosofia e o interesse das pessoas que tem à sua frente”, e dá como exemplo o tocar de obras que não seriam do seu gosto pessoal, mas que sabia que agradariam a pessoas da banda, e que eram no seu entender, elementos importantes em termos da própria dinâmica da formação musical. Era necessário que essas pessoas se sentissem motivadas. Relata um caso de um clarinetista que por razões técnicas não acompanhava os novos arranjos, e abandonou por vontade própria a formação. Reconhece que se seguisse radicalmente a alteração do reportório, acabaria por ficar sem músicos. Face à descrição, indica que a evolução tem de ser gradual. Durante o seu período de maestro, cerca de 5 anos, verificou que a resistência inicial se tornou pacífica ao fim desse tempo

## Joaquim Botelho

Foi regente na banda de Campo a convite de Jorge Benido. Já era músico na Banda de Nespereira em Cinfães do Douro e depois ingressou na banda militar enquanto esteve a cumprir voluntariamente o serviço militar. Sucede a Salomão Abreu em 2009. Da história da Banda de Campo e das próprias pessoas, assume que não tem um grande conhecimento. Jorge Benido que se encontrava presente durante a entrevista, refere que a direção queria uma pessoa que não tivesse algum relacionamento com a banda.

Na altura em que era regente, já existiria um projeto para o desenvolvimento da escola de música, que a seu ver era um projeto bastante ambicioso, uma coisa que tomara muitas bandas poderem ambicionar com isso. Supôs que iria acompanhar a implementação do projeto, mas rapidamente apercebeu-se que já não ia ser para os seus dias, devido a questões burocráticas com a Câmara Municipal e “outros problemas” que foram sucedendo. A sua permanência findou ao fim de três anos.

Reconhece que para isso terão contribuído alguns fatores. A banda não tinha condições de trabalho, a sala de ensaio era muito precária, era um salão pequeno, sem condições acústicas. No entanto reconhece que fez “um excelente trabalho” em conjunto com os demais elementos da coletividade, independentemente de todas as dificuldades de espaço, elementos e o nível de formação, porque, segundo as suas palavras, “a banda não tinha efetivamente uma escola que se dissesse tenho uma escola de música”. Teria uma escola associada à boa vontade, neste caso era só de um músico o Sr. Cunha.

Por certo que as dificuldades referidas por Joaquim Botelho não seriam só de ordem material. O choque de gerações prevalecia sobre o modelo organizacional que a banda deveria seguir, mesmo sem ter condições, tentou com a direção alterar o modelo de ensino, através da integração de mais professores para as diversas especialidades, nomeadamente de cada instrumento. Contudo, a tentativa de inclusão dos músicos mais antigos no projeto frustrou-se devido ao desinteresse dos mesmos pela mudança pretendida. O certo, segundo a sua opinião, é que se andou um ano sem que efetivamente se conseguisse por as pessoas a dar aulas nessas áreas, nesses instrumentos. Entretanto, a seu ver, António Cunha continuou a fazer o que fazia. Continuava a juntar-se com os miúdos durante a semana e ao final da tarde eles saíam da escola e iam ter à sede. Por fim conclui, “As mudanças são, tem sempre algumas dificuldades. Eu vivi isso e senti isso na pele, aliás tivemos um final de ano, não sei se foi ao fim do primeiro ano, se calhar, ou no segundo ano, que as coisas estiveram renhidas para eu ir embora. Passou, conseguiu-se ultrapassar, a resistência continuou, mas acho que conseguimos fazer um bom

trabalho acima de tudo. A nível de mudança, aquilo que se pretendia era manter o nível da banda e se possível melhorar”.

Estaria António Cunha a replicar as dificuldades que teve nas mudanças que foi introduzindo na sua regência, transformando-se ele próprio numa força de bloqueio? É possível formular essa hipótese, considerando que a sua geração esteve inserida num determinado contexto histórico.

## Marco Filipe

Profissão: 1º Sargento do Exército

Licenciatura em Música – Escola Superior Educação de Coimbra. Curso de Professores do 1º Ciclo, Licenciatura em Direção Orquestra de Sopros (Itália)

Frequenta mestrado em Direção Orquestra de Sopros (Universidade de Aveiro). Natural da Maia. É o atual regente, concorreu à vaga deixada por Joaquim Botelho.

A primeira pergunta a ser formulada era se conhecia a Banda de Campo. Perante a questão, Marco Filipe, enquadra a resposta num âmbito mais generalista e histórico, aludindo para um passado comum das bandas, nomeadamente as invasões francesas, mesmo o nome “banda”, virá dessa época.

Coloca-se novamente a questão se conhecia a história da Banda de Campo, dentro do enquadramento histórico por ele enunciado. Marco Filipe, insiste no que tinha dito anteriormente, “que conhecia pouco ou nada”. Conhece associado às histórias das outras todas, porque anda tudo muito similar. Um poderão ter uma vertente com as empresas que patrocina as bandas, e há bastantes casos desses, e outras relacionadas com imigrantes que vieram, na altura, da Venezuela, como em Fermentelos, bandas que ainda subsistem à conta de grandes investimentos de imigrantes de outros países. Depois há as bandas que nasceram no resultado de um grupo de coral que foi sendo feito na igreja, ao qual acrescentaram uns violinos, umas cordas, uns instrumentos, e ao fim o ensinamento de pai para filho. Durante a atual função de maestro, que

conhecimento adquiriu sobre o passado e o presente da banda? Menciona que foi através de um processo normal de candidatura, que lhe possibilitou ficar com o lugar. Nos 2-3 anos que iniciou funções, apercebeu-se de algumas dificuldades no desenvolvimento do seu trabalho, os membros da coletividade tinham um ritmo muito próprio para fazer as coisas, sem grandes pressas.

Quais as razões para essa forma de ser? Expõe que, em conversa com empresários locais e com pessoas que trabalham nas imediações, se entendiam as razões da atitude “do deixa andar” da maior parte dos elementos da banda. No seu entender, o facto de uma grande percentagem da população local ter trabalhado nas minas da lousa, representaria uma esperança média de vida muito reduzida, devido às doenças associadas à extração e produção da pedra. Evoca a mentalidade do trabalho, de baixos estudos e baixo desenvolvimento social, provavelmente pela pouca esperança de viver mais anos, situando-se a média de vida entre os 40-45 anos. A forma de Marco Filipe compreender a dinâmica do “deixa andar”, foi procurar nas empresas locais explicações, uma vez que alguns músicos também são empregados dessas indústrias, e as observações assinaladas, foram a transmissão dessa visão de sem grande esperança no futuro, que muitas vezes se tornou geracional, passando de pais para filhos.

Fala da banda de Gaia e das outras abordadas anteriormente, da evolução que sofreram ainda no tempo de António Cunha. O mesmo que ao tomar contato com essa realidade, das outras bandas, começou a exigir mais de si próprio e aos músicos. Marco Filipe, refere que a partir dessa altura a banda começou a evoluir. Como prova dessa transformação, menciona que, há um compasso, António Cunha conta diversas vezes essa história, marcado ao lado direito e ao lado esquerdo, foi ele que trouxe essa nova técnica e que, ainda hoje é a que está em vigor, na marcação do compasso quaternário. Marco Filipe, narra que na altura, os músicos diziam que António Cunha estaria a “inventar”, mas ele limitou-se aplicar o conhecimento adquirido nos cursos que tinha frequentado.

O que motivou indivíduos, cujas profissões não estavam relacionadas com a música, como ferroviários, agricultores e mineiros a ambicionarem a formação de uma banda filarmónica? Marco Filipe, menciona as “Wind Bands” americanas (bandas de sopros), para aludir o modelo em que se apoiam as atuais bandas filarmónicas

Tocam alguma rapsódia originária da cultura popular de Campo? “Sim (e não), não é uma rapsódia, mas podia ser uma rapsódia. Há aqui umas festas, que são as do S. João do Sobrado”. Volta a centrar a questão na freguesia de Campo. “Daqui (Campo), que eu conheça, não. O que acontece, por exemplo, é que há uma peça de Eduardo Pestana que tocamos aqui na banda, que é as “Uvas do Douro”, em que ele numa dessas obras, faz sete desse género; nessa obra ele tenta reproduzir o que acontece numa zona do País, a zona de Armamar, portanto ali nas encostas do Rio Douro. Desde eles carregarem as uvas, tudo está descrito, tudo está passado para música. Essa é uma das primeiras obras escrita para bandas.” Fala ainda das correntes nacionalistas, que influenciaram a composição de obras para bandas e orquestras. Wagner e Bela Bartók, através das músicas tradicionais dos lugares, aldeias e cidades.

Qual a relação das empresas e a banda de Campo? Terá sempre existido a necessidade desta relação, mesmo por uma questão da própria sobrevivência? “Fala de empresas, uma das quais tem músicos na banda, a Manuaço, metalúrgica e serralharia. Reproduz as palavras do gestor sobre possíveis apoios à banda, “Eu pontas de lança não te dou, queres instrumentos e ferramentas tudo bem, agora pontas de lança não”. É como quem diz, contratar músicos. Um pouco à imagem daquilo que acontece na orquestra da Casa da Música.

As camadas mais jovens são naturais de Campo, ou vieram de outros locais e fixaram-se na freguesia? “Há casos, se calhar uma percentagem baixa, muito baixa, que utilizam isto como dormitório. Que depois de estarem aqui, socialmente integrados, procuram as associações no sentido de fornecerem essas atividades aos filhos. Sim há aqui pessoal de aldeias transmontanas, beirãs e até minhotas que estão aqui a trabalhar. Trabalham aqui, na zona

industrial do Porto, nas empresas daqui e colocam aqui os filhos. A naturalidade é outra, mas a residência é aqui”

O que leva os mais jovens a ingressar na Escola de Música de Campo? Há uma referência prévia ao lado institucional, parcerias com o poder autárquico e o prestígio que foi ganhando ao longo dos anos. Começa por referir que a questão da escola de música e o facto de ter tantos miúdos, uma situação que causa admiração noutros maestros é o facto de conseguirem ter tantos miúdos num meio tão pequeno. As causas para esse número, será do trabalho conjunto com o agrupamento das escolas de Valongo com a banda juvenil. Assim sendo, existe uma relação com a escola e com a diretora do agrupamento de Campo. Uma relação também social e dá o exemplo nesse sentido. “Ó maestro, tenho aqui uma menina, que não tem condições financeiras para aprender música, mas que gostava muito. Pronto, nós falamos com esses amigos das empresas, e eles suportam a aprendizagem de dois ou três casos de miúdos que os pais não têm condições financeiras para lhes pagar esta formação, e as empresas subsidiam”. A banda de Campo está para ficar? “Sim, está para ficar. Tem o suporte, principalmente de malta que gosta muito disto, de gente que gosta muito da banda, que se preocupa com que não falte nada, principalmente aos miúdos e à Escola de Música. Depois tem gente que trabalha no sentido de ela estar presente nas festas, nas romarias por onde tem passado”.

Apesar de Marco Filipe não ser natural de Campo, a sua formação e experiência como músico, capacidade de comunicação, combinado com a persistência e apoio da direção na implementação de novas dinâmicas, acabaria por convencer os mais céticos que a mudança era inevitável e seria para melhor em diferentes níveis, formação, técnica, performance e uma maior implementação social.

## Jorge Benido

Entrou para a banda, ainda andava na escola. A proximidade da casa dos seus pais com a de António Cunha possibilitou a que aprendesse música em sua

casa música e na do Sr. Rafael da Silva, que lhe ensinaram o solfejo e a técnica do instrumento que usa desde o tempo em que entrou para a banda. Atualmente, é o Presidente da Banda Musical de S. Martinho e faz parte dos órgãos sociais da direção da banda, desde 1995.

Foi incentivado por António Cunha a aprender música, um hábito, que segundo ele, era normal naquela altura. Ainda não conhecia a banda, ou conhecia muito pouco, pois estava mais ligado à associação da Retorta, onde com um amigo organizava bailes no Verão e participava em eventos promovidos pela coletividade; a sua entrada na banda chegaria mais tarde.

Refere que a partir de 1995 começou a ingressar uma maior percentagem de membros de uma faixa etária mais jovem para aprender música. Uma explicação para o sucedido pode passar por ser uma atividade mais procurada, a nível cultural. No seu entender, o aumento da população local e os empregos dos pais criaram novas necessidades de preencher os tempos livres e na altura não havia os ATL's.

Hoje em dia a banda possui uma escola com professores licenciados. A formação é totalmente diferente, mas na altura não seria assim, ou seja, aprendia-se em casa de António Cunha, do Rafael Silva e de mais dois ou três músicos que se prestavam, quando chegavam dos seus trabalhos, normalmente ao final do dia, a partir das cinco horas. O ensino era gratuito.

Impunham alguma condição, em relação ao ensino da música para ingressar na banda? Jorge Benido garante que não. No entanto quando iam aprender o objetivo mais tarde seria fazer parte da banda, embora, refere que nos dias de hoje é diferente, já não “existem essas condicionantes”, porque nas aulas administradas na coletividade, tem instrumentos que nem fazem parte da banda, como o piano e um coro. A ideia, no parecer de Jorge Benido, é que a coletividade cresça e seja mais aberta à comunidade. Recorda que quando assumiu um cargo na direção todas as outras pessoas eram bastante mais velhas que ele.

Terá sido um período em que os membros mais jovens se começaram a aperceber que a associação estava a estagnar, possivelmente por serem de

gerações diferentes, e seria necessário fazer mais, que a coletividade podia abrir-se a novos públicos, ideias novas, ou seja alargar a procura. A banda era algo fechada, e concentrava muitas das suas atividades em romarias relativamente próximas, ou seja, era muito raro fazer uma festa num concelho que fosse a mais de 15, 20 km de Campo, um procedimento que já viria de muitos anos anteriores, modo de conduta que ainda vigorava em 1995. Só a partir de 1995 é que começaram a procurar outras paragens, nomeadamente Minho e Trás-os-Montes, e em pouco tempo terão duplicado o número de atuações, levando a inovar o tipo de reportório que tinham.

Mas uma direção jovem poderia ser um fator de medo e desconfiança? A resposta é inequívoca. Sim. Refere que o início foi complicado e por volta do ano 2000, quando entrou um maestro mais “moderno”, criou uma divisão entre os músicos.

Valongo é um concelho que tem um forte movimento associativo e principalmente Campo, possivelmente será a freguesia que mais associações possui. Um dado que fez com que começasse a haver uma aproximação maior entre a banda e a autarquia, dando lugar a mais trabalhos feitos em parceria, como atividades de Verão, concertos, e marchas de S. João. O incremento da qualidade e as novas instalações faz com que a oferta formativa na escola seja totalmente diferente daquilo que aprendeu no seu tempo, uma formação muito mais precisa, de qualidade, melhores instrumentos, mais técnica. Inclusivamente, incentivam na escola a que os jovens se inscrevessem no Conservatório de Música, de forma a desenvolver a qualidade técnica. O que faz com que parte das crianças e jovens já tenham um papel de destaque na banda. Mas essa mudança já vem de 98, e Jorge Benido dá como referencia uma ata de assembleia geral, em que um dos pontos que foi levado à votação junto da direção e das pessoas que faziam parte da banda e dos sócios, seria precisamente a abertura e o ingresso de músicos fora do concelho na banda, com o intuito de a promover qualitativamente, porque a banda até aí era basicamente só constituída por músicos da terra. Não havia músicos de fora. Podia haver, pontualmente um músico que se ia buscar para ir fazer um serviço,

ou isso, mas a continuidade, ou seja, ter um músico fixo nos quadros da banda, que não fosse de S. Martinho, ou até do concelho de Valongo, era uma coisa que era difícil, se calhar para aquelas pessoas impensável.

Por último, a Banda de S. Martinho sentia-se reconhecida por todos os pares? Jorge Benido admite que através do trabalho que tem vindo a desenvolver, sente que existe um maior reconhecimento dentro e fora da coletividade. Seja por entidades privadas como públicas.

Foi o “caminho das pedras”? Mudou muita coisa. Foi preciso partir muita pedra, é verdade, foi um caminho que não foi fácil, porque mexer com mentalidades (...)”.

Jorge Benido como outros membros mais jovens que fazem ou fizeram parte da direção nos finais dos anos 90, são a geração saída de abril de 74. Um período de mudança que irá influenciar de forma profunda outras formas de olhar e intervir na sociedade nomeadamente no tecido associativo.

## 15. **A BANDA E AS INSTITUIÇÕES**

### 15.1. JUNTA DE FREGUESIA DE CAMPO E SOBRADO

Segundo Alfredo Sousa, a banda de música reveste-se de grande importância para as duas comunidades que compõe a área administrativa da Junta, Campo e Sobrado, a título de exemplo o S. João de Sobrado com as famosas “Bugiadas”, onde a banda todos os anos, tornou-se praticamente residente nas festas dessa localidade. Outras bandas já estiveram nas festas de Sobrado, contudo não terão tido muita aceitação por parte dos populares, preferindo a de Campo. Assim sendo, o sentimento de pertença relativo à banda é bastante forte nas duas freguesias, pois sentem a instituição como uma parte integrante da identidade local. E será pela importância que a banda foi adquirindo no meio social, que a necessidade de adquirir novas instalações mais adaptadas ao ensino da música e ensaios se tornou uma necessidade premente.

Uma preocupação que a própria Junta de freguesia em conjunto com outras entidades públicas e privadas apoiou com uma comparticipação com cerca de 25 mil euros na construção do novo espaço do Espaço Musicultural de Campo, sede da banda. Alfredo Sousa faz uma referência às valências do próprio organismo em apoiar todas as coletividades, no entanto refere a antiguidade da banda no concelho como um fator primordial de consolidação, e ela é tanto apoiada pela Junta de Freguesia e a Câmara Municipal, como por empresas. Os apoios virão de contatos feitos a nível institucional com entidades privadas (parceria tácita), para resolver situações que de outra forma não seriam resolvidas.

Resolvida a questão da nova sede, através de projetos desenvolvidos pela Junta de Freguesia de caráter cultural e desportivo, realiza protocolos<sup>155</sup> com os professores de música que são membros da banda, os quais são renumerados. Uma aposta na formação musical das camadas jovens, sendo introduzido um ensino mais erudito. Refere o conceito conservador que ainda algumas pessoas atribuem às bandas de música, no entanto a sua opinião vai em sentido inverso. Reconhece a capacidade criativa de mudança através de espetáculos onde se inclui o canto e objetos não convencionais de uso diário. Para Alfredo Sousa, apoiar a instituição é apoiar a própria comunidade. A freguesia de Campo é uma localidade com uma grande zona industrial, com um “Porto Seco” único no Norte de Portugal, com uma boa rede viária e cerca de 170 empresas, algumas médias empresas com tecnologia de ponta, e, para Alfredo Sousa, o desemprego não é um problema, antes é um não problema. A conciliação dos interesses, nomeadamente os privados e da comunidade, tem em vista atingir uma melhoria da qualidade de vida das populações.

As ações de apoio mencionadas nos parágrafos anteriores, podem-se atribuir à evolução qualitativa da coletividade e à relevância social e cultural que tem no meio, aspetos que acabam por ser determinantes nas políticas educativas e culturais do poder local.

## 15.2. IGREJA

Após o período revolucionário de '74, a igreja tinha perdido grande parte da influência que exercia sobre a população de Campo. O papel de cumplicidade com o regime autoritário e conservador do Estado Novo, não terá granjeado simpatias e agrados por parte dos habitantes locais.

---

<sup>155</sup> A Câmara Municipal de Valongo ao abrigo de programas de dinamização e apoio à cultura, realiza igualmente protocolos com a Banda de Campo. Ver anexos, fig.14.

Assim sendo, como se iria construir uma nova relação entre a banda e a igreja? As festas e romarias religiosas eram um mercado necessário e faziam parte do reportório tradicional da coletividade. Segundo o Padre José Macedo, viveu-se um interregno nas festas e manifestações religiosas após o 25 de abril de 1974 que durou cerca de 15 a 20 anos, e as causas estariam ligadas ao recolhimento da igreja em relação aos movimentos revolucionários, ficando as ações públicas religiosas confinadas ao edifício.

A religiosidade popular e o não entendimento sobre essas formas de expressão mais progressista relacionada com os movimentos de esquerda e de solidariedade, como a implementação do PCP na freguesia, os quais marcam a sua influência na maioria das coletividades. Neste ponto, refere que “os padres fizeram um bom trabalho” no que concerne à construção de pontes de diálogo com as associações locais, marcadamente de esquerda.

Mas terá sido, o trabalho social da igreja no apoio às famílias mais carenciadas e assoladas pelo desemprego, como no caso da CIFA em 1983 e da Uniteca em 1989 que fecharam portas, aumentando o drama social na zona ao atingir dezenas de famílias, o que levou a um entendimento e ação mais progressista do próprio papel da igreja, tornando-a mais perto das pessoas.

“Os 1700 trabalhadores da Companhia Industrial de Fibras Artificiais e Sintéticas, S. A. R. L. — CIFA, situada em Valongo, há 8 meses que estão em luta pelo pagamento dos salários, pela garantia dos postos de trabalho, contra a repressão e retirada de direitos.

Com a luta realizada no passado mês de Janeiro, em que um trabalhador estranho à empresa foi assassinado quando a GNR carregou brutalmente sobre os trabalhadores, foi desbloqueado o processo que permitiu o pagamento de 3 meses de salários”.<sup>156</sup>

---

<sup>156</sup> <http://debates.parlamento.pt/catalogo/r3/dar/s2/03/01/003/1983-06-15?sft=true#p177>. Acedido em 25/10/2018.

Sanadas as diferenças e apaziguadas as divergências na freguesia, a banda e a igreja fortalecem laços de entendimento. Realizam concertos dentro do edifício, mediante licença eclesiástica, e todos os anos no dia de Reis, são convocadas as associações locais para irem cantar as janeiras, altura em que o pároco oferece um cálice de Porto e bolo-rei, e esta ação é vista como um fator integrador do tecido social e coletivo dentro da própria igreja. A banda de música fecha a cerimónia do dia de Reis, naquilo que já se tornou uma prática habitual.

As associações tiveram um papel fundamental no apoio à construção do Centro Social e o restauro da igreja, como na angariação de fundos e peditórios. Com o fundo de maneio da comissão de festas, dinheiro que sobrava, construiu-se uma nova capela. O reencontro da com a população com a igreja através da obra social, demonstra que os padres que surgiram após o período revolucionário têm uma visão mais progressistas da sociedade, atuando, conjuntamente com as associações locais, nos pontos mais sensíveis das preocupações sociais como o desemprego e o direito da população a viver condignamente.

### 15.3. EMPRESAS

Quem entra nas instalações da banda, observa que na entrada existe uma placa com os patrocinadores do espaço. Atualmente, existem filhos de trabalhadores das empresas a frequentar a banda, o que demonstra a importância relacional entre a banda e o mundo do trabalho. Assim sendo, qual a relação entre a banda e o tecido empresarial de Campo? Na realidade, a proximidade com o tecido produtivo está associada ao lado identitário do local. Com já referido, a construção das novas instalações do espaço musical, teve o apoio da Junta de Freguesia, Câmara Municipal de Valongo e fundos europeus.

Entretanto a nova sede teria a condicionante de ser construída com materiais que fossem representativos da região, nomeadamente a lousa.

A nível de outras empresas, o único protocolo que a banda tem é com a empresa Manuaço, onde os trabalhadores serão cerca de 80 funcionários, os quais usufruem de condições especiais no caso de os filhos quererem frequentar o ensino na escola de música.

A questão do trabalho como mencionado, tanto no passado como no presente é um dos fatores de maior importância na organização social da população de Campo, contudo reveste-se de outras dinâmicas.

## 16. CONCLUSÃO

“A narrativa histórica nasce do génio criativo. Não há documento que, do escrito às muitas oralidades, das várias imagéticas aos silêncios muitos resista com incólume soberania à sua necessária contextualização social, política, cultural ou económica, sendo apenas o cruzamento resultante a sugerir-nos cenários mais ou menos credíveis do que poderá ter acontecido no passado”. (CABRAL in Brandão 2011)

Aqui chegados, o trabalho desenvolvido procurou construir uma linha coerente sobre o percurso histórico da Banda de S. Martinho do Campo, concelho de Valongo. Na verdade, as maiores questões que se levantaram na realização da dissertação centraram-se no processo relacional do percurso da banda com a população local, a indústria, as questões demográficas e os diferentes períodos políticos. Elementos essenciais para a perceção e contextualização do objeto de estudo na pertença do lugar. Não se pretendeu seguir unicamente uma linha generalista dos acontecimentos sociais, económicos e políticos que ocorreram nos finais do século XIX, atravessando o século XX, mas sim contextualizá-los no espaço e no tempo, e compreender de que forma influenciaram as dinâmicas sociais de determinado lugar ou região.

O estudo pretendeu mostrar que as diversas estruturas orgânicas que compunham, e que de certo modo continuam a compor, a localidade de Campo, eram formas com características físicas reais, compostas por rostos, nomes e estruturas com propósitos definidos para o fim a que se destinavam, nomeadamente a influência que tiveram na construção da vida social, e como esse fator condicionou o desenvolvimento da vida dos habitantes da freguesia e da banda em particular. Um propósito que não teve a intenção de esmiuçar de forma tendenciosa as condições de vida miserabilista do lugar, ou da autocracia do poder, o que poderia originar uma visão maniqueísta decorrente

da própria estrutura social, afinal o conceito “os bons e os maus” era regra geral, um sentimento transversal a todo o tecido social, como foi amplamente abordado, fruto das conjeturas políticas, económicas e sociais de cada época retratada. Um conjunto de variáveis que foi necessário aprofundar através da recolha de documentação, entrevistas, idas ao terreno e pesquisa de bibliografia adequada ao tema.

A investigação não procurou seguir o estudo dos fundamentos da música em relação às bandas filarmónicas, ou mesmo aprofundar a natureza do surgimento das mesmas, reconhecendo-lhe, no entanto, a importância que tem no contexto histórico a elas associado. Uma intenção que foi exposta desde o início à direção da Banda de S. Martinho do Campo, ao descrever os objetivos e desígnios que eram propostos realizar através da dissertação. Não sou músico, mas compreendo o lado social da música, e neste caso a banda pode ser o meio de estudo da identidade de um lugar onde todos sem exceção interagem e relacionam-se. Uma pretensão bem-recebida e compreendida pelos membros associativos. Na verdade, eles próprios não viam as coisas de outra forma, um *outsider* manteria uma certa distância e imparcialidade na construção desse mesmo percurso da coletividade musical, e da própria comunidade, como o apoio tornou-se incondicional e de grande cooperação a todos os níveis.

É certo que existem assuntos que suscitaram controvérsia, contradições e mesmo a demonstração de emoções, nomeadamente nas relações de poder e quezílias internas expostas ao longo dos capítulos. Mas a história é feita destes matizes que conferem em muitos aspetos uma multiplicidade de questões e respostas, tornam-se necessárias, para não se tornar um “trabalho fechado”, mas aberto ao questionamento, à crítica e ao seu melhoramento.

Por último, assumo a pretensão de o trabalho ter cumprido os objetivos a que me propus realizar, deixando a ressalva de que ainda se podia fazer mais, dado a complexidade do tema. Foi um caminho longo com cerca de dois anos de recolha de informação, investigação, relacionamento com os habitantes locais e familiaridade com uma banda de música que, direta ou indiretamente,

com maior ou menor dificuldade, atravessou o tempo e resistiu até hoje; uma banda de gente humilde, de gente da mina; de homens que mal sabiam ler ou escrever, ou não o sabiam de todo, e aprenderam a tocar música, a funcionar em grupo, a serem solidários nessa mesma música como eram na mina que lhe dava o parco sustento, sabendo que se o não fossem, o trabalho perigava e a música não se tocava. Valeu a pena? Valeu pois.

## 17. BIBLIOGRAFIA

- ALEIXO, A. (2013). *ESTE LIVRO QUE VOS DEIXO...* (23ª ed., Vol. 1). Alfragide: CASA DAS LETRAS.
- AUGÉ, M. (1998). Não-Lugares. Introdução a uma antropologia da sobremodernidade. Em M. Augé, *Não-Lugares. Introdução a uma antropologia da sobremodernidade* (2ª ed.). Lisboa: Bertrand Editora.
- BESSA, R. (2009). AS BANDAS FILARMÓNICAS EM PORTUGAL - Contributos Para Um Enquadramento Histórico. Em G. M. [ORG.], *CRESCER NAS BANDAS FILARMÓNICAS, Um estudo sobre a construção da identidade musical de jovens portugueses*. Porto: Edições Afrontamento.
- BRANDÃO, F. (2011). Em F. d. Brandão, *1ª República Portuguesa, Uma Cronologia* (1ª ed., Vol. 1). SaintJosephAdemicPress.
- CABRAL, R. d. (2011). Apresentação. Em F. d. Brandão, *1ª República Portuguesa, Uma Cronologia* (1ª ed., Vol. 1). SaintJosephAdemicPress.
- CASTELO-BRANCO, S. (2010). ENCICLOPÉDIA DA MÚSICA EM PORTUGAL NO SÉCULO XX A-C. Em S. C.-B. (Dir.), *ENCICLOPÉDIA DA MÚSICA EM PORTUGAL NO SÉCULO XX A-C* (1.ª ed., pp. 108-109). Lisboa: Circulo de Leitores/Temas e Debates e Autores.
- GUIMARÃES, P. E. (2001). INDÚSTRIA E CONFLITO NO MEIO RURAL, Os mineiros alentejanos (1858-1938). Em P. E. Guimarães, *INDÚSTRIA E CONFLITO NO MEIO RURAL* (p. 366). Évora: Publicações do Cidehus, Edições Colibri.
- LEAL, A. P. (1874). *Portugal Antigo e Moderno, Dicionário*. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia.
- MOTA, G. (2009). *CRESCER NAS BANDAS FILARMÓNICAS, Um estudo sobre a construção da identidade musical de jovens portugueses*. Porto: Edições Afrontamento.
- PEREIRA, P., & Vasconcelos, S. d. (1978). A Salvação da República pela intervenção militar interna (1923). Em J. P. Pereira, *A PREPARAÇÃO*

*IDEOLÓGICA DA INTERVENÇÃO MILITAR DE 28 DE MAIO DE 1926*. Porto: AFRONTAMENTO.

- PINTO, G. A. (2007). Introdução. Em G. A. PINTO, *A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NO SÉCULO 20, Taylorismo, Fordismo e Toyotismo* (1.ª ed.). São Paulo-SP, Brasil: EXPRESSÃO POPULAR.
- REIS, J. A. (1904). A VILLA DE VALLONGO, Suas Tradições e História, Descrição, Costumes e Monumentos. Em J. A. Reis, *A VILLA DE VALLONGO*. Porto: Typographia Coelho, (a vapor).
- RIBEIRO, A. (2003). Histórias da Minha Terra. Em A. Ribeiro, *Histórias da Minha Terra*. Campo: Edição Própria.
- ROSAS, F. (1994). *História de Portugal Direcção de José Mattoso, O Estado Novo (1926-1974)* (Vol. 7º). Lisboa: Editorial Estampa.
- SELLERS, C. (1899). *Oporto Old and New, Record of The Port Wine Trade and a Tribute to British Commercial Enterprise in The North of Portugal*. London: Hebert E. Harper.
- VALENTE, J. C. (2010). PARA A HISTÓRIA DOS TEMPOS LIVRES EM PORTUGAL, da FNAT à INATEL (1935-2010). Em J. C. Valente, *PARA A HISTÓRIA DOS TEMPOS LIVRES EM PORTUGAL, da FNAT à INATEL (1935-2010)*. Lisboa: Edições Colibri/Fundação INATEL.

## 18. WEBGRAFIA

- ANDRESEN, e. a. (2018). *Relatório de Estudos Prévios*. Parque das Serras do Porto, Valongo-Gondomar-Porto. Obtido em 03 de 09 de 2018, de <http://serrasdoporto.pt/wp-content/uploads/2018/02/CAP6-Património-Cultural-PSeP-Estudos-Previos-Fev-2018.pdf>
- ANTUNES, M. L. ((s/d)). Vinte anos de emigração portuguesa: alguns dados e comentários. *Vinte anos de emigração portuguesa - Análise Social*. Obtido em 02 de 11 de 2018, de <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/122425715305iFM4jp3Cy32UN4.pdf>
- Bandas Filarmonicas. (s.d.). Obtido em 23 de 08 de 2018, de <http://www.bandasfilarmonicas.com/>:  
[http://www.bandasfilarmonicas.com/cpt\\_bandas/sociedade-filarmonica-operaria-amorense/](http://www.bandasfilarmonicas.com/cpt_bandas/sociedade-filarmonica-operaria-amorense/)
- CETENSE, A. d. (s.d.). *Sobre Nós*. Obtido em 15 de 09 de 2018, de Banda de Música de Cête: <http://www.bandamusicacete.com/sobrenos.html>
- FERRARIA, M. (2000). *Percursos burgueses na cidade do Porto : 1910-1926*. (P. [. autor], Ed.) Obtido em 03 de 09 de 2018, de [http://hdl.handle.net/10216/18576:file:///C:/Users/ESE/Downloads/3771TM01CMariaJosdeSousaFerraria000080471%20\(2\).pdf](http://hdl.handle.net/10216/18576:file:///C:/Users/ESE/Downloads/3771TM01CMariaJosdeSousaFerraria000080471%20(2).pdf)
- GUIMARÃES, P. E. (2001). *Industria e Conflito no Meio Rural, A organização do trabalho mineiro*. Em P. E. Guimarães, *Industria e Conflito no Meio Rural* (pp. 149-176). Évora: Publicações do Cidehus. Obtido em 22 de 09 de 2018, de <https://books.openedition.org/cidehus/119>
- GUIMARÃES, P. E. (2001). *Industria e Conflito no Meio Rural, A organização do trabalho mineiro*. Em P. E. Guimarães, *Industria e Conflito no Meio Rural* (pp. 149-176). Évora: Publicações do Cidehus. Obtido em 22 de 09 de 2018, de <https://books.openedition.org/cidehus/119>
- MOREIRA, J. M. (2008). *Pensamento liberal em Portugal*. Em J. M. Moreira, *Pensamento liberal em Portugal* (Vol. 25, pp. 177-197). Centro de História da Cultura. doi:10.4000/cultura.687

- PIMENTEL, I. (12 de 07 de 2012). *JUGULAR*. Obtido em 06 de 11 de 2018, de <https://jugular.blogs.sapo.pt>:  
<https://jugular.blogs.sapo.pt/3300875.html>
- PORTO, A. d. (2016). *Património Cultural - Parque das Serras do Porto*. (A. d. Porto, Ed.) Obtido em 22 de 10 de 2018, de <http://serrasporto.valongo.pt/>: [http://serrasporto.valongo.pt/wp-content/uploads/2018/01/livro\\_serras-porto\\_junho2017.pdf](http://serrasporto.valongo.pt/wp-content/uploads/2018/01/livro_serras-porto_junho2017.pdf)
- ROCHA, F. C. (10 de 29 de 2018). <https://aov.blogs.sapo.pt/>. Obtido em 03 de 09 de 2018, de Luta de Classes: <https://aov.blogs.sapo.pt/524275.html>
- SERRALVES. (2014). *O Processo SAAL Arquitetura e participação 1974–1976 - Serralves*. Obtido em 07 de 11 de 2018, de [www.serralves.pt](http://www.serralves.pt):  
[http://www.serralves.pt/documentos/RoteirosExposicoes/RoteiroSAAAL\\_AF.pdf](http://www.serralves.pt/documentos/RoteirosExposicoes/RoteiroSAAAL_AF.pdf)
- TINTO, B. d. (s.d.). *Anos de história, escritos em lágrimas e sorrisos...* Obtido em 25 de 09 de 2018, de Banda de Rio Tinto, Banda S. Cristóvão de Rio Tinto: <https://www.bandaderiotinto.com/sobre-nos/>
- UON. (25 de 11 de 2011). Luta Entre Classes. *A greve geral de 1918*. Obtido em 26 de 08 de 2018, de [aov.blogs.sapo.pt](https://aov.blogs.sapo.pt/):  
<https://aov.blogs.sapo.pt/524275.html>

## 19. FONTES HEMEROGRÁFICAS

- CARVALHO, J. S. (10 de 09 de 2011). Revista Educação. Obtido em 05 de 11 de 2018, de <http://www.revistaeducacao.com.br/>:<http://www.revistaeducacao.com.br/o-conceito-de-ensino/>
- Farol da Nossa Terra: Banda Filarmónica de Carviçais visitou Beijós. (05 de 06 de 2012). *Farol da Nossa Terra*. Obtido em 02 de 09 de 2018, de <http://www.faroldanossaterra.net/2012/06/05/banda-filarmonica-de-carvicais-visitou-beijos/>
- GUIMARÃES, J. D. (Ed.). (23 de Agosto de 1890). James Coverley & C<sup>a</sup>. *Jornal do Porto*(Anúncio). Obtido em 25 de 09 de 2018, de [http://purl.pt/14338/1/j-822-g\\_1890-08-29/j-822-g\\_1890-08-29\\_item2/j-822-g\\_1890-08-29\\_PDF/j-822-g\\_1890-08-29\\_PDF\\_24-C-R0150/j-822-g\\_1890-08-29\\_0000\\_1-4\\_t24-C-R0150.pdf](http://purl.pt/14338/1/j-822-g_1890-08-29/j-822-g_1890-08-29_item2/j-822-g_1890-08-29_PDF/j-822-g_1890-08-29_PDF_24-C-R0150/j-822-g_1890-08-29_0000_1-4_t24-C-R0150.pdf)
- IMPORTANTE DEPOSITO DE VINHOS. (1882). *O COMÉRCIO DO PORTO*(Anuncio), 4. Obtido de <https://arquivo.cm-gaia.pt/objects/cmg%3A146352/full/JornalOComrciodoPortode02deju lhode1882.pdf>
- Jornal de Noticias: Banda musical de São Martinho do Campo respira juventude. <https://www.jn.pt/local/especial-patrocinado/interior/banda-musical-de-sao-martinho-do-campo-respira-juventude-9294678.html>
- Jornal Novo de Valongo. <http://www.jornalnovoregional.pt/2018/07/banda-de-campo-ganha-concurso-internacional-no-luxemburgo/>
- JUNIOR, M. S. (Ed.). (28 de Fevereiro de 1857). Para Nova York. *O Comércio do Porto*, 3. Obtido em 25 de 09 de 2018, de <https://arquivo.cm-gaia.pt/objects/cmg%3A142505/full/JornalOComrciodoPortode28defe vereirode1857.pdf>

Maria Eugénia, a mulher à frente de um império de rocha – Público.  
<https://www.publico.pt/2016/10/09/portugal/noticia/a-empresaria-que-resgatou-as-ardosias-para-maos-nacionais-1745829>

MARQUES, J. M. (11 de 08 de 2016). As penas de lousa (lápiz de lousa) escolares. *Jornal Novo de Valongo*, 12. Obtido em 2018

SACHULK, A. e. (2007).  
<https://www.revistas.usp.br/rege/article/download/36590/39311>.  
Obtido de [https://www.revistas.usp.br:](https://www.revistas.usp.br:file:///C:/Users/ESE/Downloads/36590-Texto%20do%20artigo-43127-1-10-20120808%20(1).pdf)  
[file:///C:/Users/ESE/Downloads/36590-Texto%20do%20artigo-43127-1-10-20120808%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/ESE/Downloads/36590-Texto%20do%20artigo-43127-1-10-20120808%20(1).pdf)

SOUSA, M. (10 de 06 de 2018). *Verdadeiro Olhar.pt*. Obtido em 15 de 08 de 2018,  
de [https://verdadeiroolhar.pt/:](https://verdadeiroolhar.pt/)  
<https://verdadeiroolhar.pt/2018/07/10/banda-musical-sao-martinho-campo-ganha-concurso-internacional-no-luxemburgo/>

## 20. FONTES ARQUIVÍSTICAS

Arquivo Distrital do Porto. <http://www.adporto.dglab.gov.pt/>

Arquivo Histórico Municipal | CM Valongo. [https://www.cm-valongo.pt/frontoffice/pages/502?poi\\_id=14](https://www.cm-valongo.pt/frontoffice/pages/502?poi_id=14)

Arquivo Municipal do Porto. <http://gisaweb.cm-porto.pt/topics/2406/documents/>

Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner. <https://arquivo.cm-gaia.pt/>

BRANCO, J. A. (2013). Uma abordagem histórica dos padrões de rendimento mínimo em Portugal. Em J. A. Branco, *Do Corporativismo ao Estado Social Democrático* (pp. 55-84). doi:10.4000/lerhistoria.671

EPHEMERA – Biblioteca e arquivo de José Pacheco Pereira. <https://ephemerajpp.com/>

FONTES, P. F. (2008). <https://repositorio.ucp.pt>. Obtido em 23 de 10 de 2018, de <http://hdl.handle.net/10400.14/4521>: [https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/4521/1/LS\\_S2\\_19-20\\_PauloFontes.pdf](https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/4521/1/LS_S2_19-20_PauloFontes.pdf)

Fundação Mário Soares | Index. <http://www.fmsoares.pt/>

Hemeroteca Digital - O Comércio do Porto. <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt>

LEAL, A. (1882). *Portugal antigo e moderno : dicionario geographico, estatistico, chorographico, heraldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias* (Vol. X). Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Cardosos. Obtido em 02 de 09 de 2018, de [https://archive.org/details/gri\\_33125005925298/page/n7](https://archive.org/details/gri_33125005925298/page/n7)

PATRIARCA, F. (1991). A Institucionalização Corporativa, Das Associações de classe aos sindicatos nacionais (1933). Em F. Patriarca, *A Institucionalização Corporativa* (Vol. XXVI, pp. 23-58). *Análise Social*. Obtido em 12 de 09 de 2018, de <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223038027T4bWC0qa6Zg5>

3ZG0.pdf:

<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223038027T4bWC0qa6Zg53ZG0.pdf>

PATRIARCA, F. (1994). A regulamentação de trabalho nos primeiros anos do regime corporativo. Em F. Patriarca, *A regulamentação de trabalho nos primeiros anos do regime corporativo* (Vol. XXIX, pp. 801-839). *Análise Social*. Obtido em 24 de 08 de 2108, de <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223377776Z4vYK1vm4TI46TS4.pdf>

QUINTAS, A. (2013). As grandes empresas portuguesas e estrangeiras na exploração do Mármore do Anticlinal de Estremoz no século XX. Évora: CIDEHUS, UÉ. Obtido de <https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/19861/1/armando%20pedreiras%20acis.pdf>

Registos paroquiais portugueses para genealogia. <https://tombo.pt/>

REIS, J. (1979). A «Lei da Fome»: as origens do protccionismo cerealífero. Em J. Reis, *A «Lei da Fome»: as origens do protccionismo cerealífero* (Vol. XV, pp. 745-793). *Análise Social*. Obtido em 03 de 09 de 2018, de <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223990341R5sVH2pa1Ra60EQ7.pdf>

REIS, J. (1987). A industrialização num país de desenvolvimento lento e tardio: Portugal, 1870 - 1913. Em J. Reis, *A industrialização num país de desenvolvimento lento e tardio: Portugal, 1870 - 1913* (Vol. XXIII, pp. 207-227). *Análise Social*. Obtido em 29 de 09 de 2018, de <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223990341R5sVH2pa1Ra60EQ7.pdf>

SILVA, B. P. (2014). <http://www.cepese.pt/portal/pt/publicacoes/obras/cartas-de-chamada-a-dimensao-familiar-da-emigracao>. (CEPSE, Editor) Obtido em 09 de 04 de 2018, de <http://www.cepese.pt:file:///C:/Users/Pedro%20Rocha/Downloads/Cartas%20de%20Chamada.%20A%20dimens%C3%A3o%20familiar%20da%20emigra%C3%A7%C3%A3o.pdf>

SILVA, G. L. (2017). *repositorio-aberto.up.pt*. Obtido em 25 de 10 de 2018, de <https://repositorio-aberto.up.pt>: <http://hdl.handle.net/10216/108428>

VEIGA, T. R. (2004). As migrações internas. Em T. R. Veiga, *A População Portuguesa no Século XIX* (893 ed.). Porto: CEPESE e Edições Afrontamento Lda. Obtido em 28 de 08 de 2018, de <file:///C:/Users/ESE/Downloads/A%20Popula%C3%A7%C3%A3o%20Portuguesa%20no%20s%C3%A9culo%20XIX.pdf>

VIEIRA, A. (Dezembro de 2007). <https://bibliotecadigital.ipb.p>. Obtido em 15 de 11 de 2018, de Minas Carvão S. Pedro da Cova AVieira.pdf - Biblioteca Digital do IPB: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/7795/1/Minas%20Carv%C3%A3o%20S.%20Pedro%20da%20Cova%20AVieira.pdf>

## 21. FONTES LEGISLATIVAS

- DGEG – Direção-Geral de Energia e Geologia.  
<http://www.dgeg.gov.pt/?cn=68917054AAAAAAAAAAAAAAAAAAAA>
- Debates Parlamentares - Diário 104, p. 75 (1955-12-06).  
<http://debates.parlamento.pt/catalogo/r2/dan/01/06/03/104/1955-12-06?sft=true>
- Debates Parlamentares - Diário 211, p. 595 (1961-04-19).  
<http://debates.parlamento.pt/catalogo/r2/dan/01/07/04/211/1961-04-19?sft=true>
- Debates Parlamentares - Diário 173, p. 4249 (1965-01-13).  
<http://debates.parlamento.pt/catalogo/r2/dan/01/08/04/173/1965-01-13?sft=true#p4267>
- Debates Parlamentares - Diário 175, p. 4285 (1965-01-15).  
<http://debates.parlamento.pt/catalogo/r2/dan/01/08/04/175/1965-01-15?sft=true>
- Debates Parlamentares - Diário 199, p. 4719 (1965-04-07).  
<http://debates.parlamento.pt/catalogo/r2/dan/01/08/04/199/1965-04-07?sft=true>
- Debates Parlamentares - Diário 003, p. 177 (1983-06-15).  
<http://debates.parlamento.pt/catalogo/r3/dar/s2/03/01/003/1983-06-15?sft=true#p178~>

## 22. FONTES ESTATISTICAS

- 1864 – 1 de janeiro (I Recenseamento Geral da População)  
[https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos\\_historia\\_pt\\_1864](https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos_historia_pt_1864)
- 1878 - 1 de Janeiro (II Recenseamento Geral da População).  
[https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos\\_historia\\_pt\\_1878](https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos_historia_pt_1878)
- 1890 - 1 de Dezembro (III Recenseamento Geral da População).  
[https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos\\_historia\\_pt\\_1890](https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos_historia_pt_1890)
- 1900 - 1 de Dezembro (IV Recenseamento Geral da População).  
[https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos\\_historia\\_pt\\_1900](https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos_historia_pt_1900)
- 1911 - 1 de Dezembro (V Recenseamento Geral da População).  
[https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos\\_historia\\_pt\\_1911](https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos_historia_pt_1911)
- 1920 - 1 de Dezembro (VI Recenseamento Geral da População).  
[https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos\\_historia\\_pt\\_1920](https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos_historia_pt_1920)
- 1920 - 1 de Dezembro (VI Recenseamento Geral da População).  
[https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos\\_historia\\_pt\\_1920](https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos_historia_pt_1920)
- 1930 - 1 de Dezembro (VII Recenseamento Geral da População).  
[https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos\\_historia\\_pt\\_1930](https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos_historia_pt_1930)
- 1940 - 12 de Dezembro (VIII Recenseamento Geral da População).  
[https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos\\_historia\\_pt\\_1940](https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos_historia_pt_1940)

- 1950 - 15 de Dezembro (IX Recenseamento Geral da População).  
[https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos\\_historia\\_pt\\_1950](https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos_historia_pt_1950)
- 1960 - 15 de Dezembro (X Recenseamento Geral da População).  
[https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos\\_historia\\_pt\\_1960](https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos_historia_pt_1960)
- 1970 - 15 de Dezembro (XI Recenseamento Geral da População) (I Recenseamento Geral da Habitação).  
[https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos\\_historia\\_pt\\_1970](https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos_historia_pt_1970)
- 1981 - 16 de Março (XII Recenseamento Geral da População) (II Recenseamento Geral da Habitação).  
[https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos\\_historia\\_pt\\_1981](https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos_historia_pt_1981)
- 1991 - 15 de Abril (XIII Recenseamento Geral da População) (III Recenseamento Geral da Habitação).  
[https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos\\_historia\\_pt\\_1991](https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos_historia_pt_1991)
- 2001 - 12 de Março (XIV Recenseamento Geral da População) (IV Recenseamento Geral da Habitação).  
[https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos\\_historia\\_pt\\_2001](https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos_historia_pt_2001)
- 2011 – 21 de Março (XV Recenseamento Geral da População) (V Recenseamento Geral da Habitação).  
[https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos\\_historia\\_pt](https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos_historia_pt)
- Território e População. CMV. <https://www.cm-valongo.pt/cmvalongo/uploads/document/file/971/5492b66c0abc7.pdf>

## 23. FONTES ORAIS

ABREU, Salomão, nasceu em 22 de dezembro de 1969. Foi maestro da Banda de Campo no período de 2005/09. Entrevista realizada em 22/04/2017.

BENIDO, Jorge, nasceu em 1976. Presidente da Direção da Banda Musical de S. Martinho do Campo, concelho de Valongo. Entrevista realizada em: 20/01/2018.

BOTELHO, Joaquim, nasceu em 1974. Foi maestro da Banda de Campo no período de 2009/12. Entrevista realizada em 20/01/2018.

CARVALHO, António, nasceu a 18 de abril de 1925. Foi músico da primeira formação da Banda de Campo. Entrevista realizada em: 01/07/2017.

CUNHA, António, nasceu em 18 de novembro de 1949. Foi maestro na Banda de Campo no período de 2000/05. Entrevista realizada em 22/04/2017.

FERREIRA, José Comércio Teixeira, nasceu em 11 de janeiro de 1957. Neto do fundador e foi músico da Banda de Campo. Entrevista realizada em 22/07/2018.

FILIPE, Marco, nasceu em 16 de agosto de 1982. Maestro na Banda de Campo desde 2012. Entrevista realizada em 04/10/2017

FONTES, Maria, nasceu em 1950. Foi dos primeiros membros femininos a ingressar a Banda de Campo, entre 1971/72. 2 Entrevista realizada em 22/04/2017,

MACEDO, José Manuel, nasceu em 23 de novembro de 1957. Pároco de S. Martinho do Campo e Assistente Diocesano da LOC/MTC. Entrevista realizada em 28/06/2017.

MATOS, Rui de Lencastre Nunes. Presidente do Conselho de Administração da Companhia das Lousas de Valongo. Entrevista realizada em 26/01/2018.

RIBEIRO, Adriano, nasceu a 20 de março de 1949. Entrevista realizada em: 17/06/2017.

SANTOS, Júlio, nasceu em 1943. Foi maestro da Banda de Campo no período de 1990/95. Entrevista realizada em 11/11/2017.

SOUSA, Alfredo. Presidente da Junta de Freguesia de Campo e Sobrado. Entrevista realizada em 19/04/2017.

TEIXEIRA, Manuel Ferreira, nasceu em 22 de abril de 10 de junho de 1938. Foi maestro na Banda de Campo no período de 1981/90. Entrevista realizada em 22/04/2017.

## 24. ANEXOS

### 24.1. INDICE DE FIGURAS

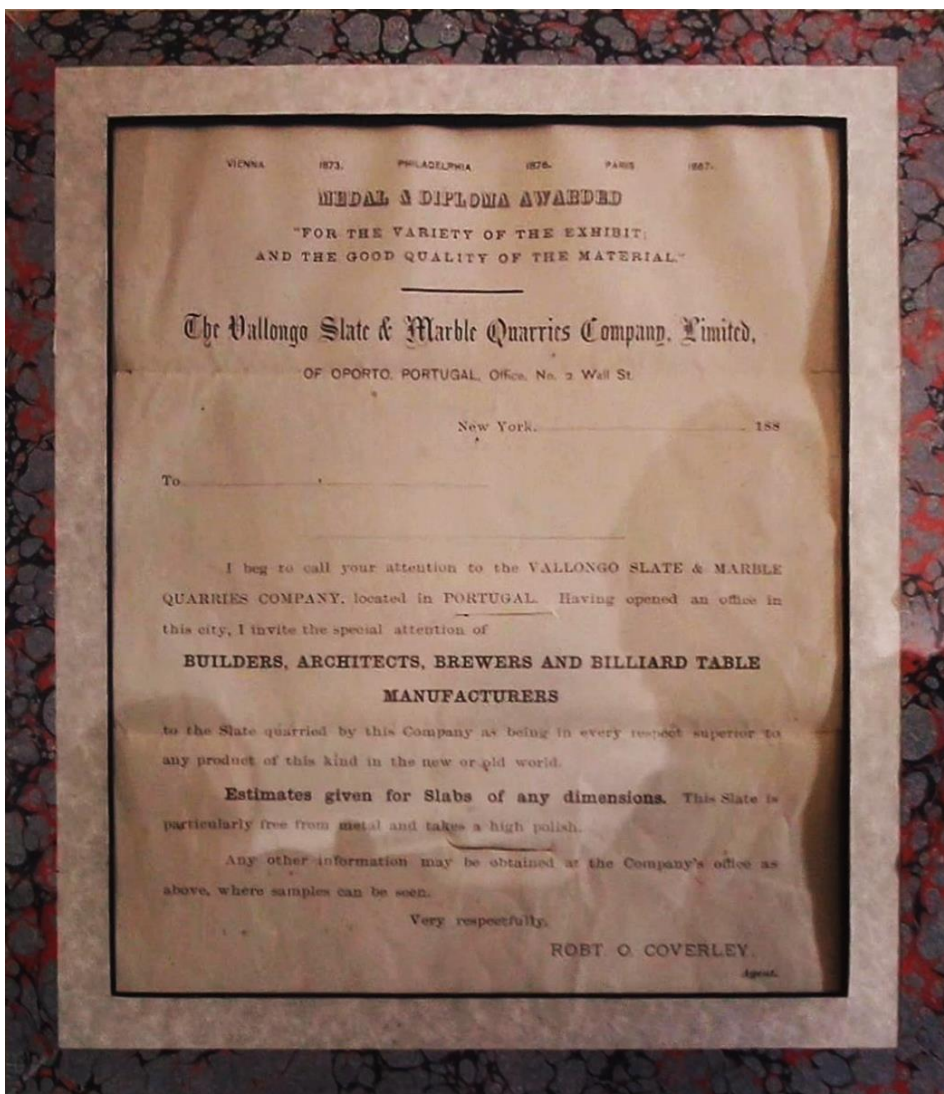


Figura 1

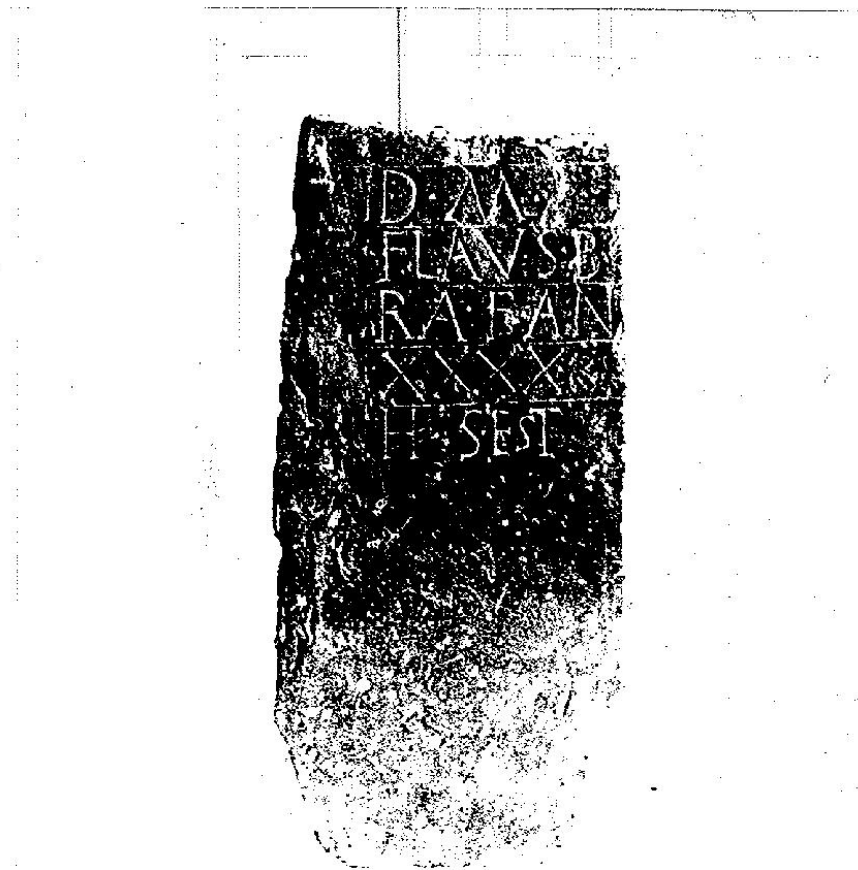


Fig. 5. Epigrafe proveniente de Valongo, no Museu Soares dos Reis (Porto).

299

Silva, 1984: A. C. Ferreira da Silva, Aspectos da proto-história e romanização no concelho de Vila Nova de Gaia e problemática do seu pensamento, *Gaya*, 1984, 39-58.

Silva, 1986: A. C. Ferreira da Silva, *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira, 1986, pag. 287

Domergue, 1990: Claude Domergue, *Les Mines de la Péninsule Ibérique dans l'Antiquité Romaine*, Ecole Française de Rome, Palais Farnèse, 1990.

p. 310

Cards from Hispania Epigraphica, Valongo, Valongo, Portugal = HEpOI 23338

Figura 2



*Figura 3*

Município de Louisa - Inglaterra



S.R. 33



POLICIA INTERNACIONAL  
E DE DEFESA DO ESTADO



Corr. fidei.  
Tray. a def.  
11/2/64

- INFORMAÇÃO -

S.R.

Sobre o Sindicato Nacional dos Mineiros de Louisa e Ofícios Correlativos do Distrito do Porto, com sede em Valongo, e em cumprimento do despacho exarado na nota junta, cumprimento-me informar V.Exª. do seguinte:

Novas diligências  
na cidade de V.  
Saber qual se  
a situação pu-  
re

O motivo porque ainda não se legalizou a situação dos membros elitos para o triénio 1963/65 deve-se em parte, a meu ver, ao facto dos membros da direcção anterior, ainda em exercício, não terem dado cumprimento a um officio do I.N.T. desta cidade, datado de Maio do ano findo, no qual lhes pedia o envio duma lista com os dados de identificação dos individuos elitos em 28 de Fevereiro do mesmo ano.

13-5-64

Em resposta a direcção do Sindicato informou aquele Organismo não ser possível dar cumprimento ao solicitado em virtude do mesmo ainda não se ter pronunciado sobre o protesto apresentado em devido tempo, referente às irregularidades verificadas no acto eleitoral.

Parece que o encarregado dos serviços do Sindicato, [redacted], uma das pessoas que mais influência teve nas alterações feitas à última hora no elenco a eleger, sem conhecimento da direcção entregou particularmente no Instituto a relação dos eleitos e houve ali quem lhe desse assistência pois há dias a mesma foi recebida na Câmara Municipal de Valongo a fim de ser prestada a informação moral e política dos

Figura 4

indivíduos nela contidos. Verifica-se assim que um simples empregado do Sindicato, sem que a direcção o saiba, faz aquilo que muito bem entende. E as coisas estão neste ponto. Enquanto os novos corpos gerentes não forem sancionados, se é que as eleições não forem anuladas, os anteriores continuam nos lugares e o assunto presta-se realmente a discussões e comentários, uns favoráveis àqueles e outros a estes.

Deve-se entretanto realçar mais uma vez o interesse que o [redacted] tem em que a nova direcção tome conta do lugar e de cujo presidente eleito é muito amigo. É ele J. [redacted], elemento de idoneidade política muito suspeita e que ali foi colocado por indivíduos de tendências esquerdistas, devendo-se mencionar muito especialmente [redacted], já com cadastro nesta Polícia, e também o próprio [redacted].

Porto, 11 de Fevereiro de 1964

O agente,

*Michael A. Byalle*

Figura 4



*Figura 5*

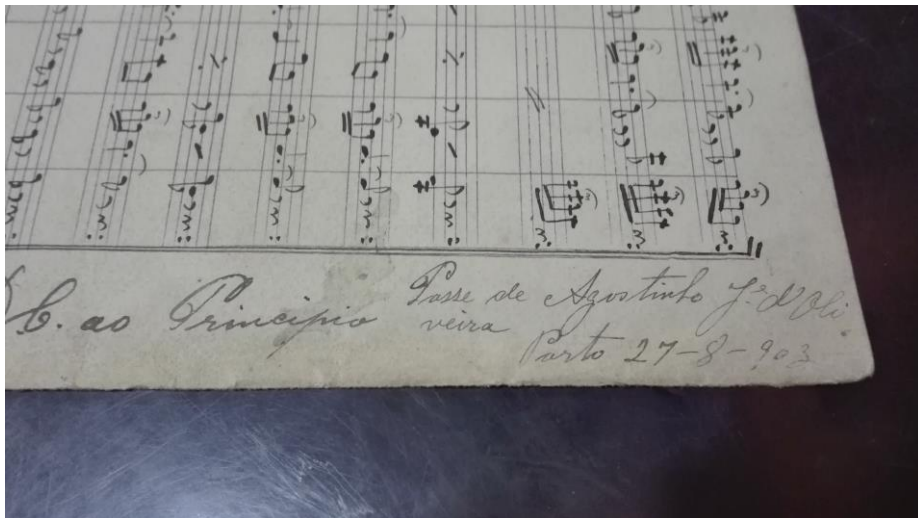
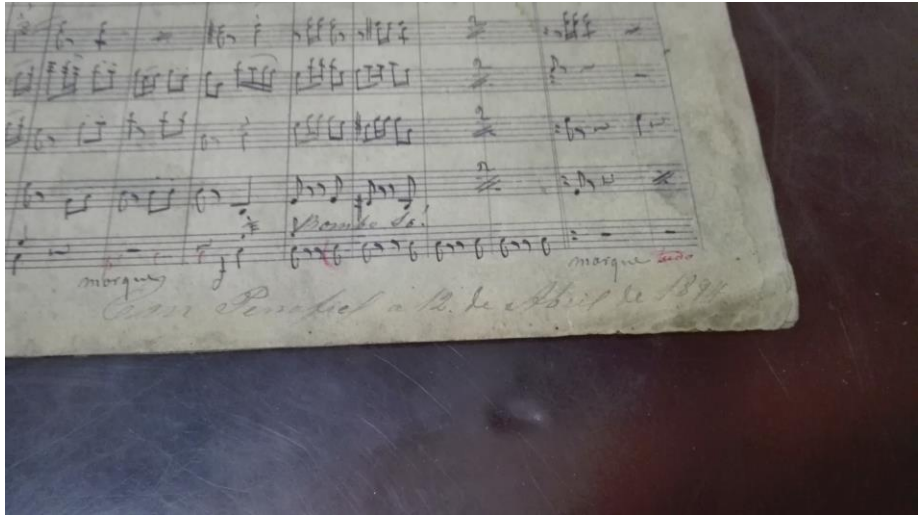


Figura 6

## 4.º

Todos os sócios são gerentes, com dispensa de caução, e serão ou não remunerados, conforme o que for deliberado em assembleia geral; porém, para obrigar a sociedade são necessárias as assinaturas de, pelo menos, dois gerentes, bastando a assinatura de um só nos actos de mero expediente.

§ 1.º É expressamente proibido aos gerentes obrigar a sociedade em actos ou contratos estranhos aos negócios sociais, tais como fianças, abonações ou letras de favor.

§ 2.º Qualquer dos gerentes poderá delegar todos ou parte dos seus poderes noutro gerente ou em pessoa estranha, neste caso com autorização da sociedade, mediante a respectiva procuração.

## 5.º

Não serão exigíveis prestações suplementares de capital, mas qualquer dos sócios poderá fazer à sociedade os suprimentos de que ela carecer, depois de fixadas em assembleia geral as condições no que respecta a prazo, forma de reembolso e taxa de juro.

## 6.º

No caso de incapacidade total ou parcial por acidente de trabalho de qualquer sócio, a sociedade fica obrigada ao pagamento actualizado do vencimento de pleno direito, sem prejuízo das indemnizações a que o sócio tiver direito.

## 7.º

A cessão, total ou parcial, de quotas entre os sócios é livre, ficando para o efeito desde já autorizada a sua divisão; na cessão de quotas a estranhos a sociedade em primeiro lugar e depois os sócios terão direito de preferência.

§ único. Se houver mais de um sócio preferente, dividirão entre si a quota que for objecto da preferência, na proporção das quotas que então tiverem.

## 8.º

No caso de falecimento ou interdição de qualquer dos sócios, os seus herdeiros ou representantes legais continuarão na sociedade por intermédio de um só que a todos represente.

## 9.º

Quando a lei não exigir outras formalidades, as reuniões da assembleia geral serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios com, pelo menos, quinze dias de antecedência.

Está conforme ao original.

Cartório Notarial de Tondela, 5 de Janeiro de 1979. — O Segundo-Ajudante, *Mário Eduardo Rodrigues de Matos*. 1-0-2560

## ANDRESITO — ACTIVIDADES HOTELEIRAS, L.ª

Certifico que, por escritura de 9 de Fevereiro de 1979, lavrada de fl. 26 v.º a fl. 28 do livro de notas n.º 646-E do Cartório Notarial de Oeiras, foi constituída entre Ilídio Duarte de Almeida e na del Carmen Herrera Fernandez de Almeida uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

## 1.º

A sociedade adopta a denominação de Andresito — Actividades Hoteleiras, L.ª, tem a sua sede na Rua de 31 de Janeiro, 3, na Parede, concelho de Cascais, o dia de hoje o seu início e durará por tempo indeterminado.

## 2.º

O seu objecto consiste no exercício da exploração de *snack-bar*, pastelaria, cervejaria, café e restaurante ou no de qualquer outra actividade comercial ou industrial em que os sócios acordem e seja legal.

## 3.º

O capital social é de 100 000\$, está integralmente realizado, em dinheiro, e corresponde à soma das quotas dos sócios, sendo uma de 80 000\$, do sócio Ilídio Duarte de Almeida, e uma de 20 000\$, da sócia Ana del Carmen Herrera Fernandez de Almeida.

## 4.º

As cções de quotas a estranhos dependem do consentimento dos demais sócios.

## 5.º

Por deliberação da assembleia geral, tomada por maioria dos votos correspondentes à totalidade do capital social, poderão ser exigíveis prestações suplementares de capital, na proporção das

quotas dos sócios, podendo estes fazer à sociedade os suprimentos de que ela carecer, nos termos e condições também a fixar em assembleia geral.

## 6.º

A gerência, dispensada de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral, pertence exclusivamente ao sócio Ilídio Duarte de Almeida, que fica desde já nomeado gerente, sendo, por isso, necessária e suficiente a sua intervenção para obrigar a sociedade em todos os seus actos e contratos e para a representar em juízo e fora dele, activa e passivamente.

§ único. O referido gerente poderá delegar em quem entender e por meio de procuração os seus poderes de gerência e de representação social.

## 7.º

Quando a lei não exigir outras formalidades, as reuniões da assembleia geral serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios com oito dias, pelo menos, de antecedência.

Está conforme com o original, no qual nada há em contrário ou além do que se narra ou transcreve.

Cartório Notarial de Oeiras, 9 de Fevereiro de 1979. — O Primeiro-Ajudante, *José Coelho Monsterrae*. 1-0-2418

## BANDA MUSICAL DE SÃO MARTINHO

Certifico que, por escritura lavrada em 25 de Agosto de 1978, de fl. 30 v.º a fl. 32 do livro n.º 62-A de escrituras diversas do Cartório Notarial de Valongo, foi constituída uma associação, a qual passou a ser regida pelos seguintes estatutos:

## ARTIGO 1.º

A associação denomina-se Banda Musical de São Martinho, tem a sua sede no lugar da Quinta de Cima, da freguesia de Campo, deste concelho de Valongo, e tem por objecto manter uma banda de música, recreio e convívio dos seus associados.

## ARTIGO 2.º

Os associados obrigam-se ao pagamento de uma jóia inicial e de uma quota mensal fixada e alterável por deliberação da assembleia geral.

## ARTIGO 3.º

Será sócio aquele que for proposto por outro sócio, adquirindo tal qualidade, com as regalias inerentes, depois de aprovada a sua admissão em reunião da direcção.

## ARTIGO 4.º

São órgãos da associação Banda Musical de São Martinho a mesa da assembleia geral, a direcção e o conselho fiscal.

## ARTIGO 5.º

A assembleia geral é o órgão soberano da associação e será constituída pelos sócios efectivos que estejam no pleno gozo dos seus direitos.

## ARTIGO 6.º

Serão membros da mesa da assembleia geral um presidente, um secretário e um vogal, reunindo a assembleia geral sempre que seja solicitada por mais de cinco sócios no pleno uso dos seus direitos e ordinariamente uma vez por ano, sendo a primeira de cada ano até 20 de Janeiro.

## ARTIGO 7.º

A direcção é composta por cinco associados, eleitos anualmente, e compete-lhe a gerência social, administrativa, financeira e disciplinar, devendo reunir quinzenalmente.

## ARTIGO 8.º

O conselho fiscal é composto por três associados e compete-lhe fiscalizar os actos administrativos e financeiros da direcção, verificar as suas contas e relatórios e dar parecer sobre os actos que impliquem o aumento das despesas ou diminuição das receitas sociais. O conselho fiscal reunirá ao menos uma vez de dois em dois meses.

## ARTIGO 9.º

No que estes estatutos sejam omissos rege o regulamento geral interno, cuja aprovação é da competência da assembleia geral.

Está conforme o original na parte transcrita, o que certifico.  
Cartório Notarial de Valongo, 20 de Outubro de 1978. — A Ajudante, *Ana Catarina Paiva Dias Vale*. 1-6-205

Figura 7

## PARTE C

### PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

Gabinete do Secretário de Estado da Presidência do Conselho de Ministros

Despacho n.º 7996/2012

#### Declaração de utilidade pública

A Banda Musical de S. Martinho, pessoa coletiva n.º 500859809, com sede na Rua dos Fominhos, 74, Valongo, Porto, vem prestando, desde a sua fundação, em 29 de janeiro de 1929, relevantes serviços, à comunidade em geral, no tocante ao fomento da cultura, através da promoção da música, atuando nas mais variadas festividades, romarias, celebrações religiosas, concertos e outros.

Para além da Banda Musical, a associação tem em atividade um grupo coral e uma orquestra ligeira, a Orquestra Ligeira de Campo. A Câmara Municipal de Valongo atribuiu-lhe também um espaço para desenvolvimento de uma escola de música, propondo-se, no futuro, desenvolver o ensino da música em articulação com as escolas locais.

Na prossecução dos seus fins, coopera com as mais diversas entidades e com a administração local, nomeadamente a Câmara Municipal de Valongo, com a qual tem celebrado múltiplos protocolos de colaboração.

Por estes fundamentos, conforme exposto na informação DAJD/171/2012, do processo administrativo n.º 125/UP/2011, instruído na Secretaria-Geral da Presidência do Conselho de Ministros, e no uso dos poderes que me foram delegados pelo Primeiro-Ministro através do despacho n.º 9162/2011, de 15 de julho, publicado no *Diário da República*, 2.ª série, n.º 138, de 20 de julho de 2011, declaro a utilidade pública da Banda Musical de S. Martinho, nos termos do Decreto-Lei n.º 460/77, de 7 de novembro, com a redação dada pelo Decreto-Lei n.º 391/2007, de 13 de dezembro.

Não obstante, a associação deverá ficar ciente de que enquanto os pagamentos a músicos envolverem uma proporção considerável dos seus proventos poderá estar em causa uma eventual isenção de IRC.

24 de maio de 2012. — O Secretário de Estado da Presidência do Conselho de Ministros, *Luis Maria de Barros Serra Marques Guedes*, 9682012

Despacho n.º 7997/2012

#### Declaração de utilidade pública

A Associação de Pais da Escola Básica Casal da Barôta, pessoa coletiva n.º 504789082, com sede na Rua da Padeira de Aljubarrota, Escola n.º 6 de Belas, vem prestando, desde 15 de janeiro de 1999, relevantes e continuados serviços à comunidade em geral, no tocante à defesa e promoção dos interesses dos associados no que respeita à educação e ensino dos seus filhos, dos alunos do pré-escolar e do ensino básico, no âmbito da componente de apoio à família (CAF). Na prossecução dos seus fins, coopera sobretudo com a Administração local, nomeadamente a Câmara Municipal de Sintra, com a qual tem vindo a celebrar protocolos de colaboração.

Para além dos pressupostos e requisitos fixados no Decreto-Lei n.º 460/77, de 7 de novembro, na sua atual redação, comprovou preencher também os requisitos especiais previstos no n.º 2 do artigo 15.º-A do Decreto-Lei n.º 372/90, de 27 de novembro, aditado pela Lei n.º 29/2006, de 4 de julho.

Por estes fundamentos, conforme exposto na informação n.º DAJD/184/2012 do processo administrativo n.º 81/UP/2009 instruído na Secretaria-Geral da Presidência do Conselho de Ministros, e no uso dos poderes que me foram delegados pelo Primeiro-Ministro através do despacho n.º 9162/2011, de 15 de julho, publicado no *Diário da República*, 2.ª série, n.º 138, de 20 de julho de 2011, declaro a utilidade pública da Associação de Pais da Escola Básica Casal da Barôta, nos termos do Decreto-Lei n.º 460/77, de 7 de novembro, com a redação dada pelo Decreto-Lei n.º 391/2007, de 13 de dezembro.

24 de maio de 2012. — O Secretário de Estado da Presidência do Conselho de Ministros, *Luis Maria de Barros Serra Marques Guedes*, 9672012

Despacho n.º 7998/2012

#### Declaração de utilidade pública

A Sociedade Geológica de Portugal, pessoa coletiva de direito privado n.º 503380792, com sede em Lisboa, vem prestando, desde 2.11.1940, relevantes e continuados serviços à comunidade científica geológica nacional, no tocante à promoção e ao desenvolvimento das ciências geológicas, através da cooperação, da divulgação e do intercâmbio de informação e de conhecimentos científicos. Coopera com as mais diversas entidades congêneras, nacionais e estrangeiras, e com a Administração Pública, nomeadamente a Fundação para a Ciência e Tecnologia, o Laboratório Nacional de Energia e Geologia e instituições nacionais de ensino superior universitário na prossecução dos seus fins.

Por estes fundamentos, conforme exposto na informação DAJD/197/2012 do processo administrativo n.º 62/UP/2010 instruído na Secretaria-Geral da Presidência do Conselho de Ministros, e no uso dos poderes que me foram delegados pelo Primeiro-Ministro através do despacho n.º 9162/2011, de 15 de julho, publicado no *Diário da República*, 2.ª série, n.º 138, de 20 de julho de 2011, declaro a utilidade pública da Sociedade Geológica de Portugal, nos termos do Decreto-Lei n.º 460/77, de 7 de novembro, com a redação dada pelo Decreto-Lei n.º 391/2007, de 13 de dezembro.

Não obstante, a entidade deverá comprovar anualmente a manutenção da sua situação de suficiência financeira, com vista à execução dos seus fins estatutários.

24 de maio de 2012. — O Secretário de Estado da Presidência do Conselho de Ministros, *Luis Maria de Barros Serra Marques Guedes*, 9662012

Despacho n.º 7999/2012

#### Declaração de utilidade pública

AANAREC — Associação Nacional de Revendedores de Combustíveis, pessoa coletiva de direito privado n.º 50280208, com sede em

Figura 8





Fundadores da Banda Nova de Rio Tinto (at. 1897)  
(depois) Banda Marcial S. Cristóvão de Rio Tinto

Comissão Administrativa

Presidente - José Martins da Silva  
Secretário - Filinto da Silva Loureiro  
Tesoureiro - David Vieira  
Vogal - Domingos Augusto Pereira

Boavista Rio Tinto  
Vale de Flores " "  
Boavista " "  
Boavista " "

Executantes

Regente - José Ferreira das Neves  
Alfaiates - Manuel Ferreira Morais  
              Jesus Ferreira Maudeslay  
              Francisco Bento da Silva  
              José Boagreira  
              Antonio Pereira Pinto  
              Antonio da Rocha  
              Américo da Rocha  
              Manuel de Oliveira e Sousa

Vale de Flores Rio Tinto  
Boia Boia  
S. Caelano Rio Tinto  
Boia " "  
Bouçoucos Boia  
Boavista Rio Tinto  
Boavista " "  
Mondalho " "  
Travagem Buziminde

Saxofones - Alfredo Francisco Lemos  
              Antonio Filipe de Oliveira  
              Joaquim Mendes de Sousa

Mondalho Rio Tinto  
S. das Pintas Boia  
S. Moximinho de Campo Valongo

Cornetas - Antonio Teixeira Ferreira  
              José Teixeira Ferreira  
              Aurindo Moreira Costa  
              Florentino da Silva Oliveira Gomes  
              Pedro da Costa

Vale de Flores Rio Tinto  
Vale de Flores Rio Tinto  
Vale de Flores Rio Tinto

Champanha - Serafim Teixeira  
              José da Costa  
              Manuel Martins de Oliveira

Bouçoucos Boia  
Estrada Nova Rio Tinto  
Lameiro " "

Tambora - Joaquim Ferreira Garrido  
              João de Sousa Camilo  
              Pedro Teixeira Ferreira

Ferreira Rio Tinto  
S. Moximinho do Campo Valongo  
" " " "

Bonifaz - João Teixeira Ferreira  
              Francisco Moreira

Boavista " Rio Tinto  
" " " "

Bateria - Alfredo Ferreira Lopes  
              Alfredo Felix da Conceição  
              José Ferreira Garrido

" " " "  
Braz Oleiro " "  
Boavista " "

Caixas - Pedro Ferreira Garrido  
              Joaquim da Silva

Mondalho " "  
Mondalho " "

Bombo - Diamantino Ferreira Garrido  
              José Ferreira Garrido (Bito)

Boavista " "  
" " " "

Nota: - São os fundadores e os que fixaram o 1º serviço oficial  
realizado em Baquim do Monte, Rio Tinto, em 15/3/97  
(Santa Barbara).

Inaugurado na sessão Solene em 05/3/98.

Figura 11

*Recantado ao S. João em Garguilha da Santa*

*Suavemente*

*Cópia a que se fez a 26 de Maio de 1930*

Figura 12

Nº 07450

  
**Castanheira D C.<sup>a</sup>, Sucessor, L.<sup>da</sup>**  
 FÁBRICA DE INSTRUMENTOS MÚSICOS  
 FUNDADA EM 1860 — FORNECEDORES DO EXÉRCITO DESDE 1869

PIANOS \* HARMÔNIOS \* INSTRUMENTOS \* ACORDEÕES \* CONCERTINAS \* GRAMOFONES E DISCOS \* T. S. F. (RÁDIO) \* OFICINAS DE REPARAÇÕES E NIQUELAGENS  
 170, Rua do Almada, 174 — Telefone, 24616

Porto, 16 de Julho de 1965 Esc. 521 \$ 50  
 • Recebemos do Sr. Rafael da Lira 1/2 louça  
 a quantia de quinhentas e vinte e cinco escudos e 50/100  
 por crédito de conta

Castanheira D C.<sup>a</sup>

Reparação do  
 Boinho. 60000  
 Foi cancelado  
 no Museu de 1972  
 Margus Lira

Figura 13

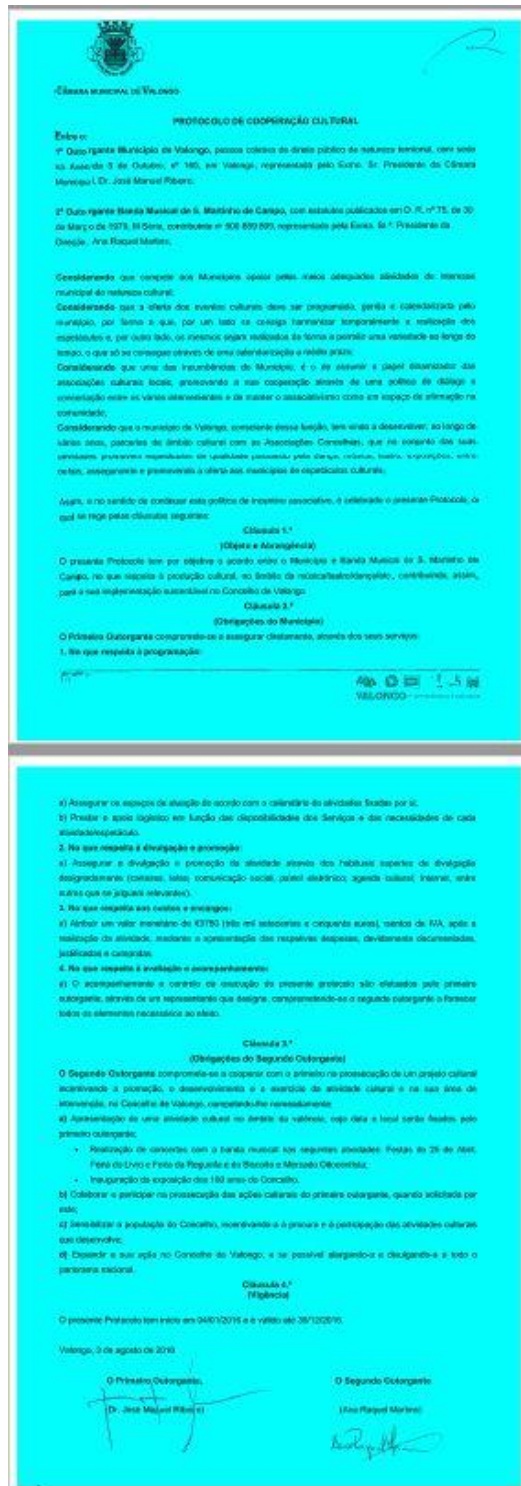


Figura 14





## MINISTÉRIO DA ECONOMIA

Direcção Geral do Comércio

### SERVIÇO DE RACIONAMENTO

#### INSTRUÇÕES

- 1) O preenchimento e entrega, no prazo a indicar, dos talões anexos é condição indispensável para o fornecimento da senha que garantirá a distribuição dos géneros disponíveis, logo que seja determinada e tornada pública a entrada em vigor do respectivo racionamento.
- 2) Depois de preenchidos os vários talões, na face e no verso, devem, até à data a fixar, ser entregues nas lojas, cantinas ou cooperativas da preferência do consumidor, únicas em que poderá adquirir os produtos à medida que forem racionados.
- 3) Em cada estabelecimento os talões serão carimbados nas divisões C e E. A parte inferior do talão (E) e separada e destina-se a ser conservada pelo consumidor; a parte superior (A e D) será pelo consumidor ou por quem o represente depositada numa caixa especial que para esse fim se encontra no estabelecimento.
- 4) Todos os talões depositados nas caixas de recepção, sem o respectivo carimbo — operação a que nenhum fornecedor se poderá eximir — serão considerados nulos, ficando o consumidor privado de abastecimento até que se regularize a sua situação.
- 5) Os auto-abastecidos, isto é, os consumidores que disponham de produtos das suas propriedades ou de outras casas agrícolas, e portanto não desejem ser abastecidos pelos retalhistas, farão, no entanto, entrega do respectivo talão num retalhista, tendo sempre o cuidado de preencher a divisão D.
- 6) Incorre na pena de falsas declarações, além dos prejuízos que lhe poderão advir para o seu abastecimento, quem não der indicações exactas quanto à composição do agregado familiar.
- 7) Os consumidores que adquiram normalmente os vários géneros indicados — por ex., mercearias, sabão, gorduras — em cantinas ou cooperativas deverão entregar os talões nas caixas das mesmas.
- 8) O carvão destinado a gasogénios não poderá ser adquirido nas carvoarias.
- 9) Nenhum estabelecimento poderá cobrar qualquer importância pela aposição do carimbo.

(Continua no verso)

## Instruções complementares

— Para assegurar o bom funcionamento das caixas de recepção, recomendar aos serviços, ou a quem faça entrega dos talões nos estabelecimentos, que **NAO OS DOBREM**.

— Como o prazo para a entrega dos talões é de uma semana, tornam-se desnecessárias «bichas» ou afilência excessiva aos vários estabelecimentos. Com vagar e ordem, todos terão tempo para entregar os respectivos talões nas casas que por livre vontade escolherem.

— É absolutamente vedado aos retalhistas fazer pressão junto dos consumidores para darem preferência à sua casa.

— Os hotéis, pensões, restaurantes, casas de chá, cafés, colégios com internato e semi-internato, asilos, recolhimentos, estabelecimentos religiosos e outros em que seja fornecida regularmente alimentação continuam para este efeito inscritos nos respectivos gremios.

— Sempre que qualquer consumidor não utilize normalmente determinado género — manteiga, p. ex. —, deverá inutilizar, por meio de traços, o respectivo talão e introduzi-lo, **SEM SER CARIMBADO**, na caixa de qualquer estabelecimento. Quanto as gorduras, quem preferir azeite ou óleo à manteiga ou queijo ou à banha ou toucinho deverá inutilizar pela forma indicada o talão 3 ou 4, escrevendo na divisão C «**PREFERE AZEITE OU OLEO**», e, na divisão C do talão 2, escrever «**DISPENSA MANTEIGA OU QUEIJO**».

— O talão 1 deverá ser entregue nas padarias; o 2, nas casas de azeite e óleos vegetais; o 3, nos talhos; o 4, nas manteigarias ou leitarias; o 5, nas leitarias; o 6 (e o 2, 3, 4 e 7 para os que se abastecem normalmente apenas nas mercearias), nas mercearias; o 7, nas drogarias e o 8, nas carvoarias.

— Nos concelhos limitrofes, nos lugares onde haja apenas mercearias, serão entregues nestes estabelecimentos os talões correspondentes aos vários géneros que vendem.

*Gras Maria Pinto de Almeida*

A MINISTÉRIO DA ECONOMIA  
 Direcção Geral do Comércio  
 SERVIÇO DE RACIONAMENTO  
 Talão do boletim N.º **181182** Sector .....

Rua ....., n.º ....., andar .....

(Deve ser cuidadosamente conservado pelo chefe de família, como elemento base para reclamações ou qualquer alterações futuras)

Data **28.8.1943**

Rubrica do distribuidor  
*[Signature]*

4

Fonte: ephemera.racionamento - 1943

MINISTÉRIO DA ECONOMIA  
 INTENDÊNCIA GERAL DOS ABASTECIMENTOS  
**CARTA de RACIONAMENTO de GÉNEROS**  
 N.º do Boletim **707:017**

**LISBOA**

Nome .....

Morada .....

ARROZ -12-	ARROZ -11-
JUNHO	JUNHO
ARROZ -10-	ARROZ -9-
MAIO	MAIO
ARROZ -8-	ARROZ -7-
ABRIL	ABRIL
ARROZ -6-	ARROZ -5-
MARÇO	MARÇO
ARROZ -4-	ARROZ -3-
FEVEREIRO	FEVEREIRO
ARROZ -2-	ARROZ -1-
JANEIRO	JANEIRO

CARTÃO DE RACIONAMENTO

CARTÃO DE RACIONAMENTO

Fonte: ephemera.racionamento - 1950



Fonte: Diário Illustrado 1873

## CAMINHO DE FERRO DO DOURO

Serviço desde 20 de dezembro de 1875

<b>ASCENDENTES</b>						
Kilometros	PREÇOS			ESTAÇÕES	Horas da partida dos comboios	
	1. <sup>ª</sup>	2. <sup>ª</sup>	3. <sup>ª</sup>		N.º 21	N.º 23
	Classe	Classe	Classe		Misto	Misto
				Manhã	Tarde	
				h. m.	h. m.	
—	—	—	—	Porto ( <i>Partida</i> ).....	7,45	4,50
5	120	90	70	Rio Tinto.....	7,57	5,2
9	180	140	100	Ermezinde.....	8,10	5,15
16	310	240	170	Vallongo.....	8,30	5,38
26	500	390	280	Recarei.....	8,52	6,0
31	590	460	330	Cette.....	9,5	6,13
35	670	520	370	Paredes.....	9,20	6,28
39	740	580	410	Penafiel.....	9,33	6,41
46	870	680	490	Cabide ( <i>Chegada</i> ).....	9,48	6,56

<b>DESCENDENTES</b>						
Kilometros	PREÇOS			ESTAÇÕES	Horas da partida dos comboios	
	1. <sup>ª</sup>	2. <sup>ª</sup>	3. <sup>ª</sup>		N.º 22	N.º 24
	Classe	Classe	Classe		Misto	Misto
				Manhã	Manhã	
				h. m.	h. m.	
—	—	—	—	Cabide ( <i>Partida</i> ).....	6,20	4,19
8	160	120	90	Penafiel.....	6,40	4,39
12	230	180	130	Paredes.....	6,53	4,52
16	310	240	170	Cette.....	7,6	5,5
21	400	310	230	Recarei.....	7,19	5,18
31	590	460	330	Vallongo.....	7,41	5,43
38	720	560	400	Ermezinde.....	8,8	6,4
42	800	620	450	Rio Tinto.....	8,19	6,15
46	870	680	490	Porto ( <i>Chegada</i> ).....	8,27	6,25

Fonte: Wikipédia

## 24.2.ARTIGOS

**CAMINHOS DE FERRO**  
DO  
**MINHO E DOURO**  
Serviço de exploração

**A** CONTAR do dia 5 do corrente na estação do Porto (Pinheiro) vendem-se bilhetes, despacham-se bagagens e mercadorias de grande e pequena velocidade para todas as estações da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes.

Porto e direcção da exploração, 3 de novembro de 1877.  
O engenheiro director  
A C J Teixeira.

Fonte: *Diario Illustrado* 1877

**EM VALONGO**

**Desastre nas minas — Morte**

VALONGO, 15 — Pelas 15 horas de hoje, quando o operário Manuel Marques das Neves, casado, de 30 anos, desta vila, subia a um guindaste de 30 palmos de altura, para reparar uma pequena avaria, nas minas de Louza, pertencentes ás Empresas de Louzas de Valongo, perdeu o equilibrio, caindo sobre umas pedras, ficando gravemente ferido.

Chamados os socorros dos bombeiros, foi conduzido immediatamente ao Hospital de Nossa Senhora da Conceição, desta vila, ali falecendo momentos depois.

\*

As Minas suspenderam o trabalho até á realização do funeral, que é amanhã. — C.

Fonte: *Comércio do Porto* 1934

DOCOS

## S. MARTINHO DO CAMPO (VALONGO): Bodas de ouro da Banda

*Didrio Sobulho  
23-3-1979*

A banda de São Martinho do Campo (Valongo) comemora, no próximo domingo, as suas bodas de ouro. Fundada em Marco de 1929, por José Teixeira, todos os seus componentes eram operários louseiros. Por falecimento do fundador, a batuta passou para seu filho, que tem continuado a obra, apesar de a banda não ter muitas receitas senão aquelas que advêm de concertos em arraiais. Actualmente é composta por 40 figurantes, sendo a maior parte deles naturais da terra. Espera-se que as autoridades competentes se debruçam sobre os problemas desta banda operária e que venham em seu auxílio para não deixar desaparecer.

## AVEIRO: Exposição de Artesa-

do Bairro Novo, em colaboração com a Comissão de M...  
radores.

*Journal de Noticias 20-3-1979*

## Bandas de Campo (Valongo)

Para assinalar meio século de existência, a Direcção da Banda de Música de Campo (Valongo) elaborou um programa de comemorações para o próximo domingo, do qual destacamos: pelas 8 horas, alvorada com hastear da bandeira na sede; às 9, missa solene na igreja paroquial, em memória do fundador da banda e dos músicos falecidos, seguida de romagem aos cemitérios de Campo-Valongo e Sobrado. De tarde, a partir das 14.30 horas, verificar-se-á um encontro entre as bandas de Campo e de S. Ilago de Riba Uí que, junto da capela de Nossa Senhora da Encarnação, darão um pequeno concerto, o qual será antecedido de diversas cerimónias.



Se está a ler esta mensagem, muito mais pessoas também estão. Aproveite e divulgue a sua empresa. Contacte 112041201 ou e-mail [jornalnovoregional@jornal.com](mailto:jornalnovoregional@jornal.com)

[INÍCIO](#) | [VALONGO](#) | [GRANDE PORTO](#) | [NACIONAL](#) | [DESporto](#) | [NEGÓCIOS](#)  
[PORTO DAS ARTES](#) | [VTY](#) | [RJN](#) | [CARTÃO PODIUM](#)

NOTÍCIAS REGIONAIS TERÇA-FEIRA, 4 DE FEVEREIRO, 2018 | EM RIO TINTO - SOLEBAGAM

PEQUENAS ...

[HOME](#) | [VALONGO](#) | [CAMPO](#)

PUBLICIDADE

## Banda de Campo ganha concurso internacional no Luxemburgo



TOPICS: [Banda Campo](#) [Banda De S. Martinho](#) [Campo](#)

[Jorge Penido](#) [Marco Araújo](#)



POSTED BY: JORNAL N. REGIONAL SEGUNDA-FEIRA, 9 JULHO, 2018

A Banda Musical de S. Martinho de Campo, conquistou o primeiro prémio no Festival Internacional para Bandas Filarmónicas e Orquestras de Sopros, que decorreu sábado e domingo (dias 7 e 8 de julho) na cidade luxemburguesa de Differdange. Participaram no evento Bandas do Líbano, Polónia, Reino Unido e Suíça, para além da Filarmónica de Campo.

<http://www.jornalnovoregional.pt/2018/07/banda-de-campo-ganha-concurso-internacional-no-luxemburgo/>

1/4



No final do concurso a alegria demonstrada, devido a esta conquista, nas redes sociais pelos elementos da banda, cujo maestro é Marco Araújo, era naturalmente evidente.

Trata-se de um evento que decorre desde 1996 e esta foi apenas a terceira em que participou uma banda portuguesa, apesar do número elevado de portugueses que residem no Luxemburgo.

Para além dos emigrantes portugueses a Banda de S. Martinho contou com o apoio especial dos presidentes da Câmara de Valongo e da Junta de Campo e Sobrado, respetivamente José Manuel Ribeiro e Alfredo Sousa.

Durante esta permanência a Banda foi recebida pelo embaixador de Portugal no Luxemburgo e também na autarquia de Differdange.

A direção da Banda é presidida por Jorge Penido e um dos orgulhos desta entidade é a formação. Desde 2014 foram encaminhados dezenas de alunos para o Conservatório de Música do Porto, Academia de Costa Cabral, Academia de Lousada, Academia de Paredes e

### 24.3. IMAGENS



*Fonte: Arquivo Municipal do Porto – Banda do Internato do Porto 1923*



*Fonte: Banda de Campo, foto datada – 1971*



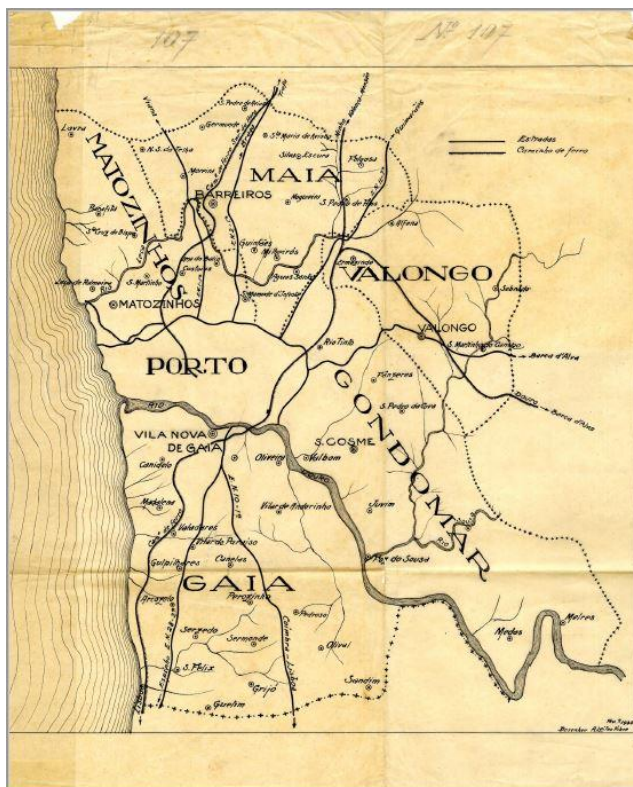
Fonte: Arquivo Histórico de Valongo Moleira de Valongo S/data



Fonte: Arquivo Distrital do Porto S/data



Fonte: Arquivo Histórico de Valongo – Ponte sobre o Rio Ferreira. Campo S/data



Fonte: Arquivo Histórico do Porto. Mapa antigo S/data

## 25. APÊNDICES

### 25.1. IMAGENS – FOTOS DE AUTOR (PEDRO ROCHA)



*Atuação da Banda de Campo. Procissão do Sr. dos Passos Valongo 2017*



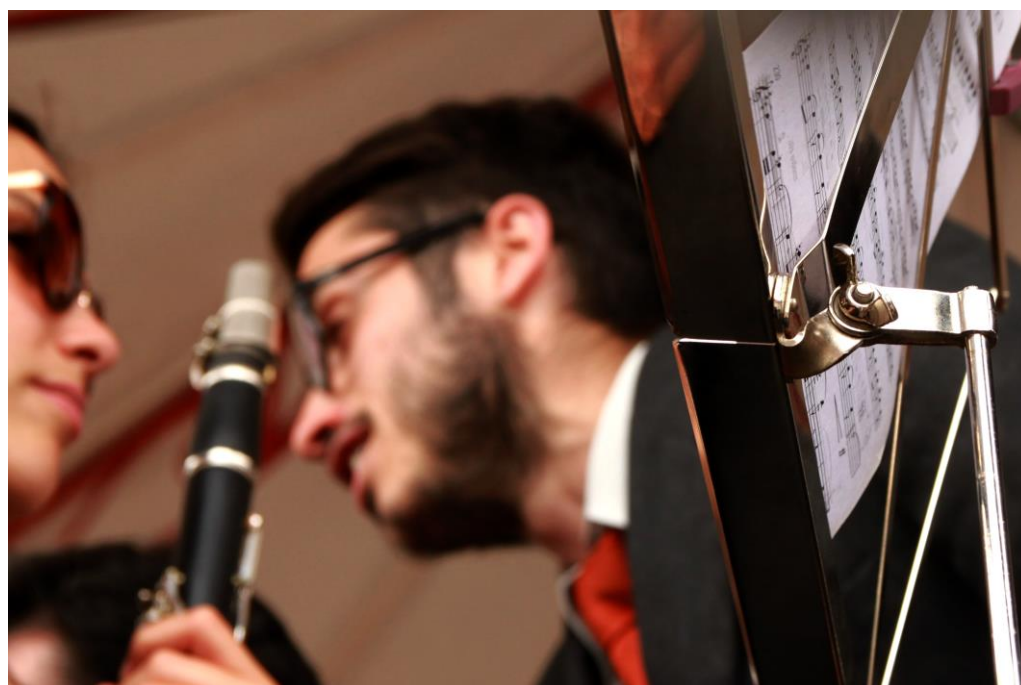
*António Carvalho e Manuel Moreira. Antigos membros da Banda 2017*



*Membros da Banda de Campo. Sr. dos Passos Valongo 2017*



*Banda de Campo no Coreto. Vila Franca de Lima. Festa das Flores 2017*



*Banda de Campo no Coreto. Vila Franca de Lima. Festa das Flores 2017*



*Igreja de Vila Franca de Lima 2017*



*Banda de Campo no Coreto. Vila Franca de Lima. Festa das Flores 2017*



*Banda de Campo em marcha. Vila Franca de Lima. Festa das Flores 2017*



*Pormenor chapéu Banda de Campo*



*Banda de Campo. Maestro Marco Filipe. Semana das Coletividades 2018. Campo*



*Banda de Campo. Semana das Coletividades 2018. Campo*



*Banda de Campo. Semana das Coletividades 2018. Campo*



*Banda de Campo. Semana das Coletividades 2018. Campo*



*Empresa das Lousas de Valongo 2018*



*Empresa das Lousas de Valongo 2018*

## 25.2. Correspondência

31/10/2018

Correio do Outlook

Procurar em Correio e Pessoal

Nova | Responder | Eliminar | Arquivar | Lixo | Varrer | Mover para | Categorias

Pastas

- Caixa de Entrada 4
- E-mail de Lixo 7
- Rascunhos
- Itens Enviados
- Itens Eliminados 26
- Arquivo
- Feeds RSS
- Histórico de Conversa

(Sem assunto)

AR Adriano Ribeiro [Redacted]  
seg 25-10, 11:59  
Você

Respondeu em 25-10-2018 16:40.

Conforme o combinado:  
João Teixeira Ferreira, 24/6/1918. Não era o mais velho, mas provavelmente o 3º ou 4º filho.  
Fundador? Se sim, com 11 anos.  
Cumprimentos.

Atualizar para o Premium

<https://outlook.live.com/owa/?path=/mail/inbox/vp>

1/1

31/10/2018

Transferir | Editar e responder | Ocultar e-mail

Word Online | Modo de Acessibilidade | Imprimir | Localizar | Leitura Avançada

(Sem assunto)

AR Adriano Ribeiro [Redacted]  
seg 01-10, 19:39  
Você

GANGRENA.docx  
14 KB

Transferir | Guardar no OneDrive - Pessoal

Ainda nos anos cinquenta, (para não afirmar que mesmo nos anos sessenta Guardas nocturnos das maiores Empresas de Louzas em Campo, tinham e para seu uso durante o turno de serviço, espingardas caçadeiras.

Conheço relatos testemunhais de pessoas que assistiram a tiros para o ar afugentar o pessoal que de noite se aproximava dos aterros, com o objecto conseguir algumas pedras para levar para casa e aí, nas horas que deveriam descansar, por sua conta, trata-las e serrá-las para o fabrico de penas.

Nos anos quarenta, um serrador de penas por conta própria, controlando movimentos do Guarda das minas, apercebeu-se que este se ausentara momentaneamente do local de trabalho, para ir beber um copo ao tascó próximo; e apercebendo-se desse facto, introduziu-se na Empresa com o intuito de furtar umas pedritas para as penas.

Mas por sua vez, o Guarda porque talvez andasse desconfiado, regressou rapidamente do que o serrador esperava, ao descobrir o intruso, utilizou a espada e alvejou o serrador numa perna.

O ferimento causado pelo tiro, originou Gangrena, deu lugar à amputação por fim, até originou a morte do atingido.

As «Eleições» em que foi «eleito» Américo Tomás, realizaram-se a 8 de Junho de 1976.

No dia 4 de Junho desse ano, uma caravana de apoio a um comício da candidatura de Américo Tomás que se realizou no Palácio de Cristal, ao passar na Freguesia da zona do Cemitério, foi muito valada por uma pequena multidão que a sua passagem e a atingiu com dejectos, água e outros.

PÁGINA 1 DE 1 | ENVIAR FEEDBACK À MICROSOFT | 100%

<https://outlook.live.com/owa/?path=/attachment/lightbox>

1/1

31/10/2018 pedro\_rocha@live.com.pt - Correio

**Correio do Outlook**

Procurar em Correio e Pess... Nova | Responder | Eliminar | Arquivar | Lixo | Varrer | Mover para | Categorias

^ Pastas

- Caixa de Entrada 4
- E-mail de Lixo 7
- Rascunhos
- Itens Enviados
- Itens Eliminados 26
- Arquivo
- Feeds RSS
- Histórico de Conversa



Atualizar para o Premium

---

**Ana Paula Vieira da Silva e Sousa**

**COMBOIOS DE PORTUGAL**

Merada Calçada do Duque 20 - LISBOA 1249-109 LISBOA

cp.pt  

**FAMILIA & AMIGOS 50% DESCONTO**

---

**De:** Pedro Rocha [redacted]  
**Enviada:** quarta-feira, 11 de julho de 2018 09:49  
**Para:** SOUSA, Ana Paula Vieira da Silva e [redacted]  
**Assunto:** Pedido de informação - Tese Mestrado

Boa dia

Dra. Ana Sousa

Conforme contacto telefónico, pedia a sua atenção para a possibilidade de facultar eventuais registos escritos e de imagem (apeadeiro de 1935- Valongo), de um funcionário ferroviário de nome José Teixeira Ferreira, nascido em 23/03/1884 e falecido em 13/01/1951, natural d concelho de Penafiel.

O pedido insere-se no trabalho de mestrado de Património Cultural, que estou a desenvolver na ESE - Escola Superior de Educação do Pc. O período em questão, remonta entre 1900 e 1935. Data de Fundação da Banda Filarmónica de Campo - Valongo, cujo o funcionário de c os dados, foi o maestro fundador, tornando-se dessa forma o objecto de estudo.

Desde já agradeço a sua disponibilidade e dos vossos serviços, com estima e os melhores cumprimentos.

Pedro Rocha

<https://outlook.live.com/owa/?path=/mail/inbox/tp> 1/1

31/10/2018 pedro\_rocha@live.com.pt - Correio

**Correio do Outlook**

Procurar em Correio e Pess... Nova | Responder | Eliminar | Arquivar | Lixo | Varrer | Mover para | Categorias


^ Pastas

- Caixa de Entrada 4
- E-mail de Lixo 7
- Rascunhos
- Itens Enviados
- Itens Eliminados 26
- Arquivo
- Feeds RSS
- Histórico de Conversa

Atualizar para o Premium

---

**RE: Pedido de informação - Tese Mestrado**

 **SOUSA, Ana Paula Vieira da Silva e [redacted]**  
 sex 20-07, 14:41  
 Você ✕

Respondeu em 20-07-2018 17:01.

Caro Pedro Rocha

Consultados os nossos registos de pessoal não encontramos nenhuma referencia ao nome eu nos indicou.

Cumprimentos,



Ana Sousa

---

**Ana Paula Vieira da Silva e Sousa**

**COMBOIOS DE PORTUGAL**

SECRETARIA-GERAL

cp.pt  

**FAMILIA & AMIGOS 50% DESCONTO**

---

**De:** Pedro Rocha [mailto:pedro\_rocha@live.com.pt]

<https://outlook.live.com/owa/?path=/mail/inbox/tp> 1/1

31/10/2018

Correio do Outlook

Procurar em Correio e Pess... Nova | Responder | Eliminar | Arquivar | Lixo | Varrer | Mover para | Categorias | Anular

Pastas


- Caixa de Entrada 4
- E-mail de Lixo 7
- Rascunhos
- Itens Enviados
- Itens Eliminados 26
- Arquivo
- Feeds RSS
- Histórico de Conversa

Atualizar para o Premium

Re: A/C Júlio Rodrigues - Pedido de informação - Maestro ou músico da Banda de Cête

Banda de Música de Cête <geral@bandamusicacete.com>  
seg 16-07, 20:18  
Você

Respondeu em 16-07-2018 21:35.



Transferir Guardar no OneDrive - Pessoal

Boa noite Pedro,

Estivemos a rever os nossos registos e fomos falar com os músicos mais antigos. Infelizmente não temos informação relativamente ao período indicado. Envio-lhe em anexo o registo fotográfico mais antigo que temos.

Com os melhores cumprimentos,  
Rui Barros

No dia segunda-feira, 16 de julho de 2018, Pedro Rocha <[redacted]> escreveu:

Bom dia

Conforme contacto telefónico, agradecia o possível envio de informações sobre um Maestro ou músico da vossa banda, finais do séc. XIX e início do séc. XX. O nome é José de Sousa Pinheiro, casado com Ludovina Augusto de Bragança, pais de Gracinda Bragança casada com José Teixeira Ferreira (maestro fundador da Banda de S. Martinho de Campo).

https://outlook.live.com/owa/?path=/mail/inbox/rp 1/1

31/10/2018

Correio do Outlook

Procurar em Correio e Pess... Nova | Responder | Eliminar | Arquivar | Lixo | Varrer | Mover para | Categorias | Anular

Pastas


- Caixa de Entrada 4
- E-mail de Lixo 7
- Rascunhos
- Itens Enviados
- Itens Eliminados 26
- Arquivo
- Feeds RSS
- Histórico de Conversa

Atualizar para o Premium

Re: A/c João Silva. Pedido de informação

Banda S. Cristóvão de Rio Tinto <[redacted]>  
ter 07-08, 09:46  
Você

Respondeu em 09-08-2018 09:51.



3 anexos (5 MB) Transferir tudo Guardar tudo no OneDrive - Pessoal

Bom dia, após rápida pesquisa encontrei no quadro de honra de músicos fundadores os nomes que referiu (envio foto em anexo). Assim que tenha mais conteúdos contactarei novamente.

Att,  
João Silva

A sexta, 3/08/2018, 11:23, Pedro Rocha <[redacted]> escreveu:

Bom dia

João Silva

Conforme solicitado por contacto telefónico envio a informação que tenho disponível. O que se pretende é saber se de facto os músicos em questão estiveram na fundação ou cofundação da banda de Rio Tinto em 1937. Segundo o testemunho do neto do maestro, José Teixeira Ferreira, foi com cinco filhos para Rio Tinto e esteve envolvido na sua fundação.

Agradecia para o efeito o envio de eventuais registos escritos ou de imagem a confirmar essa informação.

https://outlook.live.com/owa/?path=/mail/inbox/rp 1/1

31/10/2018 pedro\_rocha@live.com.pt – Correio

**Correio do Outlook**

Procurar em Correio e Pess... Nova | Responder | Eliminar | Arquivar | Lixo | Varrer | Mover para | Categorias

**Pastas**

- Caixa de Entrada 4
- E-mail de Lixo 7
- Rascunhos
- Itens Enviados
- Itens Eliminados 26
- Arquivo
- Feeds RSS
- Histórico de Conversa

Atualizar para o Premium

**Re: Fotos antigas**

**B** Banda Musical de S. Martinho do Campo Valongo <banda.s.martinho@gmail.com>  
qua 03-10, 08:44  
Você

Respondeu em 04-10-2018 10:03.

Bom dia Sr.Pedro.

Atualmente nenhum músico da Banda Musical de S.Martinho trabalha na empresa das Lousas.

Posso é confirmar se existe algum familiar directo que trabalhe lá caso o pretenda.

Atentamente

Jorge Benido

Pedro Rocha <pedro\_rocha@live.com.pt> escreveu no dia terça, 2/10/2018 à(s) 21:50:

Olá Jorge

Sabe se atualmente alguém da banda ainda trabalha na Companhia das Lousas de Valongo?

Enviado do **Correio** para Windows 10

---

**De:** Banda Musical de S. Martinho do Campo Valongo <banda.s.martinho@gmail.com>  
**Enviado:** Tuesday, October 2, 2018 7:16:36 PM  
**Para:** Pedro Rocha

<https://outlook.live.com/owa/?path=/mail/inbox/vp> 1/1

31/10/2018 pedro\_rocha@live.com.pt – Correio

**Correio do Outlook**

Procurar em Correio e Pess... Nova | Responder | Eliminar | Arquivar | Lixo | Varrer | Mover para | Categorias

**Pastas**

- Caixa de Entrada 4
- E-mail de Lixo 7
- Rascunhos
- Itens Enviados
- Itens Eliminados 26
- Arquivo
- Feeds RSS
- Histórico de Conversa

Atualizar para o Premium

**Re: Foto de 1948**

**B** Banda Musical de S. Martinho do Campo Valongo <banda.s.martinho@gmail.com>  
seg 26-10, 22:23  
Você

Respondeu em 29-10-2018 09:59.

Boa noite Sr.Pedro. A foto de 1948 o maestro é o Jose Teixeira Ferreira. Ele foi maestro aqui na banda de 1929 a 1935 e depois de 1938 a 1950.

A seg, 22/10/2018, 18:14, Pedro Rocha <pedro\_rocha@live.com.pt> escreveu:  
Boa tarde Jorge

Sempre consegui saber alguma coisa em relação ao maestro que aparece na foto datada de 1948? Posso estar enganado, mas não me parece que Teixeira Ferreira. Acha que pode ser o filho António Teixeira?  
O Sr. Manuel Ferreira Teixeira, pode dar-lhe uma lista dos maestros, por ordem cronológica. 1º Maestro do ano X a ano Y; 2º Maestro do ano A ao fora.  
Agradecia que fosse com alguma brevidade

Obrigado

Pedro

---

**De:** Banda Musical de S. Martinho do Campo Valongo <banda.s.martinho@gmail.com>  
**Enviado:** 19 de outubro de 2018 13:46  
**Para:** Pedro Rocha  
**Assunto:** Re:

Boa tarde Sr.Pedro.

O Sr.Rafael Silva nasceu a 21/10/1920.

Atentamente

<https://outlook.live.com/owa/?path=/mail/inbox/vp> 1/1

31/10/2018

Correio do Outlook

Procurar em Correio e Pess...

Nova | Responder | Eliminar | Arquivar | Lixo | Varrer | Mover para | Categorias

Pastas

- Caixa de Entrada 4
- E-mail de Lixo 7
- Rascunhos
- Itens Enviados
- Itens Eliminados 26
- Arquivo
- Feeds RSS
- Histórico de Conversa

Atualizar para o Premium

Re: Pedido de informação

manuel dias  
sex 12-10, 08:53  
Você

Respondeu em 12-10-2018 17:50.

Boas pedro

A pessoa a quem perguntei, que trabalhou lá na década de 60, não tem conhecimento de qualquer apoio, mas um velho da bugiada conhecido pc trabalhou lá muito tempo.  
Mas ele dúvida, porque eram tão poucos bugios cerca de 70 e mourisqueiros cerca de 14.

Enviado do meu iPhone

No dia 05/10/2018, às 22:55, Pedro Rocha [redacted] escreveu:

Boas

É possível saber se a Empresa das Lousas de Valongo antes de 1974, de alguma forma apoiava o S. João de Sobrado. Dinheiro, materiais, etc....  
Se sim, em que anos é que foi.  
Existiam pessoas de Sobrado a trabalhar nas minas da Lousa.

Se fosse possível, agradecia alguma informação.

Abraço

Pedro

https://outlook.live.com/owa/?path=/mail/inbox/rp 1/1

15/11/2018

Correio - Pedro Rocha - Outlook

Outlook

Nuno César

Todas as pastas

Nova mensagem | Responder | Eliminar | Arquivar | Lixo | Mover para | Categorizar

Favoritos

- Rascunhos
- Arquivo
- Adicionar favorito

Pastas

- Caixa de Entrada 2
- E-mail de Lixo
- Rascunhos
- Itens Enviados
- Itens Eliminados
- Arquivo
- Banda de Campo
- Feeds RSS

Atualizar para o Office 365 com Funcionalidades Premium do Outlook

Datas Maestros e outros

[redacted]

Mostrar os 13 anexos (20 MB) Transferir tudo Guardar tudo no OneDrive

Boa tarde, Envio as fotos das placas que acompanham as fotos dos maestros na sede da banda.

Envio também a foto de 3 lápides de meus familiares que fundaram a banda, contendo datas de nascimento e falecimento.

O meu avô Adelino que se estreou com 9 anos na banda, o irmão João e o Pai deles José.

O outro irmão Antonio, que foi maestro deve estar sepultado em Valongo, pois não encontrei no cemitério de Campo

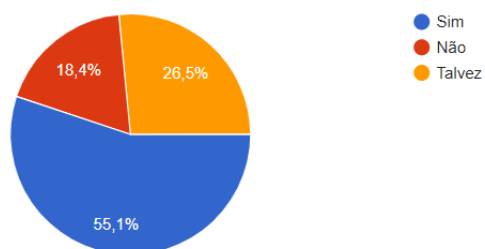
https://outlook.live.com/mail/id/AQMkADAwATMwMAI0DYxY01MT5LTAwAiwMAoARgAAA0qYXsBw1dP0TFHZZ2K6pIHAGIEqleDU6ZOhIKLu1kb3AAAIBDAAAAGIEqleDU6ZOhIKLu1kb3AAAIAAA%3D 1/2

### 25.3. INQUÉRITO BANDA DE S. MARTINHO DO CAMPO

Inquérito realizado com o propósito de compreender o grau de importância que os membros da coletividade atribuem à elaboração da tese sobre a banda de música. Era uma questão de legitimação e consolidação do trabalho, quanto maior fosse o interesse das pessoas, maior seria a sua participação e envolvimento no processo, tratava-se de democratizar o tema. Os quadros abaixo contem 14 perguntas de um total de 14. O questionário foi realizado em 02/10/2018 e teve como amostra 65 indivíduos frequentadores do Espaço Musicultural de Campo e membros da Banda de Campo, de ambos os sexos e diferentes faixas etárias, responderam 50.

## Conhece a história da Banda de Campo?

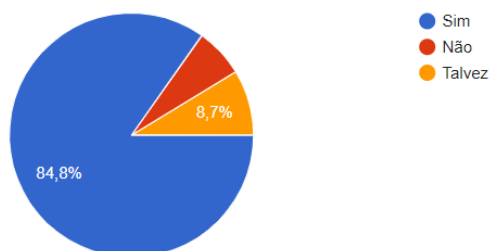
49 respostas



## História da Banda de Campo

## Já manifestou interesse em conhecer?

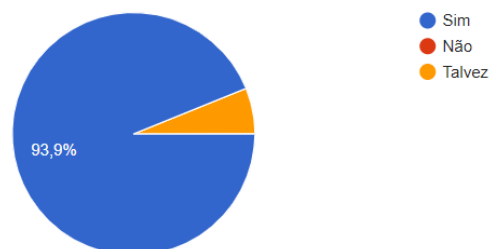
46 respostas



## História da Banda de Campo

Considera que o conhecimento da história da banda, aprofunda o sentido identitário da localidade?

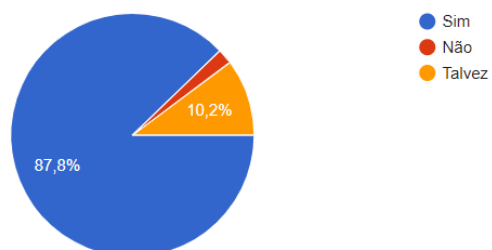
49 respostas



## História da Banda de Campo

Considera que o conhecimento da história da banda, será uma mais valia na formação musical e dos seus membros?

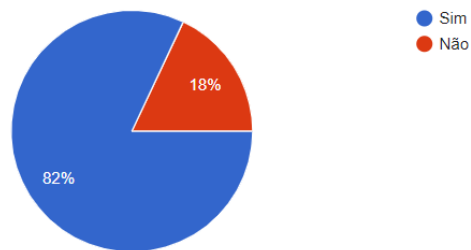
49 respostas



## Importância Social e Cultural Banda de Campo

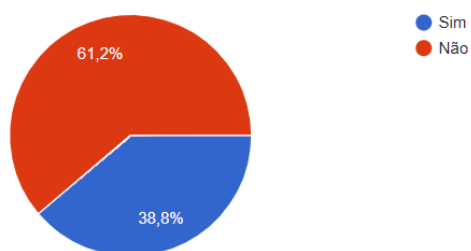
### É membro da Banda?

50 respostas



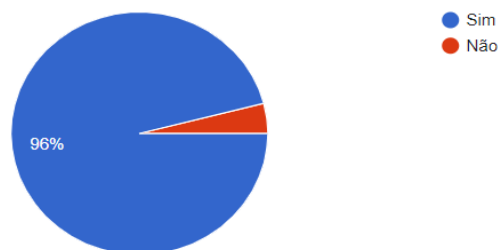
### Frequenta a Escola de Música?

49 respostas



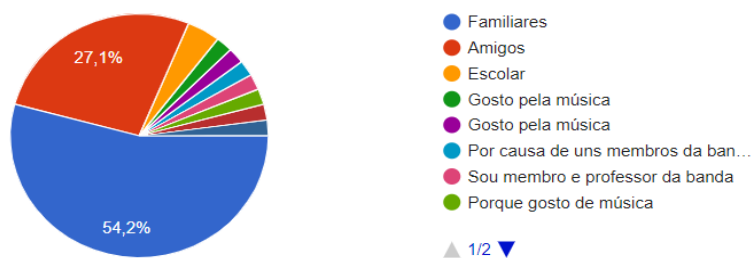
### Participa frequentemente nas actividades promovidas pela colectividade musical?

50 respostas



### Começou a frequentar o Espaço Musicultural de Campo por razões

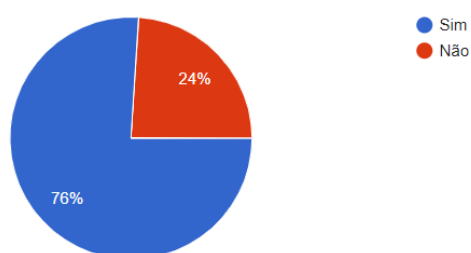
48 respostas



### Tem membros da família na formação musical?

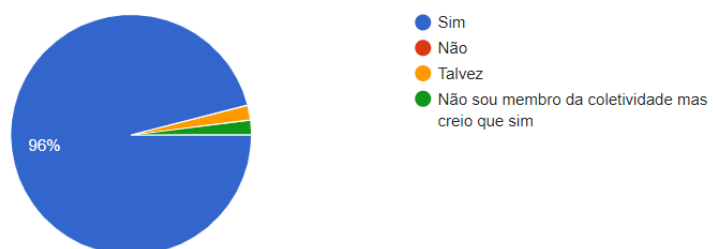


50 respostas



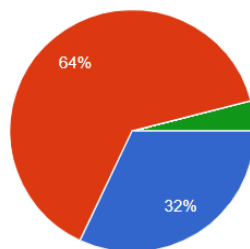
### Ser membro da colectividade aumentou a valorização pessoal e uma maior integração na comunidade local

50 respostas



### Conheceu a Banda de Campo através de:

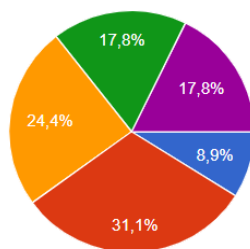
50 respostas



- Amigos
- Familiars
- Escola
- Orgãos institucionais (Câmara, Junta de Freguesia, etc.)

### É membro da formação musical há

45 respostas

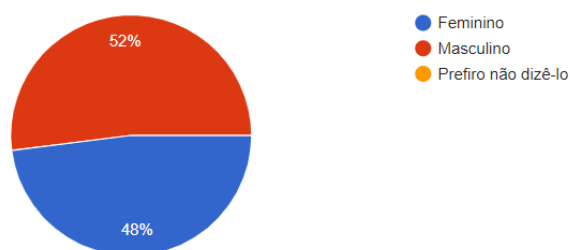


- Menos de um ano
- Mais de um ano
- Entre cinco e dez anos
- Entre dez e vinte anos
- Mais de vinte anos

## Género e dados etários

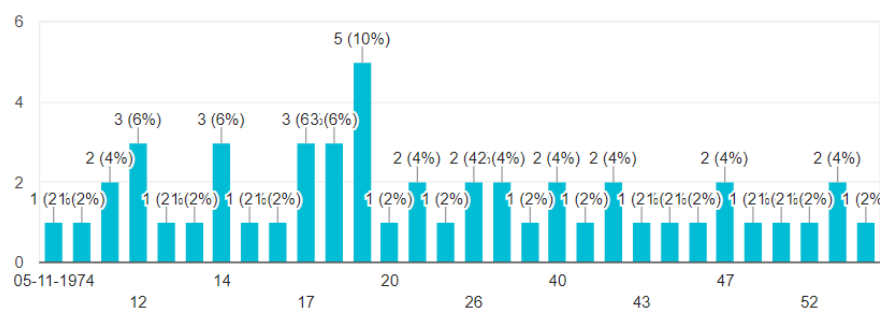
### Género

50 respostas



### Idade

50 respostas



Inquérito realizado através de: <https://docs.google.com>

**NM**